3 1761 07046965 5

ALBERTO PIMENTEL

O melhor Casamento

ROMANCE

LISBOA
GUIMARÃES & C.ª — Editores
68 — Rua do Mundo — 70

O melhor casamento

Comp. e imp. na Imprensa de Manuel Lucas Torres
Rua Diario de Noticias, 59 e 61 — Lisboa

ALBERTO PIMENTEL

O melhor casamento

ROMANCE

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9261
P46M4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

JUN 27 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

http://www.archive.org/details/omelhorcasamento00pime

Á MEMORIA

DE

JULIO CESAR MACHADO

Principe dos folhetinistas portugueses

Homenagem de saudosa amizade

I

Retratos de familia

No tempo em que eu vim para Lisboa — onde isso já vai... — havia uma numerosa falange de homens muito conhecidos por qualquer motivo ou sem motivo nenhum.

Entre outros, falava-se do Juca Tagilde, a que eu desde logo ouvi fazer amaveis referencias no *foyer* dos teatros como protector de todos os comicos; e na loja do Barbosa, ao Chiado, como entendedor de belas-artes, respeitado pelos bons pintores que ali iam.

A primeira vez que o vi foi á porta do Passeio Publico, num dia em que Mariano Feio, tradutor da *Chave da sciencia*, do abade Moigno, me acompanhava. Antes de o cumprimentar, Mariano soprou-me:

— Repare. E' o Juca Tagilde.

Fez-me impressão esse homem por uma distinta sobriedade de maneiras, quasi negligentes, e pelo que quer que fosse de estranho na sua fisionomia, talvez abstrata, talvez desdenhosa.

— O que sabe você da vida dêle? perguntei.

— Apenas o que toda a gente sabe, respondeu Mariano Feio: que é rico, instruido e excentrico.

— Excentrico... repeti eu. Bem me quís parecer.

— Fala a meio mundo, mas convive pouco. Frequenta os teatros, sem frequentar os camarins, e não se recusa nunca a aceitar bilhetes de beneficio ou de récitas de caridade.

— Casado?

— Não, solteiro.

— Rico e solteiro! Onde mora ele?

— Na quinta da Benfeita, ao Lumiar.

— E' politico?

— Dizem que o Fontes ainda não pôde conseguir que ele se deixe fazer par do reino.

— Bem. Eu que ando a aprender com você e outros mentores a fauna social de Lisboa, não perderei de vista jámais a tipica figura do Juca Tagilde. Que diabo! Este homem deve ser lá de cima.

— Por quê?

— Porque Tagilde é uma freguesia do concelho de Guimarães.

— O pai era português e o filho, que nasceu no Brasil, português é, segundo *a Carta*.

Mêses depois saía com Julio Cesar Machado da livraria Carmo, lojinha da rua do Oiro, lado oriental, sempre repleta de *habitués* gritadores, o Luciano Cordeiro, o Afonso Pequito, o Gervasio Lobato, cunhado do livreiro, o Alvaro Possolo, o Urbano de Castro e outros, quando, de repente, vi Julio Machado atravessar a rua para ir falar a alguem. Reconheci que era Juca Tagilde.

Seu cumprimento foi rapido, mas afectuoso, e iluminou de agradavel realidade a fisionomia dêsse homem, que eu classificava entre abstrato e desdenhoso, julgando-o, por isso, pouco dado a impulsos de simpatia.

— Sabes quem é? perguntou-me Julio Machado, voltando.

— Sei. E' o Juca Tagilde. Um excentrico rico.

Com a sua habitual vivacidade, Julio replicou:

— Tem celebreiras, mas olha que não são destas que representam insuficiencia de espírito; excesso de espirito, sim. E' um homem muito lido e muito viajado, conhece París como as suas mãos, ama as belas-artes, consta que desenha e pinta correctamente; possue quadros de autor e bronzes *signés;* entende de numismatica, joga bem todos os jogos — o Barjona diz que não ha quem o possa vencer no bóston e no xadrez; gosta de S. Carlos, mas o que se chama gostar, porque ouve a musica fechando os olhos.

— Em extase... aditei com ironia.

— Deliciando-se só com a musica e pela musica. Podes crer que não ha em S. Carlos outro assim. A não ser algum comendador da rua dos Bacalhoeiros que esteja a dormitar.

— E que idade lhe fazes?

— Quarenta anos, pouco menos.

— Deve ser isso. Se ele em S. Carlos está com os olhos fechados, não foi lá decerto que te viu a primeira vez.

Julio Cesar Machado riu-se.

Pois foi justamente em S. Carlos que ele me falou a primeira vez, num intervalo, com os olhos bem abertos, quando o dr. Tomás de Carvalho mo apresentou. Saberás que nunca mais deixou de cumprimentar-me onde quer que me veja. E contudo tinha de que orgulhar-se. Já uma vez el-rei D. Fernando parou em pleno Chiado a falar com ele sobre qualquer assunto de belas-artes.

— El-rei D. Fernando parou no Chiado!

— Ainda o não viste a pé, sózinho?

— Não vi, e pensei que fosse contra o protocolo.

— E' que depois que a rainha morreu, ele importa-se menos com o protocolo. Agora outra coisa,

Não estranhaste que eu atravessasse a rua para ir cumprimentar o Tagilde, dando-lhe a consideração que só se dispensa ás altas personagens e ás damas?

— Estranhei.

— Basta que te diga... Quando eu me dispus a ir a París, um jornal onde tenho amigos noticiou o meu projecto de viajem. Encontrei o Tagilde que me ofereceu com insistencia cartas de recomendação para artistas notaveis, oh! bem notaveis todos eles. Aceitei reconhecido. No outro dia mandou-me as cartas a casa e juntamente um cheque de dez mil francos sobre o seu banqueiro. Isto não se pode esquecer. O marquês de Nisa não teria feito melhor... outrora.

— E' certo.

— Quando regressei procurei-o na Benfeita, restitui o cheque e passei duas horas deliciosas conversando de París com ele, a quem bem pode chamar-se, segundo o vocabulario do *boulevard*, «um parisiense de París». E' mais de lá que de cá, felizmente.

— Ele tem amantes, Julio?

— Pelo menos, não se lhe conhecem. Creio que não tem. E sabes por que? Porque em Portugal não ha mulheres desse genero que possam prender um homem tão requintadamente esteta e idealista como ele é. Nem sequer temos cocotes de primeira classe, que possam dar a impressão de duquesas.

— Então a *duquesa de Bellune?*

— Essa está um caco e nunca qualquer outra mulher foi menos duquesa do que ela. O Juca vai frequentes vezes a París e a Londres... isso o poderá contentar talvez. Não te parece?

— Já o viste conversar com el-rei D. Fernando. E com o marquês de Valada?...

— Nunca, nem se entenderiam... O Juca é um

espiritual, um homem de sonho, um artista, alêm de ser uma figura saliente.

Passaram alguns anos e eu fui-me costumando a vêr o Juca Tagilde, nas ruas, nos teatros, especialmente em S. Carlos, sem que já me fizesse maior impressão do que outros muitos homens tão conhecidos como ele.

E confessarei até que a sua figura, aliás interessante e original, me ia parecendo um pouco monotona pelo seu eterno ar de pensador melancolico ou observador desdenhoso, pela excentricidade talvez proposital de sorver a musica em S. Carlos com os olhos fechados, e mais ainda pela uniformidade do seu fato, cortado á inglesa, calças pretas e largas, sobrecasacas de côr, chapeu alto irrepreensivelmente brunido.

Achei pretencioso o monopolio da sobrecasaca em todas as estações do ano, variando as *nuances*, jámais o talhe; sobrecasaca cinzenta ou escura no inverno, quando todos os outros homens andavam de paletó; sobrecasaca alvadia, clara, de fazendas leves como seda, no verão, quando os janotas de Lisboa se afadistavam de rabona e chapeu de côco em pleno Chiado.

De mim para mim cheguei a pensar que Julio Cesar Machado, espirito galante e generoso, tinha folhetinizado excessivamente as informações que me dera a respeito de Juca Tagilde.

Contudo, uma noite, na loja do Barbosa, o pintor Anunciação, estando presentes os seus colegas Lupi e Chaves, bem como Rangel de Lima, director das *Artes e Letras*, lançou diante de mim, sem que nenhum deles protestasse, esta afirmação categorica:

— Ninguem desenha melhor que o Juca e, se precisasse viver das suas aptidões artisticas, seria no retrato um competidor perigoso para nós todos.

Homem de estatura regular, mais rijo do que nutrido, Juca mostrava-se salutarmente adaptado á vida serena e distraída que levava, apesar da sua fisionomia nevoenta e do seu ar enfastiado ou ironico.

O que é certo é que todas as celebridades de Lisboa, incluindo o Juca Tagilde, completa, absolutamente me esqueciam, bem como a propria «cidade de marmore e granito» e o «Tejo de manto azul», quando eu, no estio, ia fazer a minha temporada de descanso anual, impregnar-me da linda paisagem do norte, bebê-la no ar com os olhos, ao contrario do Juca que em S. Carlos os fechava para beber a musica.

E desta vez ia eu mais contente porque me sobrescritava para as Caldas de Vizela, deliciosa região minhota, onde já então não faltavam comodidades e recreios, que talvez ali levassem mais gente que o reumatismo.

Mas entre muitos turistas, entre muitas pessoas sãs que por simples mundanismo lá estanciavam, havia alguns autenticos reumaticos, e um deles era o sr. Veiga, português dos antigos, optimo conversador, que discorria sobre coisas do Minho, especialmente do concelho de Guimarães, porque ele só conhecia o norte do país, nunca tinha vindo a Lisboa.

Ora um belo dia o sr. Veiga desfechou-me esta inesperada pergunta:

— Ouviu alguma vez na capital (estilo Portugal-velho) falar de um individuo que se chamava Juca Tagilde?

— Chamava e chama. Ainda é vivo.

— Antes assim. Eu já o fazia morto, porque os ricos apodrecem mais depressa que os pobres.

— Tem razão. Mas o Juca está muito bem disposto. Tambem não é velho. Terá quarenta anos.

— Era o que eu lhe calculava. Trata-o de amigo ou só o conhece de vista?

— De vista, apenas. Mas, diga-me uma coisa : donde o conhece o sr. Veiga ?

— Eu não o conheço, mas a sua gente era da minha terra e meu pai tinha quinze anos quando o pai dele foi para o Brasil. Como rapazes da mesma freguesia e da mesma idade, eram muito amigos.

— E que terra é ?

— Tagilde.

— Ah! Eu tinha uma vaga suspeita de que o apelido proviesse do nome da localidade...

O sr. Veiga atalhou-me:

— Ele nasceu no Brasil, mas o pai e os avós eram de Tagilde. E agora me lembra perguntar : O Juca conserva-se solteiro ?

— Conserva.

— Não me admiro, pelo que me contou, ha que tempos! o sr. dr. Sales, meu patricio, conego da Real Colegiada e prégador régio, que em Coimbra foi companheiro de casa do Juca.

Passei agradavelmente duas horas, talvez, ouvindo o que ele sabia, por seu pai e pelo conego Sales, da familia e da mocidade de Juca Tagilde.

E isso me basta por agora.

Segundo o testemunho do sr. Veiga, explanado num tom de singelissima sinceridade, o avô de Juca, por nome Joaquim Alves, era um lavrador apenas remediado, homem de bem, muito consciencioso e temente a Deus. Sua mulher provinha de uma familia de camponeses, que tambem não eram ricos, mas bondosos, laboriosos e benquistos.

Foi um casamento de amor como tantos outros que outrora se inspiravam unicamente na reciproca afeição dos noivos, segundo a divisa ultra-romantica : «O teu amor e uma cabana»; desinteressadas ligações conjugais a que o nosso povo dava o nome de «casamentos de Deus».

Tambem no conceito popular corria que jámais estes casamentos eram estéreis. Deve ter havido muitas excepções. Mas o de Joaquim Alves com Libania Rocha foi dos que o povo cria felizes e fecundos.

Quanto a fecundidade, chegou a parecer excessiva: em três anos três filhos. Os pais, deitando contas á sua vida, receavam pelo futuro, mas o *brasileiro* da Vinha Nova, que era padrinho do primogenito, animava-os dizendo:

— Não penseis no Chico, porque tendo elle catorze anos eu me encarrego de o embarcar para o Brasil, e até lá não lhe ha de faltar roupa para ir á escola aprender a ler e a contar bem. Eu nem tanto sabia quando embarquei. Das duas raparigas fazei criadas de lavoura, ou mandai ensinar a qualquer delas o ofício de tecedeira que é rendoso.

Os pais agradeciam o oferecimento do compadre Torcato, mas penalizava-os intimamente a previsão da ausencia do filho para tão longe. Choravam a ocultas quando falavam nisso e era sempre que o Chico dava provas de prematura esperteza, muito vivo, a ponto do brasileiro dizer:

— Este vem de lá rico, assim ele não tenha pressa de enriquecer.

Tais palavras do compadre Torcato envolviam uma boa dose de filosofia experimental. Ele trabalhara não poucos anos, sempre resignadamente, para juntar um modesto peculio de doze a quinze contos de réis. Não tivera pressa. Outros, os ambiciosos, impacientes e sem escrupulos, capitalizavam em menos tempo enormes riquezas ganhas em negocios escuros.

E quando alguem lhe perguntava que negocios escuros eram esses, ele respondia com graça:

— Pode haver negocios mais escuros que o trafico dos negros? Mas não é só a escravatura, tambem a

moeda falsa, a agiotagem, e outras endróminas. No Brasil ha de tudo: cai lá o bom e o mau.

Como o Chico aprendesse na ponta da lingua a doutrina cristã para ir á primeira comunhão, os pais lembraram ao compadre Torcato que pela amostra se via poder o Chico dar um bom pndre.

Queriam, coitados, evitar que ele embarcasse.

Mas o brasileiro da Vinha Nova refilou intransigente:

— Não queirais estragar o futuro do meu afilhado. Para o comercio é que ele tem geito, lembrai-vos do que se passou na romaria de S. Torcato, quando ele, aos sete anos, acertou as contas entre o barraqueiro e aqueles três fregueses que teimavam estar a soma errada. Leva mais tempo a aprender latim de que a chegar ao Brasil. Depois de lá estar, o rapaz ha de ser aproveitado pela sua habilidade para as cifras. Daqui a dois anos vou pô-lo em casa de um guarda-livros, que é mestre de escrituração no Porto. Ha de ir para o Brasil com todos os sacramentos para ser feliz.

— E com a protecção de Deus Nosso Senhor, acrescentou reverentemente Joaquim Alves.

— E' claro que sim, assentiu com firmeza o brasileiro. Mas Deus está no ceu e os homens estão na terra, e é entre os homens que nós temos que viver. Doutrina já o Chico sabe até de mais...

— Nunca é demais... aventou comedidamente Joaquim Alves.

— No Brasil é. Lá ninguem lhe perguntará por isso. A mim ninguem me perguntou se eu tinha religião ou não tinha. E deixe-me dizer-lhe, compadre Joaquim Alves, eu sempre cri em Deus, mas com quem me aconselhava não era com os frades, era com a minha consciencia, e sempre a respeitei. Por isso, aqui vivo sem remorsos, como no Brasil vivi

sem ambições. Trabalhei muito, ganhei lisamente alguma coisa, e isso me basta para fazer bem, que mal nunca fiz ao meu semelhante.

— Isso, sr. compadre, retorquiu Joaquim Alves, é o que diz a doutrina cristã. Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

— Isso é o que nos diz a consciencia. Olhe que a consciencia é como o mar oceano, que deita fóra tudo o que é pôdre.

— Mas ha uma coisa que me faz scismar, sr. compadre. Qual é a consciencia dos malfeitores, que vivem contentes e felizes? perguntou Joaquim Alves, coçando a cabeça num gesto de atribulada duvida, receoso de ter proferido uma heresia.

O brasileiro, percebendo sagazmente as dificuldades deste problema teologico, que punha em cheque a sua teoria sobre a consciencia, respondeu evitando-o:

— São coisas de costa arriba, que a nossa razão não pode atingir.

— Sim, sim, concordou logo o Alves, reconciliando-se com as suas crenças religiosas. Tudo se paga neste mundo ou no outro.

— Neste mundo nem todos pagam; agora no outro... não sei.

— Deus o sabe, disse, com humildade cristã, Libania Rocha, que voltava da cozinha.

— E' verdade, comadre. A gente não pensa toda do mesmo modo e cada um lá tem a sua ideia. A minha é que os filhos devem ser educados a amar o trabalho e a caridade. Eu nunca tive filhos, mas gosto muito de crianças, especialmente do Chico, por ser meu afilhado e muito esperto.

Joaquim Alves interveio, sorrindo com bonomia:

— O sr. compadre não tem filhos brancos... mas quer á pretinha Miquelina como se fosse sua filha.

— Isso quero e minha mulher tambem. Salvamo-la das garras da escravatura quando a separavam dos pais para leiloá-la. Ela chorava tanto e era tão engraçadinha, tinha uns olhos tão bonitos, que quem a comprou fui eu, não para a revender quando ela pudesse trabalhar, mas para a tratar sem azorrague como criada de minha mulher. Hoje Miquelina é a nossa filha preta, a Pretinha, assim todos lhe chamam com estima, porque é digna disso.

— Não sei como nessas terras do Brasil ainda se consente vender e comprar escravos só porque não são brancos como nós! disse piedosamente Libania Rocha. Isso não é terra de cristãos; é terra de judeus.

— Sossegue, comadre Libania, que o seu Chico não vai para a Judeia, mas para o Brasil, e entrará logo pela janela, porque ha de ir a saber muito bem toda a especie de escrituração comercial. Não vai como tantos rapazes do nosso concelho, que só podem ser marçanos. O Chico não, o Chico irá fazer serviço no escritorio de uma firma ou de uma Companhia; aos vinte anos, ou antes de isso, será guarda-livros e aos trinta será patrão ou socio.

Dos doze aos catorze anos, levando um bom enxoval que o brasileiro pagou, esteve o Chico no Porto, em casa do guarda-livros Mota, que recebia alunos internos e morava na rua Formosa quasi ao pé do Bonjardim.

Entre todos os seus discipulos, seis internos, e uns dez ou onze externos, que frequentavam o curso nocturno, Mota distinguia com singular consideração Francisco Alves, estudante que, pela sua precoce competencia, substituia o professor quando recolhia a casa mais adoentado dos rins pelo abuso da vida sedentaria, segundo dizia o cirurgião Antonio de Andrade, santo homem, com as algibeiras atafulhadas de rebuçados para dar ás senhoras e ás crianças.

Eu mesmo, que estou pondo isto em escritura, chupei alguns desses rebuçados, que eram excelentes, fabricados pelas doceiras Palaias.

Quando o Chico substituia o mestre, era muito para vêr-se a atenção com que o escutavam os outros alunos, mais velhos do que ele cinco ou seis anos.

E, diga-se tudo, até gostavam da substituição porque o Chico era menos impaciente que o Mota sempre que tinha de repetir as explicações, que não haviam sido logo entendidas ou só imperfeitamente haviam sido compreendidas pelos ouvintes.

Aos domingos, Mota não saía de casa, fatigado de trabalhar toda a semana de dia e de noite, e entretinha-se ensinando ao Chico a lingua francesa, enquanto os outros alunos internos andavam em passeio, acompanhados por um irmão da mulher do acreditado guarda-livros, a que então ninguem chamava ainda contabilista.

Mota dizia frequentemente ao discipulo amado:

— O Brasil tem constantes relações comerciais com a França e a língua francesa ha de ser-te de muito prestimo, não só para a correspondencia, como para servires de interprete quando os teus patrões, decerto pouco ilustrados, precisarem tratar directamente com agentes franceses.

Entusiasmado pelas elogiosas informações do professor e a pedido dele, o brasileiro Torcato deixou estar o Chico no Porto mais alguns meses depois dos catorze anos, a abeberar, expressão sua, porque o Mota já confessava que lhe custaria privar-se da convivencia e até do auxilio de tão inteligente e trabalhador rapaz.

Mas um dia chegou em que o padrinho fôra buscar o Chico para ir a Tagilde despedir-se dos pais.

Joaquim Alves e a mulher tinham-se habituado in-

conscientemente á ausencia do filho, o qual, por sua parte, achou a casa paterna muito menos atraente que a aula do Mota.

Contudo, pais e filho choraram no momento da despedida e o brasileiro viu ainda lacrimejar o afilhado quando perdeu de vista Tagilde, a aldeia natal, sem que proferisse qualquer queixume de saudade.

— E' um homem! pensava contente o brasileiro.

Foi a bordo do brigue *Voador* que o Chico tornou a choramingar, quando abraçou o padrinho e o Mota, que tinham ido ao bota-fóra.

Mas vendo que ele, guardando o lenço, acenava com o chapeu animosamente, o brasileiro disse ao Mota, no bote em que ambos vinham para terra:

— Já cobrou animo. E' um homem!

Ao que o guarda-livros respondeu:

— E' e ha de ir longe.

II

Bafejos da sorte

Tardaram cerca de quatro meses as primeiras cartas do Chico.

Já os pais estavam inquietos com tão longa demora.

Mas o compadre serenava-os, dizendo que no Brasil qualquer colocação, ainda que fosse auspiciosa, não se podia resolver de um dia para o outro. Havia sempre muitos negocios a tratar e aos patrões faltava por vezes tempo para atenderem a todos e a tudo.

Até que, finalmente, vieram cartas do Chico para o padrinho e para o Mota, professor. O padrinho era o intermediario entre o filho e os pais, se-lo-ia tambem entre os pais e o filho, porque os pais não sabiam lêr nem escrever.

Contava Francisco Alves que o capitão do brigue *Voador* o tratara muito bem durante a viagem e lhe falara dos grandes lucros que podia fazer no Brasil quem ia para lá como empregado de escritorio, educação que o padrinho lhe proporcionára, ao passo que aqueles três rapazes que tambem embarcaram, dois do Alto Minho e um de Tras-os-Montes, não

passariam de caixeiros de balcão ou de armazem, porque não tinham luzes para mais.

Neste ponto testemunhava a sua gratidão pelo bem que o padrinho o encaminhara e pela boa vontade com que o sr. professor Mota o havia ensinado.

No mesmo dia em que desembarcou no Rio, ainda meio aturdido pelo grande tráfego comercial da cidade, foi entregar as cartas do padrinho á firma Simões & Peres.

O socio Simões não estava no escritorio, mas Jeronimo Peres lêra muito devagar a carta que era para ele, parara algumas vezes a olhar para o Chico e depois fez-lhe duas ou três banais perguntas sobre escrituração comercial.

Como entrasse um agente de paquetes, o socio Peres mandara chamar o guarda-livros e recomendou-lhe que visse o que o protegido do seu velho amigo Torcato poderia dar no escritorio.

— Não vale a pena entregar mais cartas, disse o Peres ao rapaz, se é que você as trouxe. Não procure tambem hospedagem. Ficará morando com os nossos caixeiros até que tenha emprego.

Confessava o Chico te-lo desgostado esta ultima frase, porque imaginava que teria logo colocação na casa. E, no decurso de longas semanas, chegara ao desanimo de crêr que o padrinho gastara com ele um dinheiro inutil e que o capitão do *Voador* lhe dera informações inexactas.

Durante esse longo tempo, que já atingia três meses, Francisco Alves inteirara-se do serviço de todos os caixeiros e apenas duas vezes fôra chamado ao escritorio.

Mostrara conhecer todos os livros, os seus nomes e objecto, bem como a maneira de os escriturar. Tambem respondeu a algumas perguntas sobre cambios e cambiais.

Mas o guarda-livros, em vez de lhe dizer qualquer palavra elogiosa, despedira-o com secura.

Não sabia ainda Francisco Alves que situação era a sua, e menos ainda quanto ganhava ou viria a ganhar, nem mesmo se a firma o aceitaria, e, desalentado, pensou em repatriar-se, cogitando no meio de o conseguir.

Lembrou-se de contar a sua desgraça a D. Capitolina Simões, que todos os caixeiros respeitavam muito e que não deixava nunca de valer aos infortunios de que tinha conhecimento.

— Pobre rapaz, disse ela, não chore que me aflige. Coitados de vocês, que andam por ahi sem pai, sem mãe e sem terra. Você falou alguma vez com seu Simões?

— Ainda não, minha senhora. Eu tambem trouxe uma carta para ele, mas não sei se a chegaria a lêr. Com quem falei foi com o sr. Peres, que me recomendou ao guarda-livros para vêr o que eu sabia de escritorio. O guarda-livros interrogou-me duas vezes, respondi a tudo, mas nem ele nem o sr. Peres me disseram mais nada.

— O guarda-livros é muito ciumento do seu emprego e, como já está velho, pensa que todos lhe querem fazer sombra.

— Bem entendo, minha senhora.

— Mas deixa-te estar, Chico. Não és Francisco? Os outros caixeiros chamam-te...

— Chamam-me Tagilde, que é o nome da minha terra.

— Deixa estar que eu vou contar tudo a meu marido.

Francisco Alves, chorando, quis beijar-lhe a mão, o que impressionou muito a bondosa senhora, que se lastimava intimamente de não ter filhos.

O socio Arnaldo Simões confessou á mulher que

não havia chegado a lêr a carta do Torcato, porque o Peres dissera que se tratava da admissão de um rapaz minhoto, cujas aptidões iam ser observadas. Mas se esse rapaz tinha realmente instrução comercíal, e era afilhado do Torcato, queria ele mesmo certificar-se da situação que poderia dar-se-lhe.

— Mas você, Arnaldo, vai-se guiar pelo que disser o guarda-livros ?

Simões sorriu-se e respondeu:

— Vou-me informar pelo que eu mesmo verifique.

Dois dias depois foi chamado Francisco Alves á presença do Simões, que reconheceu serem exactas as informações sobre a inteligencia e competencia do rapaz, testemunhadas pelo padrinho, e que logo o incumbiu de responder em francês a um correspondente do Havre, segundo breves apontamentos que lhe ditara.

Francisco Alves desempenhou-se cabalmente desta missão, a ponto de Simões ir dizer ao socio que era conveniente admitir o protegido do Torcato como auxiliar na correspondencia estrangeira e substituto do guarda-livros nos seus impedimentos, a fim de que a escrituração da casa não sofresse atrasos como ás vezes acontecia.

— Mas você, observou o Peres, não sabe que o guarda-livros não quer ninguem ao seu lado ?

— Conseguirei tudo por bons modos. O guarda-livros está velho e cansado. Um belo dia fica impossibilitado de trabalhar e, então, teremos um rapaz inteligente que o substituirá. Olhe, o Mota, do Porto, diz que nunca teve melhor discipulo e o Mota sabe contabilidade como gente grande.

Tudo isto referia miudamente o Tagilde nas cartas ao professor e ao padrinho, sendo que na carta a este ultimo incluia algumas linhas para serem

transmitidas aos pais, palavras apenas de estima, não de saudade.

O brasileiro da Vinha Nova esfregava as mãos de contente e repetia aos compadres a profecia do professor Mota.

— O rapaz «ha de ir longe». Foi bem encaminhado e, alem disso, tem sorte. Veja lá, comadre Libania, como logo lhe apareceu na devida altura a D. Capitolina para o proteger.

— Mas foi porque o Chico, respondeu com maternal afecto Libania Rocha, teve a lembrança de lhe ir pedir auxilio quando se viu desamparadinho.

— Pois isso mesmo é sorte, porque nem todas as brasileiras olham tanto pelo bem estar do pessoal como D. Capitolina, que é uma santa criatura e não tem filhos.

Depois o compadre Torcato, muito satisfeito, discreteava sobre o feitio de certos guarda-livros que no Brasil se impunham aos patrões e nem por doença ou velhice queriam largar o poleiro. Faziam lembrar certos empregados publicos de Portugal que não consentiam que alguem mandasse mais do que eles. Contava que o Simões era a mola real da firma, e que a seu cargo estavam as cotações, os cambios, todo o jogo de fundos e a correspondencia com as praças estrangeiras. E Jeronimo Peres tinha uma educação comercial antiga, poucas letras, e herdara do pai a casa que permaneceria estacionaria, se Arnaldo Simões não a tivesse desenvolvido e ampliado com o dote da mulher, que era filha do banqueiro Nestor.

Pela sua educação conservadora, Peres depositava muita confiança no guarda-livros, mas o socio achava-o rotineiro, vagaroso e intransigente, reconhecendo-lhe só a qualidade de ser um pintor caligráfico dos livros de escrituração.

A opinião de D. Capitolina era, neste ponto, como em outros muitos assuntos, um éco da opinião do marido, cuja perspicacia e energia ela admirava com ternura.

E tinha razão, porque a energia de Simões triunfava sempre, tanto mais que não deixava de ser mansa, mas perseverante e insinuante, não se tornando jamais agressiva e conflituosa.

Francisco Alves, nas cartas que no lapso de cinco anos mandara ao professor e ao padrinho, dizia-se incondicionalmente feliz por ter encontrado um patrão como Arnaldo Simões. Do socio Peres nem falava. Mas Simões sabia apreciar e galardoar o trabalho e a dedicação. Era seu amigo, dava-lhe repetidas provas de consideração e estima, levava-o para o seu camarote quando ia ao teatro e encarregava-o de acompanhar D. Capitolina quando os negócios o retinham no escritório.

Já por duas vezes Simões lhe aumentara o ordenado e por isso ele pudera melhorar a mesada de três moedas que estabelecera aos pais desde que principiara ganhando.

— Este rapaz, dizia Simões á mulher, foi um achado. Eu não poderia encontrar quem me compreendesse melhor, antes mesmo de eu lhe exprimir o meu pensamento ou de lhe dar uma ordem. Confio nele e muitas vezes agradeço mentalmente a você o ter-me indicado este utilissimo Tagilde, que nas mãos do Peres ficaria incompreendido e inutil.

O brasileiro da Vinha Nova, celebrando, com os pais de Francisco Alves e com o professor Mota, as prosperidades do afilhado, apenas denunciava um vago receio de que a ambição o dominasse, comprometendo a bela situação comercial a que mais cedo ou mais tarde havia de chegar infalivelmente.

Aos vinte anos, tendo-se afastado por doença o

guarda-livros, Francisco Alves substituiu-o mediante comum acordo dos dois socios. E se o Simões sabia fazer as coisas, consultando Peres sobre esta nomeação de que aliás não prescindiria qualquer que fosse a resposta do outro, Francisco Alves não procedeu com menos tino quando foi visitar o guarda-livros e lhe disse que estava desempenhando o cargo interinamente até que ele, guarda-livros, recuperasse a saude e pudesse apresentar-se. Simões comentou este passo dizendo á mulher: o Tagilde não se esquece de nada que constitue a sciencia de viver. E' espertissimo. Se nós tivessemos uma filha, eu de boa vontade lha daria.

— Não temos filha nenhuma, mas temos uma sobrinha que naturalmente ha de vir a ser a nossa herdeira.

— Faz alguma diferença, justamente por não ser nossa filha. Mas dêmos tempo ao tempo.

O banqueiro Nestor, sogro de Arnaldo Simões, era na aparencia um gêbo economicamente vestido, a quem qualquer pessoa dotada de caridade ingenua, como tantas que dão esmola na rua, poderia tomar por um chefe de familia em más circunstancias. Mas essa filantropica pessoa ficaria desiludida se o visse acender um grosso charuto havano ou parado a conversar familiarmente com algum dos mais cotados argentários.

Ele não tinha outra preocupação que não fosse a caça ao dinheiro, aceitava todos os negócios que pudessem render grandes lucros, e tanto parecia um capitalista honesto como deixava de o parecer.

Casara na mocidade com uma senhora argentina, filha de uma opulenta viuva, cuja riqueza ele administrara durante alguns anos, fazendo-a treplicar logo que acalentou a idea de trabalhar em proveito proprio, o que pelo casamento conseguiu.

Por sua parte a viuva contentou-se de ter por genro

um bom administrador, que não dissiparia a sua herança, e que demonstrava entender de todas as especialidades de comercio que enriqueciam a America do Sul e punham em contacto a praça de Buenos Aires com o mercado brasileiro.

Nestor não contrariou nunca a mulher no capricho de exibir *toilettes* ostentosas, que ele considerava um processo de propaganda para manter o seu credito de banqueiro poderoso e que de resto consumiam uma parte minima dos rendimentos dotais.

Quanto a si mesmo, Nestor, por feitio ou por calculo, mostrando-se um homem de negocios que não tinha tempo para ir ao alfaiate, vestia sempre mal, desleixadamente, ainda quando acompanhava a mulher sumptuosamente vestida.

De mais a mais ele pensava de si para si que as mulheres, quando podem variar as *toilettes* dadas pelos maridos, não precisam ter amantes que lhas ofereçam.

Todas estas excentricidades chamavam a atenção fluminense para o banqueiro e era sempre com prazer que ele, um jarrêta, se via visitado e procurado por outros capitalistas de melhor aspecto.

Na verdade, o contraste tornava-se frisante. Nestor fazia sentir que nele valia mais o dinheiro que o fato e que a sua importancia social provinha do credito que ninguem lhe contestava, apesar de não fazer selecção de negocios, contanto que fossem rendosos.

Do seu casamento com a argentina teve duas filhas, Capitolina e Inês, ambas casadas com homens ricos, mas o genro predilecto era Arnaldo Simões, porque pensava mais em ganhar dinheiro do que em gastá-lo ao passo que o outro genro, João Medeiros, gostava da vida mundana e tinha aventuras com estrangeiras caras de teatro e de circo.

Os dois cunhados, tão diferentes no genio, não vi-

viam numa intimidade cordial, porque Simões pensava do Medeiros o mesmo que pensava o sogro, a quem não queria desgostar.

A filosofia de Medeiros, com que acalmava as censuras da mulher, cifrava-se nisto: Teu pai tem dinheiro para enriquecer a nossa filha e os nossos netos, se os tivermos, e tua irmã Capitolina e o Simões não tem outro herdeiro legal senão a nossa filha. O que é preciso é evitarmos qualquer conflito com o teu velho, porque redundaria em vantagem para Simões.

As cartas de Francisco Alves ao padrinho foram rareando. O professor Mota tambem se queixava da falta de noticias e acabava sempre por dizer: «Aquele Brasil tem isso de mau, parece que a flor de saudade não se cultiva por lá».

Mas o brasileiro da Vinha Nova, apesar de tambem ter estado no Brasil e talvez por isso mesmo, era mais dificil de resignar-se.

O Chico, pensava ele sem o dizer aos compadres, é expedito e esperto de mais para gastar tanto tempo com a escrituração e correspondencia da casa. Ha de trazer tudo em dia. Se me não escreve é porque tem qualquer outra cousa que lhe dá cuidado. Deus queira que não seja tolice.

E, pensando na frase habitual do Mota, achava-a falsa, visto que ele, Torcato, nunca se esquecera da patria e dos parentes enquanto no Brasil tratou de ganhar a vida sempre paciente e serenamente.

O silencio do afilhado entristecia-o, e até certo ponto parecia-lhe ingratidão: magoava-o e incutia-lhe alguma desconfiança.

Quem estava na razão e na verdade era o brasileiro da Vinha Nova.

Alem do trabalho quotidiano no escritorio da casa Simões & Peres, o Tagilde desempenhava outro cargo de grande responsabilidade a que o atraíra

Arnaldo Simões, tal era a escrituração de uma larga agencia clandestina de escravatura.

A primeira vez que o Simões lhe falara nisto, Tagilde, educado nas opiniões do padrinho, mostrou escrupulos, quasi se recusou, mas o Simões argumentou dizendo-lhe com fluente verbosidade no seu habitual tom de energia mansa:

— Faltam braços no Brasil para dar á agricultura o desenvolvimento que ela precisa ter a fim de garantir a prosperidade do imperio e, portanto, do comercio brasileiro. Onde poderiamos nós ir procurar esses braços que nos faltam, os trabalhadores de que precisamos? O territorio é vasto e apenas espera por quem o desbrave e cultive. Mas as raças europeias não oferecem resistencia bastante para suportar o clima e o trabalho. Fomos, pois, procurar na Africa as criaturas mais aptas, pela sua robustez, saude e habitos de laboriosidade em climas quentes, para virem suprir o nosso *deficit* de braços. Mas fomos raptar, pela astucia ou pela violencia, essas uteis criaturas? Não, pelo contrario. Os proprios regulos no-las ofereceram, como genero de comercio, a troco de armas, munições, aguardente, tecidos e avelórios. E' uma simples permuta e não uma compra odiosa. Chamam-lhe escravatura, porque diz respeito a pessoas que na Africa viviam escravizadas aos régulos, não porque seja uma escravidão desumana.

— Mas as nações e os governos da Europa combatem o tráfico de negros, ousou replicar Tagilde.

— Combatem-no *pro forma*, nos parlamentos e nos jornais, os utopistas que se apregoam humanitarios. Simples poesia. Na Inglaterra, por exemplo, tem-se feito, é certo, alguma propaganda contra a suposta escravatura, mas o que lhe posso afirmar, e você poderá verificar facilmente, meu caro Tagilde, é

que neste negocio andam ocultamente muitos capitais britanicos. Ha cidades inglesas em que se fabricam e vendem fazendas proprias para o mercado africano e cuja importancia fica em parte condicionada ao bom ou mau exito de uma carregação de pretos.

— Mas eu sou português e a Portugal repugna a escravatura.

— Tenho ideia de haver lido não me lembra onde que no seculo XVI Portugal importava cada ano dez mil escravos negros e muitas escravas mouras. E' certo qne dois seculos depois — dois seculos — o rei D. José proibiu a escravatura na Madeira e nos Açores. Onde isso já vai! e a proibição não se alargou ainda a todo o territorio português.

O decreto de 1836 e a lei de 1869 estavam apenas... na massa dos possiveis

— Um dia virá, balbuciou Tagilde.

— Venham leis sobre leis reprimindo a escravatura: ela continuará a fazer-se com maior vantagem para o capital que a promove.

— Com maior vantagem?

— Sim, por certo. Proibida a escravatura, perseguidos no mar os navios negreiros, serão, por este motivo, mais elevados os premios de seguro e, portanto, tambem maiores os preços dos escravos. Veja quanto subirão os lucros liquidos do trafico da escravatura! Serão enormes, prodigiosamente avultados.

— Mas haverá empresas maritimas que se aventurem a tantos riscos?

— Empregam-se actualmente nessa aventurosa navegação, para me servir de suas palavras, dezenas de navios, como sejam corvetas, brigues e escunas. E outros muitos se estão construindo ou já aparelhando.

— E em que pensou o sr. Simões poder aproveitar o meu prestimo?

Arnaldo Simões sorriu benignamente: era o sorriso manso do triunfo.

— Ah! sossegue, meu caro Tagilde, que não penso em faze-lo negreiro, mas apenas desejo que com toda a reserva e cautela que o seu bom caracter me garante, se encarregue de fazer, por seu proprio punho, no maior segredo, a escrituração de uma parceria de capitalistas ingleses, franceses, brasileiros e portugueses.

— Portugueses tambem?

— Sim, alguns que vieram tentar fortuna e enriqueceram no Brasil.

— Meu padrinho decerto não.

— No tempo do Torcato o tráfico dos negros começava apenas e ele não adquiriu grandes lucros que pudessem garantir-lhe associar-se a empresas negreiras.

— E não eram essas, porque ainda não são, as suas ideas.

Simões tornou a sorrir mansamente e disse:

— Alguns mais assim pensavam antes de convencer-se de que a escravatura não era um comercio odioso, como em verdade não é, porque não afronta a humanidade, nem mesmo a caridade, creia. Os pretos são bem tratados, o contrario seria lesivo para os interesses de quem os compra; teem horas de descanso, como todos os servos de lavoura; e, quando adoecem, não lhes faltam aqueles remedios e cuidados que os curandeiros do sertão indicam. Na maior parte os curandeiros são tambem pretos, no que ha vantagem, porque conhecem bem as doenças da sua raça.

— Mas eu já tenho ouvido dizer que os trazem algemados no porão dos navios.

— São precauções tomadas pelos proprios régulos que os vendem, para que não fujam. Essas precau-

ções subsistem a bordo a fim de evitar que se revoltem durante a viagem.

— O meu padrinho levou para Portugal uma pretinha que ia ser leiloada e é-lhe muito afeiçoado.

— Os filhos dos escravos, quando de menor idade, virão a ser outros tantos valores, mas como as mulheres valem menos que os homens, as crianças do sexo feminino são vendidas em leilão, e não falta quem por galanteria as adquira para escravas ou aias de senhoras.

— Conta meu padrinho que a Pretinha, chorando e gritando, foi arrancada aos braços da mãe.

— Isso é o que tambem acontece com as crianças brancas quando as separam dos pais, especialmente da mãe. Mas veja quanto foi ditosa essa criança em ir para a Europa, estimada e protegida, ao passo que se tivesse ficado no sertão africano haveria tido uma vida dura, e seria, quando muito, uma das concubinas do régulo. Enfim, meu caro Tagilde, estimo ter tido esta ocasião de dissipar do seu claro espirito certos preconceitos europeus que, como vê, não teem razão de ser. Conto com a sua aquiescencia ao meu pedido e mais uma vez me felicito por ter encontrado um homem inteligente e discreto, de quem sou verdadeiro amigo e cuja amizade, estou bem certo disso, nunca me faltará.

— Nunca, repetiu convictamente Francisco Alves.

Os dois fecharam o pacto com um apêrto de mão.

Pela misteriosa escrituração do sindicato negreiro pôde Tagilde reconhecer que efectivamente era constituido por acreditados negociantes e benquistas firmas comerciais. Nele estavam interessados o banqueiro Nestor e seu genro Arnaldo Simões. Os ganhos liquidos atingiam altas somas. A's vezes uma viagem rendia dezenas de contos de réis.

De dia para dia Tagilde recebia demonstrações de maior confiança e apreço por parte de Nestor e seu genro, unicos societarios com quem estava em constante comunicação.

Um e outro apenas receavam que ele seguisse o exemplo do padrinho e se retirasse para Portugal com um capital modesto, privando-os do seu eficaz concurso.

— Homens destes, dizia Nestor, são raros e insubstituiveis. Precisamos fazê-lo criar raizes no Brasil, casá-lo, porque Tagilde não é doidivanas com mulheres, nem perde tempo com galanteios. Não é assim, Simões?

— Creio que é. A unica paixão que lhe eu conheço é o trabalho.

— Já me lembrei de o casar com a Lucia... Esse casamento seria muito vantajoso para a minha casa, porque assegurava a concentração de capitais, que de outro modo podem dispersar-se infrutiferamente.

Lucia era a filha de João Medeiros, brasileirinha galante mas débil, muito amimada e nervosa, de quem os medicos diziam que o casamento com um homem saudavel poderia talvez contribuir para uma reorganização fisiologica.

O avô tratou deste assunto, que Simões apoiou, e para o encaminhar empregaria, se fosse preciso, os vastos recursos da sua esperteza comercial.

Ele conhecia bem todos os negocios, menos os do coração, porque foi por cálculo que desposara, como sabemos, a filha da opulenta viuva argentina.

Timidamente, Lucia, que respeitava o avô e via o pai disposto a concordar, não disse que sim nem que não, não repeliu nem aprovou. Calou-se com o seu melancolico ar de menina neurastenica. E o casamento fez-se, doando o avô a Lucia um

grande dote que ficava em ser na casa Nestor, com estipulação do pagamento dos respectivos juros e de uma percentagem de lucros proporcional ao capital doado.

Desde essa hora Francisco Alves estava rico.

III

O Negreiro

Depois de casada, Lucia Medeiros continuou a ser a mesma criaturinha concentrada e scismadora, sem todavia manifestar aborrecimento nem desespero. Tratava com delicadeza e respeito o marido, que lhe correspondia com serena estima e atenciosa consideração.

Conversavam habitualmente em francês, lingua que ela falava adoçando-a na meiguice de sensiveis inflexões brasileiras, e que ele pronunciava batendo nitidamente as silabas como lhe havia ensinado o professor Mota.

Iam por vezes ao teatro, especialmente quando funcionavam companhias estrangeiras de canto e declamação. As de canto já no Brasil eram conhecidas desde o seculo XVIII; houvera até uma Casa da Opera.

Francisco Alves procurava distrair sua mulher, que seguia atentamente o espectaculo, parecendo que o transportar-se aos assuntos romanescos do drama ou da musica a sugestionava mais facilmente que as emoções da vida real.

Este facto e a aturada leitura de novelas e poe-

mas, as despercebidas horas que passava ao piano, tocando e cantando as lânguidas modinhas do seu país, fazem supôr que Lucia propositadamente procurava isolar-se na longinqua atmosfera da ilusão e do sonho, em que podia colhêr a flor ideal cujo aroma a inebriava e tinha o condão de acalmar os seus nervos doentes.

Decorreram mêses e se os incómodos da gravidez molestavam Lucia, ela suportava-os sem queixar-se. Francisco Alves, durante esse periodo, redobrou de atenções com sua mulher e levava-a mais vezes ao Imperial Teatro de S. Pedro de Alcantara.

Uma noite, em que o espectaculo espertara a curiosidade do publico fluminense, os camarotes estavam concorridos por familias conhecidas na sociedade do Rio e três deles eram ocupados pela familia Nestor, como lá se dizia, envolvendo nesta designação as filhas, os genros e a neta do famoso banqueiro.

Quando o pano subiu, havia na plateia um unico lugar devoluto. A meio do primeiro acto, entrou na sala um tenente da marinha imperial, recentemente chegado de uma longa viagem de circumnavegação.

O seu primeiro cuidado foi observar com o binoculo todos os camarotes um por um, o que pareceria natural naquele gentil rapaz que, depois de larga ausencia, gozava o ensejo de contemplar muitas das suas mais belas patricias.

Mas, tendo demorado a vista num dos camarotes, que seria o de Francisco Alves ou os que dele vizinhavam, imediatamente o oficial de marinha pousou o binoculo sôbre os joelhos e começou a arrancar, despedaçando-as, as luvas brancas com que entrara. Alguns fragmentos, arremessados bruscamente, foram cair na coxia e nas cadeiras proximas.

O publico viu, cheio de surpresa. Um movimento de curiosidade e espanto rumorejou nos camarotes e

nas cadeiras, olhares ávidos de encontrar a decifração do enigma incidiam sobre o moço tenente, que tomara uma atitude imperturbavel.

Fizeram-se comentarios, formularam-se hipoteses e conjecturas, mas nenhuma atingiu a mulher do estimado capitalista Tagilde, que aceitára o noivo escolhido pelo avô e que nunca havia sido namoradeira. Por sua parte, Tagilde não teve a menor suspeita de que pudesse ser Lucia a causa daquele gesto violento do oficial de marinha.

Considerou-o apenas como simples rapaziada, para atrair a atenção do publico, talvez efeito de copiosas libações depois de um jantar entre camaradas e amigos ou até mesmo por aposta que o champanhe suscitasse a folgazãos e destrambelhados convivas.

Contudo, havia no teatro duas pessoas, sómente duas, que compreenderam a causa de tão estranho episodio, e essas jámais a revelariam. Uma era a mulher de João Medeiros, que certo dia notara a insistencia com que aquele mesmo rapaz, então guarda marinha, olhara para Lucia e a perturbação em que Lucia tinha ficado ainda depois dele se afastar.

Desde esse dia a mulher de João Medeiros não o tornára a vêr, e tinha como certo que sua filha tambem o não viu mais.

A outra pessoa era Lucia, que nunca havia esquecido o dia em que foi alvo de ternos olhares e que mentalmente prolongava esse dia emocionante nas suas mais doces horas de recordação saudosa e de intima confidencia com a sua alma melancolica e meditativa.

Menina solteira, perguntava Lucia a si mesma quasi todos os dias:

— Porque seria que aquele simpatico moço não voltou? esqueceu-me ou morreria? Esquecer-me ele, que parecia exprimir no seu olhar apaixonado uma

súbita impressão indelevel? Não o posso crêr, os seus olhos não mentiam, declaravam-se com sinceridade e fogo. Morreria talvez. A sua longa ausencia é a de um morto. Espera-me certamente no mundo onde os anjos não teem mbtivo para chorar ou choram estrelas se Deus alguma vez consente que eles chorem.

Era para o desconhecido guarda-marinha que ela feria as mais enternecidas notas do seu piano e cantava as mais sentimentais modinhas da sua patria.

E o olhar de Lucia contemplava o luminoso ceu brasileiro, procurando o seu bem-amado na região donde a lua surgia palida e triste ou na região onde o sol desaparecia entre colunas de rubim que desabavam como as ilusões no coração das virgens desventuradas.

Lentamente a alma de Lucia tornara-se apática para tudo que não fosse a independencia do pensamento e a liberdade da imaginação. Facil foi, portanto, que o avô conseguisse impôr-lhe a sua vontade, tanto mais que na familia o banqueiro Nestor era respeitado e obedecido como um deus, que do alto dum trono de ouro regia olimpicamente os destinos dos seus parentes e socios.

Ela não teve coragem nem alento para reagir. Aceitou o noivo que o avô julgava conveniente e foi-lhe consoladora a ideia de que ninguem podia devassar um segredo do coração, que nunca violara e jámais denunciaria por acções ou palavras.

Com efeito, no teatro, Lucia, que logo reconhecêra o oficial de marinha, ficou aparentemente impassivel. Não observou, mas ouviu contar, o que em seguida se passara. E menos a preocupou esse episodio sensacional do que a certeza de que ainda era amada.

No fim do espectaculo, a mãe acompanhou-a a

casa na antiga seje de rodas altas e cortinas de oleado, que era um luxo no Brasil. Medeiros e Tagilde seguiram a pé, conversando.

Não trocaram palavra mãe e filha, durante o percurso; apenas Lucia dissera quando descia, com alguma dificuldade, o estribo da carruagem:

— Sinto dôres atrozes, mamãe.

O abalo que lhe causara o incidente ocorrido no teatro provocou um parto prematuro.

No dia seguinte, Lucia dera á luz uma criança do sexo masculino, que recebeu na pia baptismal o nome de José.

Foi muito festejado na familia o nascimento deste primeiro bisneto do banqueiro Nestor, que se mostrava contente de ter fundado dinastia e que encomendou para o Juquinha, como ele já lhe chamava, um rico enxoval de principe.

Isto era consentaneo com o gôsto que ele fazia em liberalizar a ostentação da sua familia, como reclamo de riqueza, sem prejuizo de ele mesmo ser desleixado e mesquinho no trajo.

O enxoval do menino esteve em exposição numa vidraça da rua do Ouvidor, a população do Rio viu-o e admirou-o, o noticiario dos jornais celebrizou-o em prosa elogiosa.

Envaidecia-se o velho Nestor quando lho gabavam e ou encolhia desdenhosamente os ombros, como se quisesse classificá-lo de bagatela ou respondia sorrindo: «Coisa pouca... Coisa pouca...»

O pai do menino lisonjeava-se com a ternura do banqueiro pelo bisneto, tanto mais que ele Tagilde já merecera a confiança de ser admitido como socio na parceria esclavagista, onde, como sabemos, tinha a seu cargo a contabilidade e a correspondencla, por igual secretas.

Lucia, depois que o filho nasceu, passava o tempo

afagando-o ou dedicando se, como dantes, á leitura, ao piano e ao canto, e dizia ela ao marido que o menino prometia vir a ser inteligente e artista, porque não chorava se a ouvia tocar ou cantar.

Deixou de ir ao teatro alegando os seus cuidados e responsabilidades maternais e assim, sem a menor suspeita de Tagilde e de toda a familia Nestor, evitava tornar a ver o oficial de marinha, contentando-se com entrevê-lo através de misteriosa miragem sem quebra dos seus deveres de esposa e de mãe.

Tinha a vaga esperança de que o filho fosse mais feliz do que ela, e ao mesmo passo receava que o não fosse se lhe herdasse os sentimentos liais e discretos e a sentimentalidade fantasista em geral tão mal apreciados na sociedade.

Desejava poder dar-lhe uma educação que não fosse a tradicional na familia, a dos negocios comerciais movidos pela ambição de dinheiro. Ela bem via que, a começar pelo avô, a febre do ouro era uma doença como qualquer outra febre, talvez mais perniciosa porque não permitia que jámais se restabelecesse a saude e alegria da alma.

Temia que o filho pudesse ser contaminado pelo exemplo do bisavô, do pai e do tio Simões, que não tinham outro pensamento senão trabalhar e ganhar.

Quanto o brasileiro da Vinha Nova gostaria de ouvi-la, se pudesse voltar ao Rio para saber em confidencia a sua maneira de pensar, tão concorde com a opinião dele.

Mas o bom Torcato, pela sua idade, desgostos e achaques, estava mais proximo da eterna viagem que de qualquer outra. A mulher morreu-lhe vítima de uma epidemia tifosa, que dizimara a população da aldeia, e que tambem levara o pai de Francisco Alves, cuja viuva apenas lhe sobreviveu dois anos in-

completos, ralada de inconsolavel saudade pelo marido, tão certo é que os velhos chamam os velhos, quando se estimaram com sincera ternura.

As irmãs de Francisco, afamadas como raparigas bonitas, casaram bem: uma vivia em Fafe, a outra em Cabeceiras de Basto.

O brasileiro teria agonizado na solidão, sem o amparo de um afecto, se não fosse a carinhosa assistencia da *Pretinha*, que ele arrancara ás garras da escravatura.

Muitas vezes Torcato confrontava mentalmente o procedimento de Miquelina com o do afilhado, que só de longe a longe lhe escrevia, e chegava sempre á conclusão de que apenas as almas simples eram gratas. Por isso na raça negra se encontravam frequentes exemplos de dedicação incondicional. Fóra dessa humilde e sofredora raça, que não duvidava sacrificar por gratidão a propria vida, não achava identicos exemplos na especie humana. Nos cães sim, que sabiam agradecer com lialdade os beneficios e afagos que lhes faziam seus donos.

Já o brasileiro decaía meio pendido á sepultura quando recebeu uma carta do afilhado participando-lhe estar associado na casa Nestor.

Ao ler, com dificuldade, esta carta, Torcato ficou ainda mais abatido. Preferia que o afilhado, em vez de escrever-lhe, houvesse continuado o seu longo silencio.

De ha muito que ao brasileiro torturavam vagas apreensões sobre a absorção comercial de Francisco Alves, que lhe parecia ser indicio certo de excessiva ambição e de incontinencia de ganancia.

Aquela carta era a prova provada de que as suas apreensões tinham razão de ser.

Ele conhecia bem o banqueiro Nestor, a sua paixão pelo ouro, a sua falta de escrupulos, os seus pro-

cessos de rapacidade insaciavel, a habilidade com que aliciava cumplices obedientes, a quem, para que o servissem melhor, insinuava lentamente, insistentemente, a ideia vil de que o dinheiro prestava mais ao homem que a virtude.

Conhecia-o e aborrecia-o.

Quanto a Arnaldo Simões, o brasileiro da Vinha Nova não o conhecia tão bem. Tivera relações de amizade com ele, no Rio, quando Simões era caixeiro em casa do Peres Sénior, onde o estimavam, e fazia namoro á filha mais velha do banqueiro Nestor.

Este namoro prolongou-se alguns anos, durante os quais D. Capitolina recusara pertinazmente varios casamentos vantajosos que o pai lhe propunha.

De semelhante rebelião filial apenas havia três ou quatro exemplos em toda a cidade do Rio, porque a educação das familias subordinava-se ainda ao antigo sistema de rigorosa obediencia.

Mas Capitolina era a filha querida de Nestor, talvez por ser a primogenita.

Como ela insistisse na resistencia, e como Peres Sénior desse optimas informações a respeito do seu caixeiro, dizendo-o inteligente, activo e serio, Nestor acabou por ceder e o casamento fez-se.

Quando Peres Sénior morreu, o filho, muito afeiçoado a Arnaldo Simões, convidou-o para socio da casa, ao que ele acedeu contente, entrando com o dote da mulher.

Do mais que sucedera não sabia nada o brasileiro da Vinha Nova. Mas, como Peres foi sempre um rapaz de caracter recto e sãos costumes, supunha que a influencia do socio teria mais peso no espirito de Simões que a do sogro, com o qual Simões apenas mantinha relações ceremoniosas enquanto Torcato esteve no Brasil.

Nisto se enganava completamente o bom homem

Torcato, a quem a ultima carta do afilhado abreviara os dias da existencia.

Ele faleceu resignadamente nos braços de Miquelina, a *Pretinha*, sua piedosa e grata pupila, e sua universal herdeira.

Apenas em rapidas disposições testamentarias uma unica referencia falava do afilhado. Era esta: «Faço votos por que elle morra tão honrado como os seus humildes pais o foram, e como eu, seu humilde padrinho, o tenho sido sempre. Deus permitta.»

De vez em quando o velho Nestor visitava, parece que unicamente para se afirmar argentario, uma hetaíra cara, muito frequentada de capitalistas.

Foi no domicilio dela que Nestor morreu de repente. E como ele costumava dizer que o seu sistema era «pagar e andar» e como a carteira sempre recheada de notas de Banco lhe não foi encontrada, correu no Rio a *blague* de que, por despedida, o velho banqueiro pagara mais do que a tabela, para fazer reclamo á sua riqueza.

Pouco depois deste acontecimento, Francisco Alves ficou sendo o agente principal de todos os negocios da antiga casa Nestor.

Arnaldo Simões continuou colaborando com ele na sombra, para não se afastar, pessoalmente nem comercialmente, de Jeronimo Peres, cujo socio era.

Em breve, Francisco Tagilde — como ele já assinava porque assim era conhecido — tornou-se o mais aventuroso e audaz negreiro de todo o Brasil.

Nem as medidas adoptadas pelos governos da Europa, incluindo o de Portugal, contra o trafico da escravatura, nem a perseguição feita no mar aos navios negreiros, nem os artigos dos jornais e os discursos dos parlamentares anti-esclavagistas intimidavam Francisco Alves ou afrouxavam a sua ambição e coragem.

Ele bem sabia que, apesar do veemente bill de

lord Palmestron, havia poderosos negreiros em Inglaterra, como os havia em França, e na Havana, que competia com o Brasil.

Não ignorava que a escravatura tinha abversarios de boa fé, entre eles o então visconde de Sá da Bandeira, que preconizava como remedio o abolir-se totalmente a escravidão nos países que importavam escravos, mas tambem não ignorava que algumas autoridades das nossas colonias eram coniventes, tais como o governador geral de Angola, que por esse motivo fôra demitido.

Tagilde cada vez reforçava mais a sua frota negreira e desenvolvia o tráfico, enchendo de ouro os cofres cujo clavicularío era.

Quando o Juquinha perfez quinze anos, a mãe pôde realizar o desejo de mandá-lo educar numa atmosfera de cultura intelectual, especialmente artistica, rebelde ao férreo predominio dos costumes comerciais.

Enfim, o pai anuiu, não só para não contrariar por mais tempo a mulher, mas tambem para afastar o filho, receando que no Brasil lhe revelassem a origem de uma riqueza centuplicada pela escravatura.

A mãe reconhecia a inteligencia de Juquinha, a sua clara e nobre alma de artista, estremecia-o porque era a sua melhor e mais afectuosa companhia, encantava-se de o vêr, a toda a hora, desenhar-lhe o retrato em bocadinhos de papel, que ela colecionava com enternecido cuidado.

Não duvidava Lucia de que o filho ia fazer-lhe muita falta, lastimava intimamente a sua ausencia, mas sacrificava-se na ansia maternal de que ele, que já era rico, viesse a adquirir uma outra riqueza, a dos espiritos cultos, dos sentimentos elevados, dos ideiais generosos e puros.

Juquinha foi educar-se em Londres entrando no *Britannia College*, onde em breve conquistou a sim-

patia dos rapazes e dos mestres, sendo o professor de pintura o que mais se lhe afeiçoara logo que reconheceu a brilhante aptidão natural deste seu aluno.

Mãe e filho mantinham uma assidua e carinhosa correspondencia.

Ele contava com entusiasmo a amizade com que o dilecto professor o acompanhava aos museus e pinacotecas da vasta capital inglesa, a minucia e paciencia com que lhe chamava a atenção para as belezas das mais notaveis telas, para os processos, estilo e colorido dos grandes mestres, para os assuntos historicos, biblicos e etnograficos que eles haviam escolhido; exaltava o modo sugestivo com que o sr. Córvley — assim se referia ele sempre respeitosamente ao professor — fazia profundas lições de historia da arte, conversando despretenciosamente.

Outras vezes, Juca Tagilde descrevia os longos passeios a pé que eram um pretexto, um duplo pretexto higienico e artistico, para o sr. Córvley lhe mostrar o aspecto dos campos, dos vastos parques e castelos aristocraticos, onde tudo exprimia riqueza e bom gosto.

E de conta propria fazia revelações e confidencias, por exemplo:

«Aqui até o dinheiro é mais civilizado do que no nosso paiz, porque não dispensa a arte de collaborar com elle nos regalos da vida.»

«Não ha no Rio, e menos pode haver nas outras cidades brazileiras, um professor de bellas-artes que possa ombrear com o sr. Córvley. Este homem sente e faz sentir a arte que ama e professa.»

«Apenas aqui me desconsola o céu, quasi sempre nevoento, muitas vezes côr de cinza, quando mentalmente o comparo com o céu luminoso e limpido da nossa patria de dia ou á noite.»

«O collégio é uma grande casa, cheia de gente e

de ordem, onde todos trabalhamos sem fadiga nem aborrecimento.»

«O sítio é tranquillo sem que, todavia, seja deserto. Da janella do meu quarto vejo, a distancia, o parque e o castello do conde de Hertford, que vive opulentamente e que costuma offerecer caçadas verdadeiramente sumptuosas.»

Rara era a carta que não levava no alto da primeira página um retratinho da mãe, para lhe significar que tinha sempre presente a sua imagem querida.

Lucia Tagilde comovia-se com esta delicada prova de afecto filial, e de mês para mês notava com desvanecimento maior firmeza e perfeição no desenho, ao mesmo tempo que maior leveza e nitidez no traço: quanto á semelhança nos retratos fôra um dom natural que êle tinha revelado desde que no Brasil começou a desenhar.

A's vezes escrevia Lucia dizendo:

«Tu, meu filho, quando me retratas, vês mamãe pelo prisma da saudade, mas eu de dia para dia vou caíndo ou envelhecendo sensivelmente. A mocidade me foge. Sou outra.»

Juca respondia-lhe amoravelmente:

«Eu a retrato, mamãe, como a vejo sempre e como sempre a verei.»

Ao pai não escrevia tão frequentes e longas cartas, nem lhe fazia confidencias. O tom geral da sua correspondencia epistolar com Tagilde era respeitoso, mas quase frio. E o remate das cartas repetia inalteravelmente esta frase ou outra semelhante: «Não sou mais extenso porque papai, com a sua vida afanosa, não tem tempo para ser maçado.»

Realmente, Francisco Tagilde continuava na azáfama de homem de negocios insaciavel de trabalho e ambição. Alto, magro, mas rijo, com uma barbinha

pouco espessa e um olhar energico e vivo, parecia que a sua resistencia á fadiga seria inquebrantavel. Contudo, já se lhe notavam alguns cabelos brancos, que não podiam considerar-se como sinais de velhice.

Comprara uma chácara em Mata Cavalos [1] para onde fôra residir, a conselho dos medicos, porque Lúcia não queria sair, nem frequentar o teatro e apenas se resignou a uma vida mais higienica, ela dizia «menos contrafeita», no campo, entre árvores, flores e aves.

O marido saía pela manhã para o escritorio e regressava ao anoitecer, com a carteira quase sempre cheia de papeis que lia ou relia depois de jantar e a que em seguida respondia gastando algumas horas nesse trabalho.

Era o negreiro em constante laboração gananciosa, passavam-lhe pelas mãos, de dia ou á noite, dezenas de escravos e de contos de réis, adormecia cogitando nuns e outros, e, ao levantar-se do leito, reatava os pensamentos e os negocios da véspera.

Lúcia, sentada ao piano, tocava ou cantava, pensando a cada momento no filho, de que se orgulhava tanto quanto o marido, a cada balanço dos seus haveres, se orgulhava do oiro que tinha ganho.

O afilhado de Torcato era um fiel representante do falecido banqueiro Nestor, mais activo ainda, por ser mais novo.

Das três pessoas que constituiam a familia Tagilde, só uma pensava no dinheiro: aquele rapaz minhoto que nós vimos embarcar no brigue *Voador* e que, sem escrupulos nem receios, se fizera o mais aventuroso e audaz negreiro de todo o Brasil.

---

[1] Hoje rua de Riachuelo.

IV

Misterio de uma luva branca

As cartas de Juca para sua mãe nunca deixavam de ser extremosas e longas.

Todo o tempo que lhe sobrava das lições no *Britannia College* e das excursões artisticas com o sr. Córvley, gastava-o naquela assidua correspondencia ou na leitura de poetas e prosadores ingleses, que os professores de literatura e historia lhe aconselhavam.

Quando Juca, vendo-se ao espelho, notava qualquer modificação na sua fisionomia de adolescente, ali mesmo, de lapis em punho, se retratava com exactidão e rapidez, para que a mãe pudesse apreciar de longe a diferença que ele ia fazendo desde que partiu do Rio.

Lúcia Tagilde beijava uma vez, muitas vezes, as cartas de Juquinha, que lhe prendiam a atenção mais do que as suas antigas distracções predilectas.

Mas naquelas amantissimas cartas, trouxessem ou não trouxessem o retrato da mãe ou do filho, Lúcia ouvia cantar uma alma em flór, ouvia as inefaveis harmonias da primavera da vida, que largamente supririam o canto e o piano ainda quando a sua debil saude lhe permitisse alguma fadiga.

A vida na chácara não pudera atenuar-lhe um vago estado de morbidez, nem impedir uma crescente fraqueza, que ela ocultava e que parecia inquietar pouco os medicos.

As cartas de Juquinha, conquanto extensas, nunca a fatigavam nem aborreciam, tanto mais que ele sabia variar os assuntos, contava-lhe casos, anedotas da côrte de Londres, segredadas pelos rapazes no Colegio, alguns dos quais eram filhos de lordes; enredos dos ultimos romances que lêra; assuntos tratados pelos maiores poetas, quando não eram as mesmas poesias traduzidas por ele.

«Como eu nasci no Brasil e sou portuguez por papai o ser,— dizia-lhe Juquinha numa carta — todos os meus professores teem a amabilidade de demorar-se falando umas vezes do Brasil, outras vezes de Portugal, e há poucos dias o professor de historia, ao explicar-nos o reinado de Carlos II de Inglaterra, disse-nos as circunstancias em que elle casára com uma infanta portugueza, filha de D. João IV, o que eu aliás já sabia.

«E, voltando-se para mim, acrescentou: «O nosso eminente romancista Walter Scott descreve no seu romance *Peveril de Pic* a situação da rainha na côrte de seu marido.

«Detendo-se, mandou buscar á bibliotheca do Colegio aquele romance, de que nos leu um capitulo, não sem fazer alguns córtes na leitura, como eu depois pude verificar pessoalmente.

«Ainda assim, não omitiu que a rainha fôra uma figura apagada, pouco sociavel, sempre saudosa de Lisboa, a par de um rei conversador, espirituoso e mundano, numa côrte galante, em que o rei, segundo a etiqueta, beijava na face as damas que recebiam o ósculo de joelhos.

«A pobre D. Catharina de Bragança resignava-se

a receber as favoritas do marido e a soffrer vexames que lhe infligiam outras senhoras da côrte.

«Apenas citarei a mamãe um d'êsses vexames.

«Certa titular orgulhosa e excentrica teve a coragem de pretender entrar de cauda na camara da rainha, e, como lho não consentissem, recorreu a um sofisma zombeteiro, o qual foi desenrolar o roçagante manto de setim bordado a prata e fel-o de um modo que a maior parte ficára na ante-camara, apanhando-a quatro moças caudatárias, e a restante pendia dos ombros da titular quando chegou á presença da rainha.

«Sequer ao menos, mamãe nunca sofreu identicos vexames em nossa casa, conquanto ás vezes me parecesse tão melancolica como D. Catharina o era na côrte ingleza.

«Pobre rainha a quem o marido não tratava com o respeito e estima que sempre vi papai tributar á minha querida mamãe, e que eu do coração lhe tributo ao longe como ao perto.

«O meu professor de historia não é um espirito que possa medir-se em superioridade com o do sr. Córvley, por isso deixou entrever nesta lição todo o seu orgulho britannico ao frisar o contraste entre D. Catharina de Bragança e Carlos II.»

Lúcia Tagilde não só muito se interessava por quantas informações o filho lhe mandava, mas imensamente se comprazia apreciando a delicadeza de sentimentos e expressões que ele revelava abordando assuntos melindrosos.

Assim, nesta carta, Juquinha, reconhecendo que a mãe vivia desgostosa, empregava discretamente a palavra «melancolica» e do mesmo modo se referia ao pai, fazendo-lhe justiça como sendo um marido que sabia prezar a sua mulher.

Ainda nessa passagem, Juquinha mostrava conhecer perspicazmente que no seu lar paterno não ha-

via amor conjugal, mas apenas «respeito e estima» e daqui podia inferir-se que a esse facto ele atribuiria intimamente a «melancolia» de sua mãe.

Nada mais sabia ou adivinhara.

Lúcia Tagilde, respondendo ás cartas do filho, nunca se queixava claramente de falta de saude, para não o sobressaltar, mas apenas de ir sentindo aproximar-se a velhice com o seu cortejo de percalços mais ou menos enfadonhos.

«Já não sou aquella moça que Juquinha representa ainda nos meus retratos» e como esta outras frases equivalentes, que velavam a realidade.

E ele insistia ternamente na mesma resposta de sempre: «Assim é que eu ainda vejo mamãe, assim é que hei de vêl-a sempre.»

Até aos dezoito anos a vida de Juca no *Britannia College* foi subjectiva, intelectual, literaria e artistica.

Ele passava a maior parte do tempo de recreio lendo, escrevendo, desenhando ou pintando.

A pasta dos seus debuxos e das suas telas era já volumosa. Fechava-a com um cadeado cuja chave trazia sempre no bolso.

Nas vésperas dos dias feriados ia com o sr. Córvley, por autorização especial do director do Colegio, aos teatros de ópera, de declamação, de pantomima, bem como aos concertos de música clássica.

Dos dezoito para os dezanove anos acabou o seu curso de humanidades, sempre com distinção, curso que, segundo a tradição da casa, os alunos ricos e laureados completavam com uma viagem de instrução.

Mediante pleno acordo dos pais, Juca desejou seguir este costume tradicional e, despedindo-se saudoso dos seus professores, especialmente do sr. Córvley, visitou todas as principais nações da Europa depois de ter percorrido as pitorescas regiões inglesas da Escocia e da Irlanda.

Foi em França, aonde, finda a viagem, voltára para tomar o vapor da carreira do Brasil, que ele recebeu uma carta do sr. Córvley dizendo-lhe que a familia desejava o seu imediato regresso ao Rio de Janeiro.

Esta vaga noticia abalou-o profundamente, porque teve o pressentimento de que se tratava de alguma grave doença da mãe ou do pai.

Da mãe ainda um mês antes recebêra carta, a que logo respondêra, e em que não havia nenhuma referencia a mau estado de saude.

O pai escrevêra-lhe para Italia talvez dois meses antes e apenas se queixava de muito trabalho, lastimando não ter mais tempo disponivel para acompanhar a mulher, que continuava no seu estado habitual de descanso e assistencia medica.

Mas o coração de Juca tendia a recear que a causa do chamamento inesperado fosse qualquer perigosa enfermidade da mãe, a que o seu debil organismo não pudesse resistir.

E suspeitava que o sr. Córvley soubesse a verdade e piedosamente lha ocultasse.

A viagem foi para Juca uma longa atribulação, a tortura de um homem que encerrado num ergástulo escuro esperasse e temesse o dia em que adquirisse uma certeza ainda mais cruel e negra do que o ergástulo.

Quando desembarcou no Rio, esperava-o o pai, vestido de luto. Os dois abraçaram-se chorando.

A aflição de Juca foi tão violenta, que lhe produziu uma sincope, por cujo efeito teve de recolher-se ao leito durante duas semanas.

Logo que principiou a convalescer, quís ouvir a historia da morte de sua mãi, contada pelo medico assistente, que procurou resumil-a para abreviar a emoção que ela lhe causaria.

Lúcia Tagilde, posto que fraca e melancolica, ia vi-

vendo rodeada de cautelas e cuidados. Era certo que desde a ausencia do filho se tornára mais concentrada e indiferente, mas o ar puro da chácara, bem oxigenado, e os moderados passeios que ela ali dava na mata umbrosa de tamarineiros e jequitibás, equilibravam as deficiencias do seu organismo e do seu estado sanitario. De repente, quando menos os medicos o esperavam, Lúcia acamou, atacada de violenta pneumonia, durante a qual, isto é, no prazo de trinta e dois dias, percorreu todas as fases de uma rápida e devoradora tisica.

A este ligeiro esboço patologico, descrito pelo assistente, corresponderia hoje a designação de tuberculose galopante, que ainda então não era aplicada.

Juca Tagilde escutou num silencio aparentemente sereno a breve narrativa do médico e, finda ela, perguntou num gesto de intensa curiosidade:

— O dr. assistiu aos ultimos momentos de mamãe?

— Assisti, respondeu o clínico, pondo-se de pé, como para cortar o dialogo. Morreu suavemente, com inteira lucidez de espirito.

Não falou?

— Poucas palavras disse.

— Quais?

O médico hesitou, sentou-se junto de Juca, cingiu-o amoravelmente nos braços e balbuciou com piedosa condescendencia:

— Mamãe apenas disse: «Juquinha, meu querido filho...»

Numa intensa efusão de lágrimas, Juca Tagilde encostou-se ao peito do doutor, que procurava acalmal-o carinhosamente.

— Chore, meu amiguinho, que essas lagrimas estavam represas no coração e bom foi que viessem mitigar uma dôr profundamente comprimida durante muitos dias. Chore, que ficará mais tranquilo, ou mais

conformado. Não posso aconselhar-lhe que procure qualquer distracção, mas tente encontrar numa saudade calma o beneficio das recordações e memorias de familia, que nos fazem conviver eternamente com os nossos mortos.

Creio que o coração de Juca não precisaria do conselho do médico para se refugiar, todos os dias, por largas horas, na contemplação do espólio íntimo de sua mãe, examinando os livros, as canções, os *bibelots*, as cartas recebidas e metodicamente coleccionadas, os moveis do seu toucador, o leito em que expirou, os seus elegantes vestidos de menina solteira, as fitas, as rendas, as luvas que tinha usado, o album dos seus retratos, entre os quais atingiam grande numero os que ele havia desenhado, enfim tudo quanto constitue a irradiação da nossa vida doméstica, dos nossos habitos, das nossas predilecções e simpatias, dos nossos segredos e misterios, do nosso genio, temperamento e caracter.

Todos esses queridos objectos os observou detidamente Juca Tagilde, muitas vezes com os olhos marejados de lagrimas e sempre beijando-os com veneração e respeito como se fossem reliquias sagradas.

Era aquela uma triste consolação, porque a saudade não é outra coisa.

Todo o espólio de Lúcia revelava a sua vida limpida e pura de moça honesta e de esposa virtuosa. Misterios, segredos, não os havia ali. Juca apenas encontrára uma breve referencia, que tanto poderia ser um *remember* intencional como um simples apontamento tomado ao acaso.

Desdobrando um par de luvas brancas, leu numa delas estas palavras, que sua mãe escrevêra: «Ultima vez que fui ao theatro.»

O certo é que esta breve legenda prendeu a atenção de Juca, despertou-lhe curiosidade. Ele pergun-

tava a si mesmo qual seria a data «daquela última vez» e qual o motivo de sua mãe não mais voltar ao teatro. Lembrou se de que uma unica pessoa estaria habilitada a responder-lhe, se o quisesse ou pudesse fazer: era sua avó materna, Inês Medeiros, já adiantada em anos, mas bem conservada ainda, muito afeiçoada ao neto, tanto mais que não tinha outro.

Juca deu-se pressa em ir visitá-la, abeirou-se da sua cadeira de braços e, ajoelhando na esteira com a cabeça erguida, de modo a não perder nenhum gesto, nenhum olhar da avó, disse-lhe num tom misterioso e confidencial.

— Vóvó, quero contar-lhe um segredo...

Ela respondeu curiosa, mas tranquila:

— Um segredo! Do teu coração de moço, certamente.

— Do meu coração de filho saudoso.

— Não te entendo, meu querido Juca.

Ele abriu a carteira, tirou a luva em que a mãe escrevêra e perguntou:

— Vóvó, esta letra não é de mamãe?

A avó teve tempo para reconhecer a letra de Lucia e para lêr o que estava escrito.

Uma ténue sombra de amargura passou nos seus olhos, mas o neto surpreendeu-a.

— Que diz, vóvó?

— Digo que a letra é de tua mãe e que nessas palavras nada ha que possa lançar qualquer suspeita sobre a memoria dela.

— Longe de mim essa idea.

— Uma simples lembrança, talvez uma vaga recordação honesta.

— Honesta, por certo. Mas vóvó, eu sou já um homem, eu adorei minha mãe, vi-a sempre melancolica, e julgo ter direito a que vóvó me responda se ela amou e foi amada.

Brotaram lagrimas nos olhos de Inês Medeiros e logo nos olhos do neto.

— Creio que tua mãe foi amada por um guarda-marinha, que a viu uma tarde, só uma tarde, Lúcia correspondeu-lhe timidamente, como era proprio do seu genio. Mas o guarda-marinha desapareceu e nunca mais se viram.

— E' singular! Por que?

— Escuta. Entretanto, teu bisavô, que tinha na familia a supremacia da autoridade e do mando, aconselhou impondo, como era seu costume, o casamento de Lúcia com Tagilde, de acordo com o tio Simões.

— E mamãe não reagiu?

— Ela era um anjo de bondade e doçura. Titia Capitolina, a única pessoa que um dia teve a coragem de reagir contra a vontade de meu pai, disse em certa ocasião a Lúcia, condoendo-se da sua melancolia: «Se amas alguem, reage; faz o que eu fiz.» A pobre Lúcia encolheu os ombros, sorriu tristemente... sacrificou-se.

— Mas o que pensaria mamãe da ausencia do guarda-marinha?

— Nunca mo disse, nunca falamos nisso. Lúcia era tímida e respeitosa. Creio eu que se despeitara, julgando-se esquecida por ele.

— Ah! talvez.

— Ou então que o supusesse morto.

— E morreu?

— Uma noite, estavamos todos no *Imperial Teatro*, entrou na plateia um segundo tenente da marinha imperial. Eu reconheci-o logo e não sei se Lúcia o reconheceria ou mesmo se o teria visto. Mas o tenente reconheceu-a, viu-a acompanhada por Tagilde. Desesperado, rasgou as luvas brancas que trazia e atirou-as ao ar. Depois saiu do teatro.

— Mamãe viu tudo isso?

— Talvez, ainda que aparentemente impassivel, mas certamente tão incomodada, que se me queixou de dores atrozes quando, depois do teatro, a levei a casa na seje.

— Como se explica a longa ausencia do oficial de marinha?

— Disse-se no teatro que ele tinha voltado de uma viagem de circumnavegação e que era filho de um roceiro de Mato Grosso. Tua mãe ficou tão abalada, que no dia seguinte nascias tu prematuramente.

— Papai teve conhecimento dessa pura afeição?

— Nem ele nem ninguem. Eu é que a surpreendi. Só a ti, meu querido neto, que tanto amaste tua mãe e que tão amado foste por ela, faço esta confissão intima a que a tua pergunta me obrigou ternamente.

— Portanto, nunca mais a querida mamãe voltou ao teatro?

— Nunca mais.

Juca beijou a luva de Lúcia numa convulsão de chôro, que durou alguns minutos.

A avó, com os olhos cheios de lagrimas, cofiava-lhe compassivamente o cabelo.

Tendo conhecido o mavioso romance de sua mãe, tão candido como torturante, não tendo já dúvida alguma sôbre o motivo do desgosto inconfessavel que amargurara a pobre senhora, e certo de que o pai não promoveu o casamento, nem fôra nunca um marido brutal, ou mesmo grosseiro, Juca, repudiando a sociedade e as suas distrações, vivia isolado na casa paterna, rodeado de memorias que lhe faziam sangrar o coração e eram o seu unico alivio.

Tagilde e todos os parentes de Lúcia lhe aconselhavam que procurasse entreter-se com algum trabalho ou qualquer desenfado proprio da sua idade juvenil.

Juca confessou não ter propensão nenhuma para o comercio.

— Pois bem, disse-lhe o pai, tu não precisas trabalhar. Mas diverte-te.

A avó lembrou uma viagem.

— De viajar venho eu, respondeu Juca.

— A mim me faz pena, insistiu Tagilde, ver este moço inteligente, ilustrado, sadio e rico, sempre triste, quasi misantropo.

— Herdei o temperamento de minha mãe e não a acuso, antes a deploro profundamente.

— Nem eu a acuso, nem acusei nunca.

— Bem sei, papai.

— Vejo que me fazes justiça. Menos quero acusar-te, Juquinha, — mas desgosta-me vêr-te sempre tristonho, quasi apático.

— Papai, minha apatia não é preguiça.

— Tambem o creio, porque déste excelente conta dos teus estudos. Foste sempre um aluno premiado. Para o comercio não tens quéda...

— Nenhuma. Mas não me recuso a trabalhar.

— Em que? Dize com franqueza.

— Eu gostaria, na situação de espirito em que me encontro...

— Dize, dize.

— Ir a Coimbra, formar-me em Direito, como tantos outros moços brasileiros. Portugal é de mais a mais a pátria de papai.

— Sim, filho, sim.

— São cinco anos apenas, que papai ficará só.

— Quem trabalha, nunca está só. Por isso é que te lamento, vendo-te moço e... só.

— Papai, não pretendo casar-me.

— Eu me referia a faltar-te a boa companhia que faz o trabalho tanto aos velhos como aos novos. Mas outra companhia tenho ainda, a da familia de tua mãe, que toda me estima e considera.

— Certamente.

— Em Portugal encontrarás parentes meus, que são gente obscura e limpa.

— Ser obscuro não é desdouro. Mais vale a limpeza de caracter que a do sangue.

Tagilde ficou, por momentos, preocupado com o receio de que Juca vagamente aludisse á escravatura, e quebrou o silencio, dizendo:

— Suponho que ninguem poderá pensar que o meu caracter valha menos que a minha geração.

— Por modo nenhum, papai.

Juca ignorava que o pai traficasse em escravos. Contudo, estranhou vê-lo preocupado e ter-lhe-ia feito impressão a sua frase, se não houvesse reflectido logo: «Como todos os homens ricos, meu pai ha de ter inimigos e ser por eles caluniado. Certamente julgaria que eu tivesse conhecimento de alguma calunia. Pois não tenho.»

Tagilde demorou-se com o filho mais tempo do que era costume, porque nunca se enternecêra tanto na presença dele.

Deu pleno assentimento á idéa da formatura em Coimbra, o que efectivamente já quase era costume seguido pelos filhos das familias ricas, e sentiu-se lisonjeado de que seu filho obtivesse o mesmo titulo scientifico de que os outros se orgulhavam no regresso de Portugal.

Confiou em que Juca, vivendo entre rapazes portugueses e brasileiros, todos eles falando a mesma lingua, e tendo costumes identicos, experimentasse o salutar efeito de entrar numa familia numerosa, ilustrada e alegre, em que não havia diferença de ideias e provavelmente de ideais.

Realmente, Tagilde, que no Brasil adquirira trato social, mas que não era expansivo, circunstancia integrante da sua vocação comercial, porque o «segredo é a alma do negocio», Tagilde tinha sincera pena de

ver que a mocidade de seu filho parecia gelar na mesma temperatura glacial em que a mãe vivera sempre.

Mas a mãe era uma doente, trouxera do berço o cruel estigma das almas tristes e boas, timoratas e indecisas, almas brancas onde só penetra algum vago clarão de luar e nunca a luz plena do sol esplendoroso.

O filho nascera robusto, saudavel, como o pai, e ninguem poderia esperar que ainda na infancia revelasse tendencias melancólicas para uma vida essencialmente espiritual, de que nunca mais se afastara no Brasil, como ele Tagilde tantas vezes observou e como de Inglaterra o tinha informado, por mais de uma vez, o director do *Britannia College.*

Segundo este distinto pedagogista, a doença de Juca era uma espécie de «spleen» temperado suavemente por uma delicada sentimentalidade talvez congéneres.

Tagilde concordava e cria ainda possivel modificar-se no convivio alegre dos estudantes de Coimbra a tara hereditária de seu filho, caso não pudesse obter-se uma cura completa.

No Brasil desse tempo discutia-se muito a doutrina terapeutica do médico alemão Hahnemann, cujo princípio basilar, em oposição ao da medicina clássica, era «*similia similibus curantur*».

Homem rijo, Tagilde dizia que, para o caso de estar doente alguma vez, ficassem sabendo quanto lhe agradava a farmacopeia homeopática por ser a mais facil de ingerir e a mais pronta.

Hahnemista convicto, aplicava á patologia do espirito o mesmo principio enunciado por Hahnemann. A mocidade de Juca seria curada pela mocidade dos outros ou não o seria nunca.

Antes de partir pediu-lhe o filho que conservasse

intacto o aposento onde a mãe faleceu, para que no regresso pudesse encontrá-lo qual era.

Tagilde, habituado a vêr o lado pratico das coisas, respondeu logo:

— Filho, eu não tornarei a casar, podes crê-lo, e por isso me é tambem agradavel a tua ideia.

Juca partiu com largos meios para a viagem, uma farta mesada, e cartas de especial recomendação que o representante diplomático de Portugal no Rio lhe dera para o reitor da Universidade de Coimbra e dois lentes da Faculdade de Direito.

V

Revelações sinceras da Pretinha

Juca Tagilde desembarcou em Lisboa e tratou logo de procurar nas alquilarias do Arco de Bandeira o almocreve que fornecia liteiras e cavalos ás caravanas de estudantes para a longa e perigosa jornada de Coimbra.

Longa porque durava três a quatro dias e perigosa por causa das investidas dos salteadores, especialmente no Pinhal de Azambuja e na Cruz de Meroiços.

Só alguns anos depois se concluiu a estrada por onde havia de transitar a mala-posta.

Oportunamente diremos ao leitor quais foram as primeiras impressões que Juca recebeu da capital portuguesa.

A jornada com os outros estudantes, os incomodos e riscos que ela ocasionava, distraíram-no, refrescaram-lhe o espirito, porque eram coisa muito diferente da vida tranquila e regrada que se vivia no *Britannia College*.

Se o pai de Juca tivesse ouvido rir seu filho, sobretudo nos momentos criticos em que a caravana temia um assalto e os mais timoratos picavam os cavalos fugindo quixotescamente á desfilada; se o ouvisse

gargalhar quando, em lanços de caminho seguro, lhe contavam anedotas e calinadas de alguns lentes da Universidade e de tipos populares de Coimbra, esquecendo os perigos já passados e não pensando nos que podiam vir ainda; se Francisco Tagilde visse o filho menos sombrio e preocupado entre aquela ruidosa legião de rapazes em plena boémia mobilizada, julgaria ter verificado que o sistema homeopático era tão eficaz nas almas como nos corpos.

Pelo caminho, um rapaz de Lisboa, quintanista de Direito, deu a Juca a novidade de que no curso teológico havia um estudante premiado que era natural de Tagilde, no concelho de Guimarães, e notou-lhe a circunstancia de coincidir o nome daquela localidade com o seu apelido.

— E' que meu pai, respondeu Juca, é português e nasceu lá. Eu desejo conhecer esse estudante.

— Em Coimbra, disse o outro, rindo, todos nós nos conhecemos uns aos outros dentro de oito dias.

— Sim, tornou Juca, mas eu desejo ser-lhe apresentado, porque ele é um estudante distinto e eu sou um caloiro, que pretende ser promovido a novato.

— Você, replicou familiarmente o quintanista, pelo que nos tem contado do seu curso de humanidades em Inglaterra e das suas viagens de instrução, sabe mais que seis doutores de capêlo.

— Eu não quero que você, retorquiu Juca no mesmo tom familiar, me conceda capêlo nenhum; contentar-me hei com o grau de bacharel, não para ser um homem de leis, mas apenas para ser vosso companheiro durante alguns anos.

— Bravo! bravo! aplaudiram os rapazes.

— Começando você pelo principio de todas as coisas... reticenciou o quintanista.

— Qual principio? O Verbo?

— Não, a patente que pagam os caloiros, um jan-

tar na estalagem do Paço do Conde, com a bela lampreia guisada e o belo leitão assado.

— Pronto. Se fores a Roma, sê romano.

Todos os companheiros de Juca nesta jornada ficaram fanatizados por ele e logo que chegaram a Coimbra foram outras tantas trombetas de sua fama.

Entregues ao reitor da Universidade e a dois lentes, um dos quais era o dr. Férrer, as cartas do ministro de Portugal no Rio de Janeiro, requereu o caloiro, pela reitoria do liceu, admissão ao exame dos preparatorios indispensaveis para matricular-se na faculdade de Direito.

Este exame, em tais circunstancias, não era nunca apertado nem dificil.

Mas Juca respondeu com prontidão e segurança e não poucas vezes desenvolveu as respostas.

Via-se que ele tinha estudado humanidades em Inglaterra, onde o genio prático da nação se reflecte em todos os ramos de actividade humana, especialmente na instrução, porque o caracter experimental do ensino fica na memoria dos alunos como se fôra gravado em bronze.

Em Portugal ainda então campeavam as teorias livrêscas e não sei se hoje em dia esse mau costume estará completamente juglado. Creio que não.

A inteligencia, a ilustração, o dinheiro que permitia amáveis generosidades, fizeram de Juca Tagilde um novato geralmente estimado, quase respeitado.

Só por tradição academica o quintanista de Direito, seu companheiro de jornada, fez saber que o protegia.

A Porta Férrea não teve para ele brutalidades nem mesmo grosserias.

Juca dizia aos outros estudantes que lhes agradecia a deferencia com que o tratavam, mas que se prestaria de boa vontade a passar por todas as provas em uso na iniciação escolar.

A sua maneira de proceder desarmava os mais intransigentes, se para ele os havia.

Sinceramente Tagilde gostava do caracter medieval conservado nos costumes da academia e no ritual das ceremonias universitarias; gostava de ouvir o toque da *cabra*, chamando os estudantes ao estudo como outrora os vassalos eram apelidados pela sineta imperativa de um castelo feudal; gostava da graduação separatista dos bairros, na cidade alta o dos estudantes e dos lentes, na cidade baixa o do comercio e do operariado; gostava da capa e batina, que era um elemento de igualdade e confraternização tendente a unificar a classe, como acontece nos exercitos com a farda.

Tagilde mostrava-se tão rigoroso no respeito pelo traje escolar, que nunca andava em cabelo, como os outros estudantes, mas sempre com o gôrro enfiado na cabeça. Traçava despretenciosamente a capa, o que poucos sabiam fazer.

As senhoras estavam bem informadas a seu respeito, e achavam-no gentil, elegante; ele, saudava-as na rua, descendo do passeio e desembuçando-se.

Prestava ao sexo feminino esta homenagem de delicadeza e respeito, sem parar a mira-lo e sem que o seguisse derretido, como faziam alguns brasileiros que tambem cursavam a Universidade. Eram rapazes oriundos de diferentes provincias do Imperio, aos quais Juca, pelo facto de haver nascido no Rio de Janeiro, olhava com espontanea simpatia, sem que travasse relações de intimidade com qualquer deles.

Quase todos tinham namôro em Coimbra e entrava nesse numero o quintanista de Direito — Gabriel Ploesquellec Fortes de Bustamante, natural de S. João de El-Rei, na provincia de Minas Gerais.

Este, por atracção amorosa, passava as tardes na cidade baixa, frequentando a rua da Sofia.

João de Deus disse uma vez a Tagilde:

— Você é muito atencioso com as mulheres, mas não é tão namoradiço como os brasileiros.

— Presto reverencia ao belo sexo, a que o Heine, que eu fanaticamente admiro, chama «o cantico dos çanticos». Mas não gosto de devorar gulotonamente os bons poemas, sobretudo o melhor de todos os canticos.

João de Deus sorriu, compreendendo a alusão aos namorados lamechas e a admiração por Heine, porque entre Tagilde e o poeta alemão, ainda então vivo, havia pelo menos um traço de união: a melancolia ironica e desdenhosa.

Um mês depois de Juca estar matriculado na faculdade de Direito, perguntava-se nas salas de Coimbra onde se gastava ele todas as tardes, que ninguem o via.

Alguns dos academicos mais sociabilizados informavam:

— Passeia solitario, ou apenas acompanhado pelo Sales do curso teológico. Vai assiduamente ao Penedo da Saudade. Outras vezes prefere a margem esquerda, vai á Lapa dos Esteios ou mais longe.

— Já foi ao Bussaco com o Sales. Demoraram-se dois dias. Gostou imenso. Disse que lhe fez lembrar as florestas do Brasil.

— É, pois, um excentrico da força do João de Deus. Tambem será poeta? perguntou a filha de um lente.

— Poeta, não; mas desenha muito bem, faz retratos de semelhança perfeita.

— Contornando a projecção da sombra na parede como o João de Deus?

— Não, minha senhora, explicou o quintanista de Direito que fôra companheiro de Juca na jornada para Coimbra. Com um lápis na mão sobre um bocado de papel, á luz do dia.

Foi talvez esta aptidão que o aproximou de João

de Deus, a quem ele admira como poeta e que o admira como retratista.

— Não só por isso decerto. Mas tambem por serem ambos excentricos e solitarios, aventou a filha de outro lente.

— O João, tornou o lisboêta, não engana ninguem, porque a breve trecho se lhe conhecem as esquisitices. Mas confesso que me enganei quanto ao Tagilde. Em toda a jornada me pareceu alegre e sociável. Mas depois de chegar a Coimbra mudou completamente, sem nunca deixar de ser cortês. E' concentrado, foge da cidade para o ermo que as oliveiras entristecem.

— Talvez saudades de alguma sinhá moreninha, alvitrou a sogra de um licenciado.

— Desculpe V. Ex.ª, prosseguiu o quintanista de Direito. Foi a pedido dele mesmo, segundo me contou pelo caminho, que o pai o deixou vir formar-se em Portugal.

— Isso, insistiu a mesma solerte dama, pode significar que romperam ou que, pelo menos, se amuaram. E agora andará gemendo a sua saudade pelos arredores de Coimbra. Mas como dizem que ele é muito rico, talvez ela ainda reconsidere.

— Rico e inteligente.

— Inteligente sei eu, continuou tagarelando a sogra do licenciado. Contaram lá em casa que deu uma optima lição numa das aulas, única em que já foi chamado, e que o dr. Férrer, para quem ele trouxe uma carta do nosso ministro no Brasil, o tem em grande conta e lhe mandou dizer outro dia que fosse a sua casa se queria conhecer pessoalmente o primeiro historiador português.

— Sim, o Alexandre Herculano esteve aí ha dias. Mas o Tagilde não divulgou que fôra convidado; por ele nada se soube.

— Quem o contou foi o proprio dr. Férrer ao pai do meu genro, e até disse que o Herculano conversara muito com o Tagilde sobre coisas do Brasil e da Inglaterra.

O piano preludiou uns *Lanceiros* e logo os estudantes correram a emparceirar-se.

Ficaram apenas sentadas as veteranas indançáveis. E a faladora matrona segredou a outra:

— O que eu não disse em voz alta foi o que o dr. Férrer tambem contou, muito zangado, sôbre certo episódio dessa noite.

— Não se pode saber? interveio curiosa a interlocutora.

— Pode, mas não deve divulgar-se.

O acontecimento a que a sogra do licenciado se referiu, sem os comentarios que ela lhe fez, em poucas palavras o resumirei.

Na sala de visitas do dr. Férrer, que morava na rua da Matemática, estavam reunidos alguns amigos que o ilustre professor convidara em honra de Alexandre Herculano, seu hóspede.

O que havia de mais interessante nesta reunião quase familiar era o traje do conspícuo escritor: jaqueta de pele de carneiro, calças de borlina e botas altas de cabedal branco; e o traje do dono da casa aproximadamente do mesmo teôr: jaqueta de peles e boné pardo.

A um canto da sala jogava-se uma partida de voltarête, a que Herculano não dava atenção nenhuma.

Na ocasião em que ele conversava com Tagilde, alguem abriu por fóra a janela da sala, o que causou desagradável surpresa, e a cara risonha de um homem apareceu no peitoril.

O homem era o irrequieto estudante Manuel Vaz Preto Geraldes, aluno do quinto ano de Direito e do terceiro ano de Matemática, que costumava sair

á noite numas pernas de pau e percorrer varias ruas escusas, o que atemorizava alguns transeuntes e fazia rir os mais animosos.

O dr. Férrer era alegre. tinha sido na mocidade um trocista, apreciava as bôas «piadas» e as bôas «partidas», não lhe faltava graça, deixou anedotas, e por si não se importaria com a rapaziada de Manuel Vaz, mas irritou-se por não ser oportuna, podendo Herculano tomá-la como falta de respeito e consideração pela sua pessoa.

Herculano olhou, não disse nada e continuou conversando com Tagilde.

Mas fizeram maior reparo, e no outro dia espalharam o caso, alguns amigos e colegas do dr. Férrer, entre eles o seu vizinho D. Vitorino, frade egresso, lente de teologia, por alcunha o «padre Marmelada».

Então reconheceu o dono da casa a conveniencia de se mostrar ainda indignado em público e de ele mesmo contar e censurar a destemperada lembrança do estudante Vaz Preto.

Tagilde apreciou muito aquele serão conimbricense, em que Alexandre Herculano o distinguiu e considerou na presença de um grupo de lentes, cuja crónica ele já tinha ouvido aos seus companheiros de jornada para Coimbra e que em Coimbra toda a gente conhecia.

Ali, junto dos professores, êle pôde observar o seu modo de ser fóra da Universidade, numa sala onde apenas queriam impôr a sua qualidade de doutorados quando em diálogo com o ilustre homem de letras, que não era doutor nem tinha curso algum.

Conhecendo talvez isto, Herculano salientava a mais alta consideração pelo seu amigo e hospedeiro, mas falava ligeiramente aos outros lentes, preferindo-lhes na conversação um simples estudante primeiranista, o Tagilde.

Era que Herculano conhecia-os e conhecia-lhes as bernardices, como toda Coimbra, toda Lisboa, todo o país. A Lusa Atenas pinturilava então mais do que ontem e do que hoje o feitio de cidade escolar, onde o futrica apenas se fazia notar em alguns tipos grotescos, como o alfaiate *Lorde tesoura* e o barbeiro *Cadastrone*, ao passo que os professores tinham notoriedade, uns pela sua competência, outros pelos seus ridículos, disparates ou patacuadas; os academicos pelos seus prémios, as suas estroinices, os seus conflitos e revoltas.

Dos professores abalizados se contavam ditos de espírito, saídas engenhosas, contra-partidas habilissimas.

Neste sentido esses mesmos tinham lenda e entre eles avultava sempre o dr. Férrer.

A anedota, em Coimbra, florescia dentro da Universidade, no Jardim Botanico, nas ruas, nos bilhares, nas lojas e nas «republicas», como então se chamava ás casas de estudantes.

Mentalmente Tagilde associava á personalidade dos lentes quanto deles se dizia e andava escrito.

Assim, a presença de D. Vitorino recordou-lhe a espirituosa sátira que João de Deus lhe havia lido:

Marmelada, Marmelada!
Antes cá melhor viera
Quem te mandou; pois não era?
Tu disto não pescas nada!

Em materias da Sagrada,
Em questões de — Trino e Uno,
Vai-te aí qualquer aluno
Dar sota e az no que queiras.

Não dizes senão asneiras
E ainda em cima botando
Teu R de vez em quando!
Ha maior impertinencia!

Viu de perto o Padre Carvalho, que estava jogando o voltarête e passava por ser o primeiro voltaretista de Coimbra. Este inspirou-lhe simpatia pelo seu ar de bondade e por saber que em toda a sua vida apenas tinha deitado um R.

Reparou no dr. Seissa, muito gordo e míope, com uma basta cabeleira, o qual se aproximava dos grupos, metendo a cabeça para ver bem as pessoas.

Não perdeu a ocasião de analisar o dr. Neiva, homem de saber, mas que tinha a excentricidade de exigir que os alunos soubessem de cór as *Ordenações do Reino.*

De todos estes e de outros fixou a fisionomia com tão segura memoria, que chegando a casa os retratou no seu caderno de esbôços coimbrãos.

Não foi só a «partida» de Manuel Vaz que deu que falar em Coimbra; tambem se comentou a deferencia com que Alexandre Herculano tratara o estudante Tagilde, circunstancia que, dado o feitio sêco do historiador, aumentou a cotação do moço fluminense na academia e no professorado universitário.

— Amanhã vou apresentar-lhe — tinha dito na véspera o dr. Férrer ao seu hospede e particular amigo — um rapaz que nasceu no Brasil mas que é filho de português e foi educado em Inglaterra; considero-o mais um exemplo da sciência e consciência com que lá se educa e ensina.

— Essa firme crença trouxe eu da emigração, respondeu Herculano.

— E' pena que o rapaz seja rico, porque a Universidade agarra-lo-ia com ambas as mãos... para se ir limpando.

— Ela tem muito que limpar, retorquiu o historiador desdenhosamente.

Férrer sorriu, meneando afirmativamente a cabeça.

Aproximavam-se as primeiras férias do ano lectivo.

O Sales, de teologia, como bom minhôto, queria ir passar o Natal no lar paterno e por caso algum deixaria de tomar parte nessa alegre festa de família.

Os perigos que na jornada oferecia o encontro com salteadores, sendo nulos para o Sales, não deixavam, porêm, de sobressaltar a maioria dos estudantes do Minho.

A razão daquela vantagem era que o pai do aluno de teologia, negociante de gado bovino que em várias terras da respectiva provincia comprava como agente das casas inglesas que o exportavam pela barra do Porto, andava avençado com os bandidos da serra da Falpêrra, da Terra Negra e outros coios infestos, para assegurar o livre trânsito da sua pessoa, familia, serviçais e rezes.

Sales convidou Juca Tagilde a acompanhá-lo, não só para visitar a terra do pai, como para assistir á consoada de uma família que se prezava de católica e de fiel respeitadora dos antigos costumes nacionais.

O convite foi aceito com sincero agrado do oferente e de Juca, o qual mostrou vivo interesse em conhecer os parentes que, pela linha paterna, pudesse encontrar na provincia do Minho.

Já pelo Sales ele havia sido prevenido de que sua tia Filomena, casada em Cabeceiras de Basto, morrera sem descendencia e de que sua tia Mécia vivia ainda em Fafe e tinha um filho.

Tambem Sales lhe dissera que na casa onde o brasileiro da Vinha Nova habitou, residia a sua herdeira, de nome Miquelina, a «Pretinha», que gratuitamente ensinava a lêr as crianças do sexo feminino e lhes fornecia livros e fatos.

— Ela é realmente preta ? perguntou surpreendido Juca.

— Preta nascida em Africa e comprada em leilão

no Brasil pelo bondoso Torcato para a livrar da escravidão.

— Tens razão chamando-lhe bondoso.

— Quando ele regressou á pátria trouxe-a consigo, mandou-a aprender primeiras letras e lavores. Fez dela uma espécie de aia da mulher e ambos a tratavam como filha.

— Foi uma nobre acção.

— Tendo enviuvado, legou-lhe os seus haveres, cujo rendimento ela aplica a actos de beneficencia. E' estimada e respeitada por toda a gente da freguesia.

— Eu desejo vê-la e até quereria surpreendê-la a reger a sua escola.

— O peor é meterem-se as férias do Natal. Mas espera... Como nós vamos dois ou tres dias antes da Festa, logo que chegarmos ainda iremos a tempo de ver funcionar a escola.

— Pois está dito.

E assim fizeram. A aula era o melhor compartimento da casa. Tinha ar e luz, que recebia por duas janelas. Fôra o quarto dos casados. As alunas estavam sentadas em cadeiras de pau e havia três bancas alinhadas diante das cadeiras, com tinteiro de louça preta e penas de pato. Num dos ángulos da aula ressaltava a lousa, a que um degrau de madeira dava acesso. No mesmo plano do pavimento, a professora, sentada numa espécie de tripeça, apoiava os braços numa pequena mesa de carvalho antigo. Nem palmatória nem junco. Apenas encostado á parede um radio com que a professora apontava na ardósia quando era preciso guiar as discípulas.

Ao fundo da sala pendia uma estampa da Nossa Senhora com moldura envernizada.

No momento em que os dois visitantes entraram, a «Pretinha» teve um ligeiro tremor de surpresa, mas logo se tranquilizou reconhecendo o Sales. Sorriu e

levantou-se, o que imediatamente tambem fizeram as alunas em boa ordem, quase sem ruido.

A «Pretinha» devia orçar pelos cincoenta anos, mas já tinha a cabeça grisalha. Era alta e forte, a sua fisionomia revelava inteligencia e bondade que lhe ameigavam o brilho dos olhos. Maneiras simples e modestas sem acanhamento tocavam-na de um ar honesto e senhoril.

Logo que o Sales lhe apresentou o seu companheiro, Miquelina exclamou muito admirada:

— O filho do sr. Francisco!

E logo a sombra de um pensamento doloroso lhe passou rapidamente no semblante: lembrara-se das tristes apreensões de «pai Torcato», como ela lhe chamava, a respeito do afilhado.

Juca observou este gesto, sem o compreender.

A pedido dos visitantes, a «Pretinha» regeu ainda por algum tempo a aula. Ensinava com ternura e clareza pelo método antigo de soletração, que era o que lhe haviam ensinado. Castilho já então andava pelo norte do país em propaganda do método repentino de leitura, mas este método não penetrara ainda em Tagilde,

Depois que as crianças saíram, Juca referiu-se a ele com elogio, dizendo:

— Já o li, mas ainda o não vi praticar. Consta que o sr. Castilho, logo que saír do Porto, irá a Coimbra ensiná-lo. Tenciono assistir ás suas lições.

— Eu já escrevi para o Porto a pedir que mo enviassem e espero-o por estes dias, explicou Miquelina.

— Pois, minha senhora, se êle chegar, desde já lhe peço licença para com o seu auxilio e o do meu amigo Sales tentar ensaiá-lo.

— Ah! quanto eu estimarei aprendê-lo com pessoas tão competentes, disse Miquelina muito satisfeita.

Agradeço a vossas senhorias, em meu nome e no das criancinhas destes arredores.

Chegou o exemplar do método repentino, cujas vantagens Juca Tagilde demonstrou com aplauso do Sales, e que a «Pretinha» logo compreendeu, confessando se encantada com a exemplificação pelas figuras, pelas regras metrificadas, pelo canto orfeónico, e dizendo que o desenho e o ritmo lhe pareciam elementos de fácil e agradavel aprendizagem.

Ela prometeu pôr em prática o método depois de férias, porque não prejudicaria as alunas adiantadas, nem as atrasadas, e a todas incutiria maior amor pela escola.

Um dia em que o Sales não pôde comparecer, Juca aproveitou a oportunidade para sondar a intenção do gesto de Miquelina, quando o soube filho do afilhado de Torcato.

— Meu pai sustentava correspondencia com o padrinho?

— A principio, sim. Vinham cartas amiudadas vezes, mas depois deixaram de vir.

Juca percebeu algum embaraço em Miquelina e insistiu:

— Meu pai nunca explicou esse silencio, que decerto desgostou o padrinho?

— Sim... desgostou.

— Minha senhora, peço-lhe que me fale com inteira franqueza. Eu não tenho outra pessoa a quem recorrer e desejo saber a verdade toda.

Miquelina criou alento e ela não sabia mentir nem enganar.

— Pai Torcato afligiu-se muito. O Francisco, dizia, anda metido em trabalhos e negocios complicados, de que faz segredo até para mim. Ele não teve melhor amigo do que eu e não devia ter dúvida em contar-me a sua vida...

— Que trabalhos e negócios suspeitaria o padrinho que fossem?...

— Nunca o disse claramente. Já Pai Torcato estava muito mal, veio uma carta do sr. Francisco e melhor seria que não viesse...

— A senhora conserva essa carta?

— Essa e todas as outras.

— Quereria ter a bondade de mostrar-me apenas essa?

— Prefiro mostrar-lhas todas, tambem as antigas.

E foi buscá-las.

Juca esperou preocupado.

Quando Miquelina trouxe as cartas, Juca procurou logo a última, aquela em que o pai dizia estar associado na casa Nestor, e depois de a ler quedou-se pensativo.

Passados alguns momentos perguntou:

— O padrinho ficou mais impressionado com esta carta?

Miquelina respondeu sem poder reprimir as lagrimas:

— Muito, porque, dizia ele, via confirmadas as suas suspeitas. Perdão...

— Diga: peço-lhe que diga tudo.

— E tanto se desgostou que poucos mais dias teve de vida.

— Morreu talvez de desgosto...

— Não digo tanto. Mas o desgosto atormentou-lhe a morte. E êle era um santo, um justo, e queria muito ao sr. Francisco, como se fosse seu filho.

As revelações da «Pretinha», feitas sem a hipocrisia das salas, sem as reservas convencionais da sociedade, antes num tom sincero, mesmo ingénuo, fizeram pensar Juca longamente.

Então se lembrou êle de na sua infancia ter ouvido dizer que o banqueiro Nestor, seu bisavô, negociava

em escravos. Não dera importancia nem peso a isso, que tambem se dizia de outros argentarios.

Só agora as apreensões de Torcato lhe insinuavam a ideia de que seu pai, associando-se na casa, continuasse aquele tráfico e por ele tivesse enriquecido.

A confiança que em Francisco Tagilde depositava o velho Nestor era realmente confirmada pelo facto de o ter casado com a sua unica neta, por imposição autoritária, sem que entre os noivos houvesse amor ou sequer tivesse havido namôro.

E ao espirito de Juca subitamente acudiu esta frase que o pai lhe dissera um dia em que conversavam ambos: «Suponho que ninguem poderá pensar que o meu caracter valha menos que a minha geração».

Agora esta mesma frase tambem lhe parecia apreensiva da parte de seu pai sôbre o conceito em que o filho e a opinião pública poderiam tê-lo.

Intimamente, bem no fundo de alma, Juca Tagilde ficou quase convencido de que «os trabalhos e negocios complicados», a que Torcato se referira, não eram outros senão os do tráfico da escravatura, talvez em larga escala.

E esse secreto desgosto não o esperava Juca.

VI

Crise de tédio

Das duas irmãs de Francisco Alves uma só vivia ainda. Era Mécia, residente em Fafe, onde administrava as terras que o marido deixára, apesar de ter um filho de maior idade, que preferira á vida agricola uma profissão industrial mais de seu gôsto.

Dizia êle que sua mãe já havia sido o braço direito do marido na administração da casa e que, depois de viuva, não seria possivel encontrar um proprietario ou feitor mais esperto, zeloso e económico.

Este rapaz chamava-se Cecílio e pusera na vila um botequim modesto mas rendoso, onde êle por suas proprias mãos fazia um optimo café, muito apreciado por clero, nobreza e povo.

Os minhôtos rudes chamavam a este estabelecimento o «botequim do Cezílio» e as autoridades locais, os morgados, os padres e os bons lavradores não se dedignavam de entrar ali concorrendo com os artistas da vila, os trabalhadores rurais e os almocreves em transito, tanta era a decencia e boa ordem que o botequineiro sabia manter na sua loja de bebidas.

E êle, forte e resoluto, não era para graças.

Cecílio vivia com a mãe, de quem dizia, radiante, quando lhe perguntavam por ela:

— A minha velhota, graças a Deus, é rija como o ferro e trabalha mais do que eu, que apenas faço o café para os fregueses e me entretenho a ouvir conversar e a saber novidades. Faz boa diferença! Ela olha pelas terras, anda no campo com os trabalhadores para vigiá-los e sempre de roca á cinta vai fiando o linho da nossa roupinha, que não ha outra de melhor linho em Fafe nem Guimarães.

Foi justamente assim que Sales e Juca a foram encontrar num dia claro e sêco, mas frigidíssimo, em que o sobrinho a quís ir visitar e conhecer. Mécia, em pleno campo, sem se importar com a baixa temperatura e o ar cortante daquele dia, presenceava o trabalho da lavra, seguindo com os olhos o sulco do arado, e fiando automaticamente.

Usava o trajo de viuva abastada, sáia de baêta preta, casabeque de casimira tambem preta e na cabeça lenço de merino preto e branco, que lhe não tapava, sôbre a testa, umas rêpas de cabelo grisalho, á laia de franja, segundo o costume do Minho.

Trazia avental de chita em quadrados pretos e cinzentos. Calçava meias de lã e tamancos.

Na sua fisionomia notavam-se ténues vestigios de antiga beleza, maltratada pelo rigor das intempéries.

Mécia só parou de fiar quando surpreendida com a visita. Reconheceu logo o Sales, mas, que se lembrasse, nunca tinha visto o outro visitante.

Por isso, sem dar tempo á apresentação, perguntou desembaraçadamente:

— E este quem é?

— Este, respondeu Sales, é filho de seu irmão Fancisco, é seu sobrinho, que veio formar-se e m Coimbra, e que, acompanhando-me a Tagilde nestas férias, quis conhecer a tia Mécia.

— Quem o houvera de dizer! comentou ela.

Depois olhou perspicazmente o sobrinho e, tomando a dianteira aos dois, disse com intimativa:

— Entrem cá dentro.

E foi-os guiando para a porta de casa.

A habitação era ampla, mas de um só pavimento, pouco alto.

Seguindo Mécia, entraram numa sala grande, quase despida de mobilia. Apenas tinha dois arcazes antigos e cinco tamborêtes de couro, um dêles côxo. O tecto, de castanho em bruto, pousava num friso, que estava cheio de maçãs e melápios. A meio do tecto pendia uma espécie de trapézio de arame suspendendo cachos de uvas sêcas.

Casa de lavradores, como tantas outras do Minho, nem melhores nem peores.

— Façam favor de se mandar sentar, ceremoniou a proprietária.

Sales e Juca obedeceram logo.

Mécia, sem tirar a roca, ficou de pé, encostada a um dos arcazes.

— Com que então, diga-me uma cousa, apostrofou dirigindo-se ao sobrinho, quantos anos tem?

— Vinte e dois.

— E como é a sua graça?

— O teu nome, explicou Sales.

— Ah! chamo-me José.

— E que me diz do pai? Vive ou não?

— Vive, sim. Mãe é que já não tenho.

— Deus lhe fale nalma. Era portuguesa ou brasileira?

— Brasileira.

— Seu pai, o tal sr. Francisco, saíu-nos um irmão muito despegado, nunca fez caso de mim, nem da Filomena — que já está na terra da verdade há sete anos. Nanja que precisássemos dele cousa alguma,

nem tanto como uma unha, graças a Deus. Mas éramos tão amiguinhas do Chico que até lhe chamávamos por mimo o «nosso morgadinho».

Aqui, Mécia comoveu-se algum tanto. Depondo a roca e o fuso sôbre o arcaz, prosseguiu:

— Quando ele se foi embora choramos muito, tivemos muitas saudades, e ele não teve nenhumas.

Juca interrompeu serenamente:

— Como sabe a tia Mécia que meu pai não as teve?

— Como sei?! Essa é boa! Porque nunca nos escreveu. Nem sequer nos mandava vesitas. A princípio, o Chico, quando escrevia ao padrinho, dizia-lhe qualquer recado para ser entregue aos nossos pais. Quanto a nós duas, bico calado. Nem que fossemos más mulheres, o traste! Depois até ao padrinho, que lhe deu a mão, que o fez home, deixou de escrever, e com esse desgosto começou o pobre Torcato a caír, a caír, que foi um ar que lhe deu. Ultimamente já nem queria ouvir falar do afilhado. Levo-o aqui, dizia ele á «Pretinha»; aqui era na garganta, bem entende. Por fim, lá veio uma carta, de que o padrinho se desgostou tanto, que foi marchando para o outro mundo.

Calou-se. A sua expressão fisionómica de justo ressentimento foi-se diluindo rapidamente. Veio uma reacção de calma e bondade. Mécia demorou os olhos em Juca, que parecia pesaroso ou constrangido.

— O sobrinho, disse ela, tem bom doairo e há de ser rapaz de bons sentimentos. Os olhos são tristes, e o Chico não nos tinha assim. Certamente saírá nos olhos á mãe.

Juca, de repente, ergueu-se emocionado, e foi abraçar a tia Mécia numa efusão de lágrimas.

A lavradora colheu-o estreitamente nos braços e tambem chorava, comovida.

Foi uma reconciliação cordealissima. Dir-se-ia que

nessa sincera expansão Mécia perdoava, na presença do filho, as culpas do pai.

— Pois, sobrinho, esta casa está ao seu dispôr, venha por aí quando quiser, demore-se o tempo que lhe apetecer... se lhe apetecer, porque isto é casa e vida de lavradores. Mas ainda agora me lembro! Vocês devem ter vindo com frio e o vinho verde não os aquecerá bastante. Eu outra bebida não na uso. Ora espera!...

E foi á janela, chamando:

— O' Lourenço, vem cá num pulo.

Um rapagão ágil e alegre não se fez esperar.

— Vai com estes senhores e diz ao meu Cezílio, ordenou ela, que lhe dê café e conhaque. Um conhece êle muito bem e o outro é um parente nosso do Brasil, filho de meu irmão Francisco.

Tia e sobrinho despediram-se afectuosamente.

A' saída o Sales segredou ao Juca:

— Os corações do Minho são assim: rudes mas bondosos.

Juca, ainda muito impressionado, moveu afirmativamente a cabeça.

Quando entraram no botequim, e Lourenço deu o recado da patroa, Cecílio saíu do balcão e veio receber os dois recênchegados.

Sorriu ao Sales e cumprimentou ceremoniosamente o primo, que lhe estendeu a mão, puxando-o para si e abraçando-o.

— Vou já, já, servir-lhe o café e o conhaque, que hão de trazer muito frio.

A'quela hora, apenas estavam no botequim um padre, um caminheiro de pé descalso e um oficial de diligencias da administração do concelho, que dizia ao padre vir de fazer uma intimação.

Juca tirara do bolso a carteira e com admiravel rapidez esboçou o retrato da tia Mécia. Começava a

desenhar a armação do botequim quando Cecílio veio servi-los, muito risonho, de bandeja na mão direita, dizendo:

— O sr. dr. Sales (em Fafe todo o estudante de Coimbra era doutor na bôca do povo) já aqui tem entrado muitas vezes e sabe que o café é melhor do que a loja. Mas o parente...

— Que tambem estuda para doutor, atalhou Sales.

— E que deseja ser apenas tratado por primo... observou Juca, guardando a carteira.

— Mas o primo dr. entra hoje aqui pela primeira vez e há de notar que o meu estabelecimento é mal amanhado. Quanto ao cafézinho não haverá que dizer e já tem alguma fama.

Sales, que tomara um gole mesmo sem deitar açúcar, exclamou:

— Isto não é a zurrapa que nós bebemos em Coimbra no botequim do Cebôla. Isto é café superfino.

Juca sorveu uma colherada e concordou dizendo ser a primeira vez que em Portugal tomava café tão saboroso como o da sua casa no Rio.

E logo depois:

— Primo Cecílio, eu e sua boa mãe já conversamos muito. Ela lhe contará tudo.

O padre, que tinha ficado á coca, levantou-se assim que ouviu isto por se lhe malograr o ensejo de assistir a maior expansão familiar entre os dois primos.

Com o padre saíu o oficial de diligencias, para comentarem juntos o que tinham presenceado.

E o freguês de pé descalso demorou-se apenas o tempo preciso para limpar a bôca ao dorso da mão direita e tirar da algibeira trinta réis que pôs sôbre a mesa.

Juca prosseguiu:

— Pois, meu primo, se muito estimei conhecer a mãe não menos estimo conhecer o filho. São parentes

que aprecio e considero pelo seu caracter independente, pelo seu amor ao trabalho e pela sua honradez.

— Favores do primo dr., balbuciou Cecílio. Minha mãe essa nunca deixa de trabalhar. Eu, aqui, ganho a vida sem fadiga nenhuma.

— E por que não melhora o primo este seu estabelecimento, alvitrou Juca, tornando-o mais vistoso e pondo um bilhar, mesas de jogo, mais bancas?

Cecílio sorriu com bonomia e replicou:

— Já não é o primo dr. a primeira pessoa que me fala nisso. Mas eu vou navegando com vento de feição neste acanhado chaveco. Aqui entra toda a gente, e se a casa tivesse algum aparato os fregueses de pé descalso fugiriam envergonhados, e como os fregueses de gravata ao pescoço são em menor número, a receita diminuiria muito.

Juca ouvia-o com atenção e simpatia.

— Os pobres entram, tomam a sua bebida e marcham. Só os ricos, se é que o são, se demoram conversando e eu até gosto de ouvi-los. Um bilhar retém os mirones, ocasiona piadas, ás vezes questões, e eu teria de dividir-me entre o bilhar e o café, para fazer respeitar a boa ordem e a decencia, que julgo indispensaveis nestes estabelecimentos.

Juca, seguindo as judiciosas considerações do primo, reflectia mentalmente: «O honesto Torcato receava a ambição de meu pai entrando como socio na casa Nestor. Pois este sobrinho de meu pai é um homem francamente desambicioso, que prefere a tranquilidade do espirito á acquisição de maiores lucros. Parece que não tem inimigos, que vive despreocupado e contente, ao passo que meu pai...»

Querendo afastar este molesto pensamento, levantou-se, acendeu o charuto e confirmou com sinceras palavras a boa impressão que levava do primo e ex-

pressou o seu agradecimento pelo excelente café que lhe quisera oferecer e ao amigo Sales.

No regresso a Coimbra, Juca parecia ainda mais concentrado, a ponto do Sales lhe dizer um dia:

— Se te preocupas com o que disse a tia Mécia, fazes mal, porque em todas as familias há daquelas scenas intimas e a gente do Minho, por melhor que seja, é sempre rudemente franca.

Juca respondeu laconicamente:

— Não fiquei preocupado. Até estimei a franqueza com que me falou a irmã de meu pai.

O principio do ano de 1853 ia derivando monotonamente para a academia de Coimbra, mas em Março produziram-se acontecimentos que deram que falar.

Nesses acontecimentos achavam-se envolvidos três estudantes, Manuel Vaz, «o das pernas de pau», Teixeira Maciel, e Gabriel Bustamante, que já sabemos ser brasileiro.

Os factos, segundo constam do processo instaurado pela policia academica ocorreram ás sete e meia horas da tarde no dia 21 daquele mês e ano: começaram na rua das Fangas e continuaram no bêco das Cruzes.

Manuel Vaz Preto Geraldes e o seu amigo e condiscipulo Tomás Maria Barbosa Teixeira Maciel esperaram Gabriel Ploesquellec Fortes de Bustamante, tambem aluno da Faculdade de Direito, que vinha de casa do dr. Joaquim Maria Rodrigues e se recolhia a sua casa.

Saíndo-lhe á frente, Manuel Vaz ameaçou-o:

— Amigo, é tempo de mas pagares.

Bustamante, considerando-se em legitima defesa, disparou um tiro, que não acertou, e retrocedeu acolhendo-se ao domicilio do dr. Rodrigues.

Passada uma hora, carregou de novo a pistola e saíu.

Quase no mesmo sitio, tornou a encontrar os dois quintanistas, a quem invectivou.

Manuel Vaz disparou um tiro e Bustamante respondeu com outro, ambos sem resultado.

Tomando os três estudantes a direcção da Couraça de Lisboa, pela segunda vez se ouviram tiros.

Bustamante tentou fugir a Manuel Vaz que o perseguia, mas no fim da Couraça encontrou Tomás Maciel, o qual o feriu com instrumento cortante e perfurante.

Concluso o processo, foi dada sentença em 18 de Maio pelo dr. José Manuel de Lemos, lente de teologia e vice-reitor, condenando Vaz Preto e Tomás Maciel a serem perpetuamente riscados da Universidade [1].

A causa deste conflito foi o amor. Manuel Vaz era fogoso e ciumento. Ainda na velhice discursava com intensa energia na tribuna parlamentar.

Em Coimbra tratava de dispersar rivais, perseguindo-os, e para assustar os espectadores timidos nas suas costumadas deambulações galantes, servia-se das pernas de pau e envolvia-se num lençol.

Ploesquellec Bustamante, por mais pegadiço, insistia em espionar certas ruas e janelas, irritando pela insistencia Manuel Vaz.

E' escusado procurar outra causa á emboscada da rua das Fangas.

Foi a este estudante mineiro que o bom e jovial Padre Carvalho um dia chamou á lição dizendo:

— Sr. Prost... Prost... que nome arrevesado! Sr. Prosteck Besta-manca.

A' hora em que foram disparados os tiros na Couraça de Lisboa, Juca Tagilde, fechado no seu quarto,

---

[1] Veja-se *O Observador*, n.º 611, de 21 de Maio de 1853.

desenhava, pairando arroubado numa atmosfera de sonho, o retrato da formosa e honesta dama por causa de quem Bustamante, escapando dos tiros de Manuel Vaz, fôra atingido pelos golpes de Tomás Maciel...

Durante os meses que decorreram até ao fim do ano lectivo de 1852-1853 os créditos de Tagilde como aluno da Faculdade de Direito ficaram brilhantemente confirmados. As suas lições foram excelentes. E causou profunda estranheza que êle não fosse tirar ponto. Nem mesmo ao seu amigo Sales dissera o motivo de tão inesperada abstenção. E, quando interrogado, limitou-se a responder-lhe:

— Não posso, não posso. Nem me faz diferença perder um ano.

— Mas tu ganhaste o ano e a tua resolução torna-se inexplicavel por isso mesmo.

A esta réplica do seu amigo Sales, Tagilde insistiu:

— Não posso, não posso.

— Mas então abandonas o curso?

— Isso não sei. Veremos. Por agora o que posso dizer-te, meu caro Sales, é que não vou tirar ponto.

Quando isto constou á Faculdade de Direito, o dr. Férrer convidou Tagilde a ir a sua casa.

O ilustre professor envidou todos os esforços, desde a argumentação até ao carinho, para dissuadir Tagilde. E apenas logrou obter a vaga possibilidade de continuar o curso.

— Nesse caso, dissera o catedrático, eu declararei ao Reitor que, por fortes motivos especiais, deixou agora de tirar ponto, o que não importa renuncia ao proposito de, antes do principio do novo ano lectivo, vir dar as provas finais do primeiro ano.

A concessão era tão generosa e cativante que Tagilde não teve coragem para resistir.

— O que tencionas tu fazer nas férias grandes? inquiriu o Sales. Vais ao Rio de Janeiro?

Tagilde sorriu melancolicamente e respondeu:

— Não vou.

— Queres vir passá-las comigo em Tagilde?

— Todas não. Talvez te faça uma visita.

— Então o que tencionas fazer? se não é segredo.

— Não é segredo nenhum. Fico por agora em Coimbra.

— Mas Coimbra, quando a academia debanda nas férias grandes, deve ser uma solidão.

— Tanto melhor para mim. E' o que me convém.

— Tu estás enigmático, Juca!

— Então poderá chamar-se enigmático a quem diz lealmente tudo o que pensa fazer!

— Mas o enigma está justamente no que pensas fazer.

— Não discutas isso, meu caro Sales, atribue tudo ao meu genio, ao meu temperamento, talvez a uma influencia hereditária, que sei eu...

— Tu és um poeta incompreensivel como tantos outros. Dize-me uma coisa com franqueza: tu fazes versos?

— Poeta, eu! A unica das belas-artes que cultivo é a pintura e nessa mesma não passo de um simples amador.

— Alto lá, não te amesquinhes, que pode haver nisso uma certa ofensa para mim, que já vi dois ou três retratos desenhados por ti. O do João de Deus e o da tia Mécia achei-os maravilhosos de semelhança.

— Talvez seja um pouco assim, visto que o pensas e afirmas. Eu não sou um poeta, nem mesmo escritor, a minha palavra não consegue descrever as minhas impressões de modo a satisfazer-me. Não evoco falando nem escrevendo, mas desenhando e pintando. A imagem passa da alma ao papel por um

processo automatico, inconsciente, e a semelhança será tanto mais exacta quanto mais a imagem me houver impressionado. Tudo se cifra nisto, apenas.

A crise por que o espirito de Tagilde estava passando, no momento em que recusou tirar ponto, era um daquelles temporais violentos que frequentemente abalam e desequilibram as faculdades psiquicas dos artistas. Era o desgôsto, o tédio, a dúvida, o desánimo, aquilo a que Heine, o poeta favorito do moço fluminense, chamou o «mal odioso de viver».

Do seu encontro com a «Pretinha» e com a tia Mécia colheu Juca a indicação, e até o pressentimento, de que seu pai, dominado pela febre do oiro, fizera da escravatura uma fonte de riqueza. A ambição escravizara-o por sua vez, levara-o a esquecer as irmãs, o padrinho, a aceitar a mão de uma neta do banqueiro Nestor, que não amava nem compreendia o marido e que ele não compreendêra nem amára. Agora era que Juca entendia a vida retirada e triste de sua mãe, a pobre Lúcia, que tivera um sonho de amor e submissamente se sacrificára á prepotencia do avô e á cupidez do noivo. Queimava-o até como ferro em brasa, ao atormentado Juca, a ideia de que a ele mesmo lhe adviria menospreço por ser bisneto de um negreiro e filho de outro.

Na aldeia de Tagilde, pela «Pretinha» e na vila de Fafe, pela tia Mécia e Cecílio, já seu pai deixára de ser estimado, e nunca mais o seria por que os fundos ressentimentos criam raizes, que uma hora de generosidade não consegue desarreigar. Só a morte, por um sentimento de piedade cristã, poderá absolver quem os provocou... e nem sempre.

Juca tinha razão. Quando eu penso na frase de Mirbeau «Mourir c'est être pardonné», lembro-me si multaneamente de malquerenças, de ódios de família que sobrevivem á pessoa odiada. Fora das familias,

entre velhos inimigos, o facto é ainda mais vulgar.

Há gente que diz: «Perdôo, mas não esqueço.» Nunca ouvi dizer a ninguem, nem o filho de Francisco Alves ouviria tambem, «Perdoei e esqueci».

E não se pode dizer, porque a memória é uma faculdade independente do nosso arbitrio.

A estes desgôstos intimos de Juca, jámais confessados ao seu amigo Sales, veio juntar-se outro não menos intimo, que ele mesmo não saberia explicar, nem seria compreendido, porque provinha de uma subtil sentimentalidade recondita e rara, inacessivel, com certeza, ao comum dos homens.

Esta nova amargura sucedera ao conflito academico ocorrido durante a noite de 21 de Março.

Qual dos seus condiscipulos e contemporaneos poderia suspeitar, e menos ainda perceber, a impressão dolente que esses acontecimentos deixaram na alma de Tagilde?

Muitas vezes êle pensava:

— Há em Coimbra só um rapaz que poderia compreender todos os meus segredos e misterios, se eu lhos revelasse: é João de Deus. Exceptuando o seu grande talento poetico, somos dois irmãos incompreensiveis para toda a gente; mas um ao outro nos entenderiamos, ainda quando cada um de nós se não entendesse a si mesmo.

Alguem que conheceu em Coimbra o eximio lirico, e descreveu num livro as suas excentricidades, o seu amor á solidão e ao silencio, o seu fugaz sorriso, o seu habitual *spleen*, que chegava até ao tédio, recapitulou em poucas palavras o seu perfil moral:

«João de Deus era um misterio; sua alma era um labyrintho sem o fio de Ariadne; ele proprio a não compreendia; singela e triste revelava-se nas suas creações, na simplicidade do seu viver, nas suas con-

versas, no isolamento em que se colocava vagando solitário por Cellas, Santo Antonio dos Olivaes, Penedo da Meditação, Penedo da Saudade...»

Assim era então João de Deus, que Juca Tagilde tão bem conhecia, conquanto nunca o dissesse, nem descrevesse como aquele biógrafo.

Começaram as férias grandes e o filho de Francisco Alves demorou-se em Coimbra algumas semanas numa vida que não diferia da sua vida de estudante: lia muito e passeava pelos arredores da cidade.

Depois foi emboscar-se na floresta do Buçaco, onde apenas avistava as pessoas que erravam ao acaso pelos desvios umbrosos da montanha.

Não conhecia ninguem, nem essas pessoas, que pareciam habituadas ás excursões alpestres, o conheciam a êle.

Regressava a Coimbra como se uma força magnetica o atraisse a essa cidade, quasi morta pela ausencia dos estudantes; e voltava ao Buçaco, parecendo que outra força análoga o levava para lá inconscientemente.

Quase no fim de Agosto veio a Coimbra. Uma noite estivera a ler, com a janela aberta, até ás onze horas. Depois apagou a luz e ficou por algum tempo fumando, alumiado pelo luar — o lindo luar de Agosto—que esteirava de alvacenta claridade a maior parte do soalho.

Foi então que ouviu falar alto na rua. Atentando o ouvido, sentiu pessoas que se aproximavam e logo ouviu uma voz de mulher, que dizia:

— Sabes? Aqui nesta casa é que mora «o filho do negreiro».

— Esse pobrezinho... respondeu qualquer homem ironicamente.

Num impeto leonino, Juca Tagilde correu á janela.

Uma tricana e um futrica seguiam rua adiante, troçando alto, dizendo as alcunhas de quem morava nos prédios. Vinham provavelmente de cear e teriam bebido bem.

Juca ficou por algum tempo atordoado como numa vertigem, de que a leve brisa da noite ajudou a restabelecê-lo.

Depois, ainda vacilante, deixou-se cair na sua cadeira de braços e, pondo ambas as mãos sôbre os olhos, chorou.

Que pavorosa noite a sua!

VII

Face negra e alma limpida

Só de madrugada pôde Juca, tendo recobrado alguma serenidade, tomar uma resolução.

Preparou as bagagens, mandou chamar um almocreve, que assumiu a responsabilidade de entregar-lhas no Porto, onde ambos se encontrariam, e saiu de Coimbra furtivamente.

Chegando áquela cidade ali esperou uns dias pelo almocreve. Entretanto escrevera, para Tagilde, ao Sales, prevenindo-o de que em breve iria visitá-lo.

Não desconfiou o teólogo de que nessa carta houvesse qualquer intenção oculta, porque tinha solicitado a visita do seu amigo quando em Coimbra se despediram.

De mais a mais, a prevenção era redigida num tom sereno, e Juca, ao entrar na casa do Sales, parecia despreocupado e tranquilo.

— Vem melhor do que o deixei. Ainda bem que a crise de tédio já passou, dizia mentalmente o teólogo.

E, partindo desta ideia, procurou entretê-lo contando-lhe o que tinha feito desde o principio das férias, sem que Juca Tagilde fizesse, por sua vez,

a historia do seu isolamento em Coimbra ou no Buçaco.

Foi, notando este facto, que o Sales começou a suspeitar de que a serenidade de Juca seria ficticia.

Mas, poucas horas depois, teve a certeza de que algum acontecimento grave haveria ocorrido, porque Juca lhe dissera:

— Esta noite, quando teus pais estiverem recolhidos e não os possámos incomodar, preciso fazer-te uma confidencia, conversar contigo.

Então a sua fisionomia turvou-se e os olhos humedeceram-se sem lágrimas, certamente porque ele se esforçara por contê-las.

Sales ficou sobressaltado e receoso de que Juca desistisse do curso de Direito por desgôstos intimos. O incidente com a tia Mécia tinha-se liquidado em familia, contudo Juca mostrava-se desde então mais apreensivo. Viria depois alguma surpresa que o sobreexcitasse? O pobre Sales perdia-se em conjecturas.

A' hora da ceia — essa patriarcal ceia dos lavradores do Minho — Juca tomara apenas um caldo de galinha e uma chicara de café, mas conversara aparentemente desenfadado com os pais do seu amigo, que o tratavam com muita consideração e ceremonia.

Eram oito horas e meia quando os dois velhos se levantaram da mesa e, depois de terem dado graças a Deus, fizeram os seus cumprimentos de boa-noite, que o hóspede amistosamente retribuiu.

Não tardou que um silencio profundo emudecesse toda a casa e a aldeia toda. Os cães não ladravam ao longe nem ao perto. Chegara o momento que os romancistas de outrora designavam «pela calada da noite».

— Podes falar, disse o Sales, já toda a gente dorme.

Juca Tagilde, com a ansiedade de quem precisa

desabafar no coração de um amigo leal, contou o que se passara naquela trágica noite de Coimbra em que tinha ouvido o diálogo da tricana com o futríca.

Sales estava mortalmente pálido.

— Eu devia suspeitar, confessou Juca Tagilde, que me tivessem posto qualquer alcunha, porque em Coimbra os lentes, os estudantes, os fanqueiros, os operarios e até os mentecaptos são mais conhecidos pelas alcunhas do que pelos apelidos. Mas a verdade é que nunca pensei nisso, nem me lembrava, tanto mais que nunca dei atenção ás alcunhas que ridicularizavam um defeito fisico ou moral. Mas a minha alcunha, amigo, é de dois gumes, vexa o pai e o filho e incompatibiliza-me com uma sociedade, que me faz expiar as culpas de meu pai, se é que êle as tem. Tu compreendes que não posso resignar-me ao aviltamento de uma alcunha excepcionalmente odiosa, porque não me consta haver outra, na academia, com duplo alcance, por exemplo, o «filho da meretriz», o «filho do bandido» ou «do assassino», o «neto do corsário» ou «do moedeiro falso». Donde viria impelido este inesperado aríete, que me bateu em cheio no peito, sem eu ter declarado guerra a ninguem? Tu conhecias a infamante alcunha? tinha-la ouvido alguma vez? sabes donde partiu, quem a divulgou? Dize, fala, preciso que me informes e esclareças.

Sales, manifestamente contrariado, não demorou a resposta:

— As alcunhas são realmente uma tradição academica, mais jocosa do que agressiva. Nunca me perguntaste se eu tinha alguma. Se o fizesses, ter-te-ia dito logo que me chamavam «Bossuet Júnior», em razão de eu já ter subido ao púlpito em Coimbra. Se me perguntasses se tinhas alcunha, dir-te-ia que me não constava, porque só ultimamente ela nasceu. Como? E por que? Pouco antes de férias, chegou

a Coimbra um brasileiro, que trouxe um filho para ser educado no Seminário. Era do Rio de Janeiro e hospedou-se na «Estalagem do Paço do Conde», onde oferecia champanhe aos estudantes quando ali iam comer o jantar da patente. O homem informou-se a respeito dos rapazes procedentes do Brasil que frequentavam a Universidade. Disseram-lhe os nomes entre eles o teu. Ouvindo o apelido Tagilde, perguntou: «Ele é do Rio?» Que sim, que eras fluminense. «Então, tornou o homem, é filho do riquissimo negreiro Tagilde. Mas esse moço, que eu só vi em pequeno, estava a educar em Inglaterra.» Que era assim e que vieras agora cursar o primeiro ano de Direito em Coimbra, sendo um estudante muito distinto. Como vês, a tua alcunha não proveio de um acinte, mas de uma simples revelação ocasional. Por me saber teu amigo, alguem me contou o que se havia passado no Paço do Conde e eu pedi-lhe que não divulgasse o que disséra o brasileiro, porque provavelmente te desgostaria, dado o teu génio susceptivel e apreensivo. Como vês, a alcunha é de recente data e bem pode ser que alguma criada que serviu á mesa fosse a tricana que se embriagou com o futrica. Nos poucos dias que estive em Coimbra, ninguem mais me falou do caso, nem ouvi repetir o que tu chamas alcunha e que eu creio ter sido apenas uma impensada confidencia feita *inter pocula* por quem desconhecia os hábitos academicos. E por que te não preveni eu de tudo isso? Porque temi agravar a crise que atravessavas e porque pensei que a alcunha não prejudicaria a tua dignidade pessoal, nem a honra de teu pai; bem sabes que no Brasil se faz escravatura em larga escala e nenhum brasileiro se julga desonrado por esse facto, nem á sua patria. Ainda outro dia, á mesa redonda, ouvi eu contar na «Hospedaria da Joaninha», em Guimarães, que tinha chegado a Lisboa

um individuo — não me lembra o nome — que enriquecêra pela escravatura, o qual estava construindo um grande palacio em Sintra, onde tencionava dar festas sumptuosas.

Interrompo a narrativa do Sales para lembrar que este argentário talvez fosse aquele mesmo de quem Sá da Bandeira, passando por diante dos seus jardins em Sintra, poucos anos depois de 1854, com o senhor D. Pedro V, disse ao malogrado monarca, indicando-lhe as águas que repuxavam no tanque:

— Sabe V. M. o que ali está correndo?

El-rei mostrou-se surpreendido:

— E' água!

— Não, meu senhor, é o sangue dos negros, com que foram amassados os alicerces de toda esta riqueza.

Sá da Bandeira execrou sempre a escravatura, mas do mesmo modo não pensariam certamente os convidados para as festas que o negreiro opulento realizasse em Sintra.

Com a cabeça inclinada, Juca Tagilde, mascando um charuto após outro, escutava silencioso.

Creio ter demonstrado, prosseguia Sales, que a alcunha não representa intuitos rancorosos, tanto na sua origem como na sua aplicação a teu pai e a ti, que tens muitas simpatias em Coimbra. A escravatura penetrou, outrora, nos países mais civilizados, como a Grécia e Roma, sendo que entre os romanos, como tu bem sabes, chegou a tomar proporções abomináveis. No Brasil, o seu início obedeceu a um intuito patriotico, qual o de fornecer á lavoura os trabalhadores que antes lhe faltavam. Mas ainda que pudesse recaír sôbre teu pai qualquer responsabilidade legal, o que resta provar, é certo que, segundo o Direito e a Moral, os filhos não são incriminados pelos delitos paternos. Terei eu conseguido, meu ca-

ro Juca, convencer-te ou, quando menos, aplacar os teus nervos irritados? Tu o dirás.

Juca ergueu a cabeça e olhou com benevolencia o Sales.

— Déste-me as consolações que um bom amigo pode dar. Mas eu tomei uma resolução irrevogavel: não tornarei mais a Coimbra.

— Santo Deus! exclamou o teólogo, que desatinada resolução a tua! Ela vai dar que falar: a tua ausencia suscitará comentários, prenderá por algum tempo a atenção e a curiosidade da academia, e assim tu mesmo te vais oferecer como pábulo á maledicencia, que vulgarizará a tua alcunha, o que não aconteceria se aparecesses sereno e digno como és, embora solitário, um pouco misantropo, como é teu feitio. E depois...

— E depois? insistiu Juca.

— E depois mostras-te ingrato com os professores, que te teem manifestado a maior consideração, especialmente o dr. Férrer, que te sugeriu o meio obsequioso de não perderes um ano e te distinguiu apresentando-te ao notável autor do *Eurico*.

— Eu tenciono escrever ao Férrer, dando-lhe explicações e desculpas.

— Mas como poderás tu explicar um tão abstruso procedimento?

— Dir-lhe hei que motivos particulares, de suma importancia, me obrigam a partir imediatamente para Londes.

— E partes, realmente?

— Parto.

— O que vais lá fazer?

— Vou esquecer a academia de Coimbra e a sua fonte de alcunhas mais copiosa que a «fonte das lágrimas»; vou esquecer Coimbra, na convivencia dos meus antigos professores ingleses, mórmente daquele

que mais estimo e admiro, o sr. Córvley, que ainda há poucos dias me escreveu uma carta singularmente afectuosa.

— E ficas vivendo em Londres?

— Isso não sei.

— Nunca mais voltarás a Portugal, onde tens amigos e parentes, que te deram provas de sincera estima?

— Eu não odeio Portugal, nem esquecerei os bons amigos, como tu, nem a alma candida da bondosa «Pretinha», nem o coração ressentido e nobre da tia Mécia nem o carácter franco e modesto de meu primo Cecílio, nem as doces figuras venerandas de teus hospitaleiros pais, nem esse espirito simples e gloriosamente iluminado de João de Deus, nem o homem de sciencia e consciencia que é o dr. Férrer, tipo do professor moderno numa Universidade antiquada, nem Herculano, o grande historiador severo e rude, nem...

— Nem? perguntou acutamente o Sales.

— Nem qualquer vaga idealidade personificada, que porventura perpasse no meu espirito.

Já duas vezes, naquela noite, os galos tinham cantado.

Agora saudavam a alvorada, parecendo darem os bons dias uns aos outros, porque as mesmas tres notas, claras e agudas, iam vibrando de quintal em quintal, numa longa repercussão.

— Vamos deitar-nos, antes que teus pais se levantem, disse Juca, fatigado e triste.

— Sim, precisas descansar. E não resolvas nada precipitadamente.

— Quanto a isso, já decidi. Tenho as malas no Porto e de lá embarcarei para Inglaterra no primeiro paquebote que vier.

— Se me permitisses uma observação...

— Nunca te recusaria esse direito.

— Bem. Achava conveniente que daqui mesmo

escrevesses ao dr. Férrer, porque nesta casa o poderás fazer com maior tranquilidade do que numa hospedaria.

— Concordo contigo. Tenho hoje tempo de sobra para o fazer. Uma carta depressa se escreve. Duas, duas é que são. Tambem quero escrever algumas linhas ao João de Deus.

— E não queres despedir-te de mais ninguem?

— Hei de abraçar teus pais. A Fafe não vou, porque não tenho coragem para isso.

— Contudo, ainda te esquece uma pessoa, que está bem perto de nós...

— A «Pretinha?»

— Ela, sim. Quanto se não ressentiria, justamente, se te ausentasses sem lhe dizer adeus. Falou-te com tanta sinceridade, tanta franqueza... E reside aqui a dois passos apenas...

O que me embaraça é não poder eu usar de igual franqueza e sinceridade na sua presença.

— E por que não podes fazê-lo?

— Porque neste desgraçado assunto não devo eu próprio confessar a desonra de meu pai, ainda que outros o julguem desonrado.

— Mas tu, abandonando Coimbra, pareces confirmar, por um processo indirecto, o que não queres confessar.

— Infelizmente, não tenho provas com que possa contraditar, mas não quero deixar correr em silencio uma alcunha ultrajante. A minha permanencia em Coimbra seria um inferno insuportavel.

— Mas em Tagilde, na casa da «Pretinha» ou na casa de meus pais, não o será. Vai procurar Miquelina, conta-lhe o que ouviste dizer á tricana, a resolução que tomaste e os reparos que eu fiz a essa fatal resolução, que me não fartarei de combater. Pede-lhe que te diga o que pensa, o que faria nas tuas circuns-

tancias, porque a opinião daquela atilada e piedosa mulher não é para desprezar.

— Sim, tens razão, mas não quero que a previnas, ouvi-la hei de surpresa, dando ás suas palavras o valor de uma inspiração de momento. Alguns psicólogos afirmam que um alvitre espontaneo de mulher tem mais luz e mais peso que todos os seus argumentos raciocinados. Experimentarei.

A entrevista de Juca Tagilde com a *Pretinha* foi de uma sentimentalidade emocionante.

Ele desafogou todos os seus desgôstos e ás vezes interrompia-se para enxugar as lágrimas.

Ela ouvia-o com atenção e angústia, seguia atentamente as suas palavras e gestos, e traduzia chorando as revelações que ele nem sempre completava quando a comoção era mais violenta.

Tendo-o escutado durante longo tempo, Miquelina abrangeu-o num olhar de ternura quase maternal, e disse brandamente:

— Julgo haver compreendido a situação. O sr. Juca deseja ver seu pai afastado dos negocios da escravatura e isso só ele o poderá fazer afastando-se tambem do Rio. Deseja definir de um modo claro as relações entre o filho e o pai, sem contudo deixarem de ser tolerantes por parte do pai e respeitosas por parte do filho. Pois muito bem, nada há mais facil de conseguir. O sr. Francisco Alves liquida a sua casa e retira-se, escolhendo residencia em qualquer país, onde o sr. Juca o esperará de braços abertos, e onde adoptarão um teor de vida de familia, que os reúna a ambos, mas não empeça um nem outro. Entenderia eu bem?

Juca fez um movimento de cabeça afirmativo.

Mas a *Pretinha* continuou falando, para atalhar alguma provável objecção.

— O sr. Juca vai dizer-me talvez que não ousará

dar a conhecer a seu pai que está ao facto dos seus negocios e que deseja que se retire deles. Não lhe aconselho que tome essa ousadia; mas alguem haverá que o possa fazer sem escandalizá-lo.

Juca encolheu os ombros com desalento, como se quisesse significar que julgava isso impossivel.

— Ora oiça, Juquinha. Vai ver que se engana. Mas ainda que o sr. mesmo o fizesse, esteja certo de que seu pai lhe perdoava a ousadia, porque a alma dele deve estar ressequida como a urze do monte e qualquer estimulo afectuoso, viesse donde viesse, principalmente dum filho que tão pouco o tem acompanhado, seria como um orvalho refrigerante e reanimador, que o havia de enternecer até á indulgencia.

Juca olhava agora Miquelina cheio de admiração e assombro pelo seu bom senso, pela sua modestia, pela sua independencia e até pelo que quer que fosse de carinho. Dominava-o um profundo respeito quase religioso.

— Que lhe tem recusado seu pai, Juquinha? Nada. O sr. quis ir educar-se em Inglaterra, e foi. Quis depois fazer uma viagem de instrução, e viajou. Quis vir formar-se em Coimbra, e veio. Tudo isto em troca de que? De alguma carta atenciosa mas gelada, porque o Juquinha concentrava todo o amor filial em sua mãe; e seu pai não encontrou no filho a companhia de que precisava depois de viuvo. Ele continuou a trabalhar solitario, absorvido em negocios, talvez para esquecer que não era feliz. Que voz amiga lhe bradou: «Pára»? Nenhuma. Só talvez a da consciencia ou a da medicina, porque seu pai deve estar muito alquebrado, muito combalido; outros portugueses, tendo trabalhado menos tempo e em tráfico de menor risco, voltaram de lá cheios de achaques, como foi Pai Torcato, que Deus tenha em gloria. Hoje — e talvez Juquinha não creia isto — a vida

do sr. Francisco Alves inspira-me dó. Ele tem sido um dos flagelos da minha raça, da minha pobre raça sem independencia e sem liberdade. Meus pais nasceram escravos na Africa e foram morrer escravizados no Brasil, não sei onde nem quando. Mas o sentimento que nesta hora me domina não é ódio, nem rancor; é compaixão, é piedade, apenas. Porque o sr. Francisco Alves, que viveu para enriquecer, deve ter morrido em si mesmo no dia que viu repletos de dinheiro os seus cofres. Foi um escravo da sua ambição. Casou sem ter escolhido a noiva. Escolheram-lha. Impuzeram-lha. E a moça delicadinha e timorata aceitou-o certamente contrariada. No Brasil há duas especies de escravatura: a branca e a negra.

Juca por tres vezes apoiou com um meneio silencioso.

— Lá dá-se em casamento uma menina ao homem que já é rico ou capaz de enriquecer. Não se consulta o coração dela, entregam-na como escrava ao marido que se presta a comprá-la. E se esse homem fôr português, e voltar á patria, ela o acompanhará e seguirá para viver e morrer longe da sua familia, dos seus amigos e da sua terra natal. Alguns desses ricaços nós os conhecemos bem: são grosseiros e autoritários como régulos.

— Meu pai, atalhou Juca, foi sempre delicado com minha mãe, apesar de não se amarem.

— O sr. Francisco Alves teve criação e educação. Quanto ao génio, o padrinho achou-o sempre muito dócil. Dizia que era uma pomba e o que temia era que viesse a ser vitima da sua mansa índole. Estou a perceber que o Juquinha deseja que eu chegue quanto antes ao ponto de lhe dizer quem poderá substitui-lo para entender-se com seu pai acabando de uma vez esta insustentavel situação. Pois de novo lhe asseveró haver pessoa capaz de...

— Quem? quem? perguntou com ansiedade o filho do negreiro.

— Deveria ser o Juquinha, repito, porque seu pai havia de o receber com ternura, até com desvanecimento.

— Eu, sr.ª Miquelina, herdei de minha mãe o caracter concentrado e meditativo, sentiria faltar-me o calor da expansão, não venceria, nem convenceria.

— Pois bem, sr. Juca, nesse caso quem vai ao Brasil... sou eu.

— A sr.ª?!

— Eu mesma, sinto-me ainda vigorosa para fazer a viagem e sei quanto a minha resolução há de merecer o aplauso da santa alma do Pai Torcato.

— Eu não posso consentir esse enorme sacrificio.

— O sr. Juca pode não consentir, mas eu irei visitar seu pai e para lá ser recebida bastará dizer: «Está aqui a *Pretinha*, a filha adoptiva do *brasileiro da Vinha Nova*, que deseja falar com o sr. Francisco Alves, afilhado dele.»

Juca ria e chorava colhendo as mãos da *Pretinha* com indizivel enternecimento.

Negra sou mas formosa, pensava ele, recordando o *Cantico dos canticos*, porque naquela mulher africana havia a suprema beleza moral.

— E isto não sofre delongas, porque eu não vacilo um momento quando tomo qualquer resolução que a alma do Pai Torcato me inspira.

Soaram passos e entrou inesperadamente o Sales.

— Desculpem se interrompo. Mas recebi agora uma carta da minha servente contendo esta que a tua servente lhe pediu me fosse entregue, porque talvez eu soubesse onde tu paras. Em Coimbra nin-

guem sabe e até desconfiam que não voltes, porque não deixaste indicação nenhuma, nem as malas. Aqui tens a carta.

Juca relanceou os olhos ao sobrescrito e disse com trémula inflexão de voz:

— E' de meu pai.

VIII

O pai e o filho

Juca pediu vénia para abrir a carta, detendo com um gesto Miquelina e Sales, que faziam menção de afastar-se.

Leu em voz alta, com alvoroçado interesse:

«Rio, 5 de Maio de 1853.

«Meu querido filho:

«Desejava muito poder ver-te e abraçar-te antes de cegar de todo. Em trêz mezes ou ainda menos se me foi condensando no olho esquerdo um nevoeiro, de que tive ameaços na infancia em casa do professor Motta, mas que então se desvaneceu com a abstenção de ler e escrever á noite durante uns dias. Os medicos attribuiram agora o enfraquecimento da visão ao excesso de trabalho nocturno no escriptorio. Eu cohibi-me algum tanto e recorri á homeopathia, perdi n'isso algum tempo, sem tirar nenhum resultado benefico.

«Fui-me resignando a ver apenas pelo olho direito, mas nesse mesmo bem depressa começou a apparecer

uma belida, que vai engrossando e que os doutores capitulam de catarata, aconselhando-me que vá quanto antes fazer a operação em Pariz, onde ha um grande cirurgião oculista.

«Impossibilitado de trabalhar, desliguei-me dos meus socios e julgo que antes de dois mezes teremos liquidado as nossas contas em boa harmonia.

«Vou com a ideia de não voltar mais ao Brazil, ainda que a operação seja bem succedida. Por isso já mandei encaixotar todo o mobiliario do quarto de tua boa mãe, bem como todos os teus livros e papeis. De meu uso nada levo. Teu avô materno presidirá ao leilão do demais recheio da casa e dos restantes bens particulares que me pertencem. E elle, depois que receba qualquer aviso, mandar-te-ha para onde quizeres a mobilia já prompta a seguir viagem.

«Poderás tu, meu filho, acompanhar-me a Pariz? Oh! quanto eu o estimaria, meu Juca! Nesta triste emergencia, tenho tido por companheiro e auxiliar um rapaz que tomei para secretario, bom rapaz que elle é. Mas o logar de um filho ninguem o pode preencher. Assim pois não partirei do Rio sem ter recebido resposta tua.

Do teu pai
que saudoso te abençoa

Francisco Marques Tagilde (assinado).

A leitura desta carta tão singela, e tão eloquente na sua simplicidade, foi por vezes cortada pela erupção de lagrimas nos olhos de Juca, de Miquelina e do Sales.

Agarrando nervosamente o papel, que tremia como se o vento o agitasse, Juca foi cingido pelos braços daqueles dois dedicados amigos, que o aconchegavam ao peito com efusiva ternura.

Esta scena muda durou alguns minutos. Nenhuma das três personagens podia falar. Foi ainda com esforço que Juca logrou dizer:

— Tenho as malas no Porto. Partirei o mais depressa possivel. Pobre pai!

— Louvado seja Deus! exclamou Miquelina, que tudo se resolveu quando menos se esperava. Veja lá, Juquinha, se eu me enganei com seu pai. Que amizade ele lhe mostra nessa carta!

— A sr.ª Miquelina adivinhou tudo com uma presciencia admiravel!

— Não te aconselhava eu, interveio Sales, que era conveniente ouvi-la?

— E ainda tu não sabes que ela se tinha oferecido para ir ao Brasil dizer a meu pai quasi tudo o que esta inesperada carta nos veio revelar. Olha que notavel coincidencia!

— Pois ia, sim, e de muito boa vontade, confirmou a *Pretinha*. Podia ser que eu por lá alguma vez tivesse saudades da pequenada da minha escola. Mas contentaria a alma de Pai Torcato, que me havia de acompanhar por esses mares fóra, e que neste momento certamente estará agradecendo a Deus Nosso Senhor o haver conduzido ao bom caminho o seu querido afilhado, o seu Chico, como ele sempre dizia.

— Agora, lembrou Sales, é que tu ficas bem colocado em Coimbra tanto com os lentes como com a academia, quando lá souberem que foste chamado ao Rio por motivo de teu pai estar doente.

— Sim, vou escrever ao Férrer. Pobre pai! não se esqueceu de conservar o mobiliario do quarto de minha mãe, como eu lhe pedi, não se esqueceu de acautelar os meus livros e os meus papeis. E não partirá do Rio sem receber resposta minha. Pois a resposta sou eu mesmo, é a minha presença, é o seu Juca, em

quem a instrução não foi capaz de preencher o vácuo de uma alma talvez excessivamente sonhadora. Acompanhando meu pai na desgraça da cegueira, poderei ao mesmo tempo integrar-me na vida de família pela realidade piedosa, tão educativa como a instrução.

Poucos dias depois, Juca saía a barra do Porto e a sua disposição de espirito era serena e confortada.

A bordo não evitava os outros passageiros e trocava com eles rápidas impressões da viagem, sempre corteses e judiciosas.

Quando desembarcou, foi encontrar o pai ditando ao secretário algumas cartas de despedida para antigos correspondentes e amigos que residiam em diversas provincias do Imperio.

Conhecendo a voz do filho, Francisco Alves levantou-se impulsivamente, exclamando: «E's tu, meu querido Juca!» e levou-o abraçado para o vão de uma janela a fim de o poder observar de perto.

— Preciso vêr-te, dizia, quero vêr-te bem, antes de cegar.

E mirava-o inclinando a cabeça para aproveitar a visão do olho esquerdo enfraquecida e confusa.

— O que distingo melhor é a tua cabeça. Faz-me lembrar tanto a de tua mãe... Espera, espera — e colocava o filho de modo a poder entrever-lhe a fisionomia — parece que te não deste muito bem em Coimbra.

— Sim, meu pai, estive lá um pouco incomodado. Mas na viagem restabeleci-me.

— E á minha terra não foste?

— Fui, meu pai. Sossegue, que lhe hei de contar todas as minhas recordações de Portugal.

— Que prazer que terei em escutar-te! Preciso tanto de ouvir a tua voz nesta casa solitaria...

— Pois aqui estou. Conte comigo, que o não desamparo.

— Ainda bem! ainda bem! repetia o velho sorrindo e chorando.

— Meu pai não deve chorar, porque está sofrendo dos olhos.

— E' de alegria, sentimento que raras vezes me tem feito chorar. E estas lagrimas tomara-as eu sempre!

— Depois da operação e do tratamento choraremos ambos de alegria. Verá. Sim, por que já então terá recuperado a vista.

— Parece-te?

— Assim o espero.

Juca tinha ansia de sair do vão da janela, receoso de que o pai pudesse suspeitar de que ele tambem lacrimejava.

Francisco Alves envelhecera consideravelmente dentro de um ano. Encurvava algum tanto, a face descaía mole, e os olhos pareciam perdidos ou quasi atrofiados.

Repondo carinhosamente o pai na sua cadeira de braços, Juca quis distrai-lo com outro assunto.

— Agora, se me dá licença, cumprimento este cavalheiro.

— Valha-me Deus! O' Ilidio, desculpe, disse Francisco Alves, mas a chegada de meu filho empolgou-me. E' o meu secretário, um belo rapaz, dotado de optimas qualidades, como has de vêr.

Juca aproximou-se do secretário, estendeu-lhe a mão, olhando-o com indulgencia e bateu firme estas palavras:

— Uma pessoa, que meu pai tanto aprecia, póde contar desde já com a minha amizade. De mais a mais somos dois moços e temos um objectivo comum: velar pelo nosso doente com a maior dedicação.

Francisco Alves sorria enternecido.

— Agora, papai, consinta que eu vá num momento beijar a mão de vóvó.

— Vai, sim, que ela ha de estimar muito vêr-te. Teu avô decerto não estará em casa, porque anda tratando de negocios meus, como te mandei dizer na carta.

Enquanto Juca não regressou foi só dele que falaram o pai e o secretário: o pai, encantado com a sua apressada vinda; o secretário confessando que o sr. Juca lhe causou a mais agradavel impressão.

Inês Medeiros recebeu o neto com expansivo carinho.

— Ainda bem que já vieste, porque teu pai estava muito desanimado e até muito apreensivo. Fui eu que lhe indiquei para secretario o meu afilhado Ilidio, que é uma joia e o tem tratado com a maior solicitude e me informava dia a dia do que se ia passando. Sabes? cheguei a recear que teu pai quisesse suicidar-se. A ultima vez que aqui veio disse-me o sentido em que te escrevera, e chorou lastimando-se de não ter podido dar a felicidade a ninguem, nem a tua mãe, que viveu sempre triste, nem a ti, que tens querido viver ausente, nem a êle próprio que fundou familia e não a teve nunca. Eu e teu avô procuramos desvanecer-lhe estas apreensões sinistras e ficamos dizendo um ao outro: «Deus traga quanto antes Juquinha». Entretanto, pusemos-lhe ao lado uma sentinela de confiança, o Ilidio, que lhe faz boa assistencia e o distrai lendo-lhe os últimos romances portugueses e franceses que chegam ao Rio. Esquecia-me dizer-te que teu pai, quando aqui esteve, repetia no meio das suas lamentações: «De que me serve a mim o dinheiro? Ele nunca me deu alegria.» Quando teu pai saiu, vôvô disse-me que o dinheiro era muito, mais de cinco mil contos de réis já liquidados. Faze

tu, meu Juca, por ver se podes dar a teu pai ainda algumas horas felizes e se vais preparando para ti toda a ventura que mereces. O que diz a isso, querido neto, o teu coração de moço opulento?

— O meu coração está vasio, apenas povoado de sombras.

— Isso não é proprio da tua idade.

— Mas é proprio do meu temperamento. Eu sou filho daquela adoravel e infeliz criatura que se chamou Lúcia, lembra-se? a nossa querida e santa Lúcia.

Juca saiu enxugando os olhos.

E Inês Medeiros ficou pensativa.

— A minha pobre Lúcia! Ela idolatrava este filho e com razão, porque a sua alma revive nele.

No dia da partida de Francisco Alves, que, acompanhado por Juca, pelo secretário e um criado, seguia viagem para o Havre, foram a bordo despedir-se dele todos os mais importantes capitalistas e banqueiros da praça do Rio, sendo para notar que esta manifestação de classe valia tanto mais quanto era certo saber-se geralmente que «o Tagilde», como toda a gente dizia, se retirava definitivamente dos negocios e não pensava em voltar ao Brasil.

Juca ficou agradavelmente impressionado com o número e categoria das pessoas que de motu proprio concorreram ao botafóra, e deste facto inferiu que seu pai não se desonrara no comércio nem o seu dinheiro era uma lepra social que inspirasse horror ou antipatía.

Vagas palavras que tinha ouvido a bordo, quando perpassava por entre muitos grupos de argentarios, faziam referencia á avultada «fortuna» de Tagilde, ganha com improbo trabalho, que o envelheceu antes de tempo, sendo êle aliás um homem de morigerados costumes.

Quaisquer outras palavras que significassem ódio, menosprêzo ou ironia não as ouviu Juca, e isto grandemente roborou a sua boa disposição de espirito para a viajem.

Quer no mar, quer na jornada do Havre a Paris, Francisco Alves conservou-se animado e confessava-se entretidissimo com a variada conversação do filho, que pela primeira vez lhe descrevia alguns episodios das suas excursões pela Europa.

Os três mais notaveis especialistas de doenças de olhos foram chamados a examinar o pai de Juca.

Depois de cada um o ter observado detidamente, reuniram-se em conferencia e discutiram com largueza. Porque as opiniões se dividiram num tópico, aprazaram nova conferencia, não só por escrúpulo scientifico, assim devemos crê-lo, mas tambem por se haverem compenetrado de que o doente, sendo um brasileiro rico, podia pagar bem.

Quanto á catarata do olho direito, concordaram os três cirurgiões em que se tratava da catarata espontanea dos velhos, sem quaisquer complicações constitucionais.

Mas as dúvidas versavam sôbre se conviria operar o olho direito, não estando ainda bem definido o estado patologico do olho esquerdo.

Um dos conferentes, operador habilissimo do Hôtel-Dieu, sustentou que a operação se devia fazer logo que a catarata estivesse «amadurecida» e a temperatura fosse propicia. Quanto ao olho esquerdo parecia-lhe um simples caso de miopia por excesso de aplicação, como o doente já sofrêra na infancia e de que então se curou, não devendo pois considerar-se uma afecção hereditária e congénita.

Informado Juca do que se passara entre os peritos, quis saber qual seria a resolução do pai, e não contrariou, antes aplaudiu, que êle aceitasse o alvitre

de ser operado com a possivel brevidade. Assim se fez.

Depois da operação, Franciso Alves, vendado e imóvel, permaneceu na camara escura, onde o assistente ia renovar-lhe o penso com um zelo profissional que fazia jus a largos honorarios.

Tagilde mostrava-se sereno e confiante, tanto mais que o filho e o secretário não pareciam receosos nem apreensivos.

Juca asseverava-lhe que o cirurgião lhe havia dito em particular, e já lho repetira mais vezes, que papai recuperaria a vista e a conservaria contanto que usasse os óculos e a alimentação que lhe fossem indicados, e não se entregasse a nenhum dos antigos trabalhos de escritório, nem a longas leituras de recreio.

Felizmente o prognóstico saira verdadeiro.

Através dos seus óculos, sabiamente graduados' Francisco Alves podia vêr as pessoas com quem falava, posto que a miopia do olho esquerdo e ainda o olho operado continuassem em rigoroso tratamento.

Os jornais parisienses noticiaram elogiosamente a mestria com que o eminente oftalmologista do Hôtel Dieu conseguira restituir a visão ao considerado capitalista brasileiro Mr. Tagilde, que chegara quase cego a París.

Estas noticias foram pagas pelo ilustre homem de sciência, segundo era costume na imprensa estrangeira, porque só em Portugal prevalecia a candida generosidade de servir gratuitamente os interesses alheios. Mas a publicidade do reclamo decerto aliciaria clientes ao operador entre os brasileiros que padecessem lesões do aparelho visual.

Em París, onde aquele cirurgião já era afamado, deu-se o caso interessante de ser o elogio ao esp e

cialista que chamou a atenção para Tagilde, o qual, além de felicitações e parabens, recebia perguntas sôbre a operação, o tratamento e o seu custo.

Francisco Alves queria que o secretário respondesse pontualmente a todos os interrogatorios porque, dizia êle, conhecêra por experiência propria o que era a tortura de sentir avançar a cegueira, longe dos clinicos especializados que em París sabiam tratá-la.

Deixando a casa de saude, onde os seus familiares lhe serviram de enfermeiros devotadissimos, Francisco Alves, por conselho de Juca, foi habitar o *entresol garni* de um prédio elegante dos Campos Elísios. Assim pretendia o filho garantir ao pai a maior facilidade de socorros médicos, no caso de ainda serem precisos, e fazer que se distraísse, sem ter que saír á rua, vendo golfar a população parisiense entre a Praça da Concordia e o Arco de Triunfo.

O velho Tagilde como que renascia em si mesmo a ponto de parecer outro homem diferente daquele que Juca tinha conhecido no Brasil. Tornara-se conversável e acessível, não poucas vezes discorria com a graça espontanea e simples dos minhôtos e nunca mais tornara a falar em negocios, como se quisesse afastar a lembrança desse período de sua vida.

Juca e Ilídio combinaram revezar-se no sentido de não faltar a Francisco Alves a companhia de qualquer deles: Juca poderia ausentar-se desde o almôço ao jantar; o secretário, para quem a vida dos «boulevards» e dos teatros era uma novidade deslumbrante, tinha liberdade desde o jantar até á meia noite.

Numa carta a sua avó, depois de lhe contar meudamente a boa disposição do pai, escrevia Juca:

«O secretario é realmente uma perola. Vóvó tem uma habilidade rara para conhecer os corações, especialmente os bons corações. Elle já está relaciona-

do com varios moços brazileiros: alguns, filhos de familias aqui residentes, como as do nosso ministro, do nosso consul e do rico negociante Saraiva, do Maranhão, que veio tratar-se de diabetes; além de outros estudantes, bem conceituados, que fazem o seu curso sob as vistas dos respectivos correspondentes. Papai gosta muito de conversar com elles.

«A grande attracção do Illydio são os theatros. Propuz a papai que lhe augmentasse o ordenado, porque as despezas de um moço em Pariz não podem ser as mesmas do Brazil. Papai anuiu promptamente, concordando em que elle tudo merecia.

«Uma das prendas de Illydio é ter bom ouvido e facilidade em reter na memoria os «couplets» dos «vaudevilles» e até as cançonetas em voga que o rapazio assobia nas ruas. Papai e eu pedimos-lhe que nol-as repita, o que elle faz de boa mente.

«A leitura de romances e dramas passou a ser funcção minha, ao serão, não havendo visitas, porque Papai disse-me que o Illydio os lê bem, mas que eu os sinto melhor. Nesta apreciação ha muita indulgencia paterna.»

Entre os rapazes mencionados nesta carta, aquele que se tornara mais apreciado em casa de Tagilde era Euclides Saraiva, filho do negociante do Maranhão, porque lhe não escasseavam alegria faiscante nem graça natural.

O pai ia algumas vezes, depois de almôço conversar com o antigo banqueiro do Rio e ambos falavam largamente da sua cura, da sua dieta, dando por bem empregado o incómodo da viajem a París, porque um e outro tinham obtido alivio aos seus padecimentos.

Euclides e a irmã aproveitaram a ocasião para fazer o curso de pintura na Escola de Belas Artes.

O negociante Saraiva mostrava-se tão afeiçoado a

Juca, pelo carinho filial com que acompanhava o pai, quanto Euclides simpatizava com o secretário Illídio, de quem se fizera «cicerone» nos divertimentos nocturnos de París, especialmente os teatros e cafés cantantes.

Juca aproveitara um serão para insinuar a Tagilde a ideia de comunicar á tia Mécia e a Miquelina — a *Pretinha* — a sua vinda a França, o bom éxito da operação e o desejo que tinha de ir visitar a sua aldeia natal e em Fafe os seus parentes, logo que lhe fosse permitido pelo médico.

Ocultou Juca, para não inquietar o pai, tanto o ressentimento da tia Mécia como o do padrinho Torcato.

Mas nas cartas que em nome de Francisco Alves escrevêra, com plena adesão dêle, soube Juca, habilmente, tocar estes pontos melindrosos com fino tacto.

A' irmã dizia Tagilde que o seu silêncio era uma dura consequencia de um trabalho quotidiano cheio de canseiras e responsaoilidades, que o obrigara a estar pouco tempo á mesa com sua mulher e a fazer serão no escritório, para regular o expediente do dia seguinte; que nunca se esquecêra de que tanto ela como a outra irmã carinhosamente o tratavam na casa paterna pelo «seu morgadinho»; que o padrinho Torcato lhe mandara dizer que tinham ambas casado bem, vivendo independentes e felizes; que Juca lhe déra a triste notícia da morte de Filomena e lhe contara que a tia Mécia administrava cuidadosa as suas propriedades e tinha um filho muito inteligente e simpatico.

Finalmente dizia que se no espirito destes seus parentes pudesse ficar ainda qualquer reserva a seu espeito, desde já o absolvessem e que em chegando r a Fafe o abraçassem de encontro ao coração, que

na doença e na velhice o seu coração, que nunca foi mau, se tinha purificado cristãmente.

— Toda essa carta é verdadeira, disse Tagilde, acabando de a ouvir ler, porque pinta bem a minha vida e a inconsciencia com que o excesso de trabalho parece cegar quem a nada mais pode dar atenção. Cegar, sim, cegar é que foi...

E comoveu-se.

— Meu pai recuperou a vista, sofismou com ternura Juca.

— Mas a tua frase final é a fiel expressão do que se está passando no fundo da minha alma. Só o coração de um filho pode interpretar tão bem os sentimentos do pai.

Na carta a Miquelina, o signatário relembrava a dedicada afeição que sempre lhe votára o padrinho, a quem devia a sua carreira, e dizia lastimar que ele se pudesse supõr esquecido, julgando o seu afilhado pelas aparencias que na vida comercial, mais que em nenhuma outra, são exterioridades que não definem bem o caracter nem o feitio de quem as reveste, muitas vezes constrangido, quando a indole não é má.

Lamentava a morte do padrinho, mas confortava-o a ideia de que ele teria merecido, na vida eterna, o prémio das suas virtudes.

Louvava a gratidão e, a bem dizer, o amor filial com que ela tratou Pai Torcato desde que ele a resgatou no Brasil até que rendeu a alma ao Creador. Tencionava vê-la em Tagilde e prestar-lhe as homenagens que eram devidas ás mulheres dignas, sensatas, piedosas e instruidas. Sabia da escola que ela fundou e regia tomando para si o beneficiente papel de mãe espiritual das criancinhas da aldeia. Agradecia-lhe o cordeal acolhimento e os bons conselhos que deu a Juca, o qual, escrevendo esta carta por

sua mão, queria confessar-se-lhe eternamente reconhecido.

Tagilde assinou as duas cartas e disse ao filho:

— Sabes, Juca ? Eu julgaria ter reconstituido agora a minha familia, se aqui estivesse tua mãe...

Euclides Saraiva, acompanhando uma radiosa mocinha, ambos sobraçando pastas de marroquim verde, enconfrou-se certa manhã com o filho de Tagilde, que fazia o seu habitual giro «boulevardier» em seguida ao almôço.

— Ah! o sr. Juca! clamou Euclides levantando expansivamente os braços. Folgo por ter ocasião de lhe apresentar Noémi Saraiva, minha irmã e minha condiscipula. Vimos do curso.

Emquanto trocavam os cumprimentos proprios de uma apresentação gentil, Juca fixava as feições de Noémi com uma insistência que êle procurava disfarçar sorrindo e falando ora a um ora a outro dos irmãos Saraivas.

Depois, despedindo-se, ficou alguns instantes a ver deslizar ao lado de Euclides aquela auroral mocinha brasileira, que pisava o asfalto com desafectada galanteria como as parisienses.

IX

Resolução tomada de comum acôrdo

Francisco Tagilde iniciara os seus passeios em copé, com o filho.

Os aspectos do interior de París entretinham-no, mas acabava por confessar que o aturdiam.

— Não é bem disto, disse ele uma vez, que pode gostar um velho que nasceu aldeão, que foi estudante numa cidade pacata como é o Porto e que no Rio viveu sempre encafurnado num escritorio comercial.

Juca tranquilizou-o:

— Nós viveremos onde papai quiser. Temos estado aqui á espera do seu completo restabelecimento e como essa hora feliz parece aproximar-se, papai elegerá o sítio que mais lhe agradar para fixarmos residência, cidade, vila ou aldeia, qualquer que seja o país. Tudo depende de si.

— Hei de pensar nisso, respondeu Francisco Tagilde, mas nunca mais voltou ao assunto.

Convenceu-se Juca de que seu pai receava contrariá-lo saíndo de Paris.

E foi ele mesmo que, na presença do pai e do médico assistente, pôs a questão com discreta subtileza:

— Nós pensamos, caro dr., em ir passar uma temporada em qualquer parte onde o clima e a tranquilidade da vida sejam propicios a meu pai.

— Em Portugal, decerto ? aventou o médico.

— Sim, talvez. Meu pai, como o dr. sabe, nasceu lá e é bem natural que deseje tornar a vêr a terra da patria.

— Oh! certamente.

Juca surpreendeu um ligeiro sorriso aprovativo na fisionomia do pai.

Por isso, insistiu em falar de Portugal.

— O nosso doente nasceu numa aldeia do norte do seu país.

— Do norte ? repetiu o médico, onde as estações serão decerto rigorosas, principalmente o inverno. Não é assim, sr. Tagilde ?

— São, realmente, obtemperou Francisco Alves.

— Isso não lhe convém. A questão de temperatura é importantissima, conquanto tambem devamos ponderar que a vida das aldeias é em geral monótona e insipida e que Mr. Tagilde precisa de alguma distracção. Mas por que não Lisboa ? que tem um clima temperado e muito menos bulicio que Paris.

— E' verdade, confirmou Juca.

O médico, após um breve silêncio, encontrou outro alvitre :

— Não sendo Lisboa, lembro a ilha da Madeira, que portuguesa é, tão querida dos ingleses pela amenidade do clima, Mas poderemos ainda examinar a conveniência de algumas outras zonas climatéricas, Bordeus, Napoles, Constantinopla...

— Permita, dr., interveio Francisco Alves, que não avancemos por hoje. Não há pressa de resolver. Tendo na devida conta as suas autorizadas indicações, pensaremos, metódicamente, em familia, na hipótese Portugal.

A' saida, o médico, apertando a mão de Juca, segredou-lhe sorrindo:

— Claro como água. Seu pai prefere o país em que nasceu, o que aliás era de esperar.

— Evidentemente, respondeu Juca, satisfeito por haver colhido a opinião do pai.

Naquele mesmo dia tinha o dr. julgado apto Francisco Aives para dar passeios a pé, moderadamente, sem fadiga e acompanhado pelo filho ou pelo secretário. Precisava fazer exercício, críar hábitos higiénicos, de que uma longa reclusão sedentária o havia privado. E, sobretudo, precisava matar o tempo, de modo a evitar aquela deplorável situação de alguns capitalistas aborrecidos, que diziam bocejando: depois de uma pessoa ter enriquecido já não tem mais nada que fazer neste mundo.

Juca não prescindiu de ser ele quem acompanhasse o pai, de modo que o secretário, alêm de estar livre ás noites, começou tambem a ter folga durante uma parte do dia, logo que terminava o trabalho da correspondência.

Contentíssimo, Ilídio ia apressado esperar á porta da Escola de Belas Artes que saíssem Euclides e a irmã.

Ele amava Noémi apaixonadamente.

Entretanto, Tagilde e seu filho passeavam.

Parece que a riqueza possue o condão mágico de se denunciar á curiosidade dos transeuntes, como certos perfumes aristocráticos o de exalçarem a cotação das mulheres que os usam.

Fosse que algumas pessoas já soubessem que Francisco Alves Tagilde era um capitalista riquissimo, desde que o tinham visto passear com o filho num copé elegante, fosse que a sua figura désse a impressão de um banqueiro gozando os seus avultados haveres, o certo foi que Mr. Tagilde começou a dar nas vistas.

Ele vestia sempre de preto, com sóbria distinção. Os seus cabelos quase brancos, os seus oculos de ouro, a sua bengala de cana da India com primoroso castão de marfim e um único anel com brilhante-rosa, davam relevo ao tom grave da *toilette*.

As mulheres, logo á primeira vista, consideravam-no um viuvo sério e opulento. Não se enganavam, tamanha é a acuidade do instinto feminino.

Juca era o filho daquele argentário e isto bastaria como recomendação. Mas acrescia a circunstancia de ser um rapaz simpatico, muito despretencioso, como todos os homens da sua idade que têm viajado através primaciais civilizações do mundo.

E, para viajar tanto, é preciso ser rico.

Por isso, as «lorettes» — sinónimo então em voga — lhe haviam posto a alcunha de *petit brésilien*.

As semanas iam passando e Francisco Alves Tagilde não tornara ainda a falar em saír de París. Acobardava-o a ideia de sacrificar Juca, no presuposto de que, apenas por dedicação filial, se resignasse a romper quaisquer ligações amorosas que houvesse contraído.

Quis o acaso que um dia, quando pai e filho se dispunham a saír, a porteira fosse entregar a correspondencia e, separando uma carta, comentasse com certa malícia:

— Ah! Mr. Tagilde, em dezoito anos de porteira, ainda me não tinha passado pelas mãos nenhuma carta que cheirasse tão bem.

O capitalista sentira o perfume e dissera ao filho sorrindo:

— Juca, isto deve ser para ti.

Com a maior despreocupação, Juca leu o sobrescrito, pediu vénia para abrir a carta e, relanceando os olhos pelo seu conteúdo, sorriu tambem, querendo que o pai a lesse.

— Não, as cartas de amor apenas costumam ser lidas pelo destinatário.

— Não é de amor. Eu lhe peço, papai, que tenha o incómodo de ler, porque ficará sabendo que não cultivo nenhuma correspondencia amorosa. Isto é o mais material, o mais prosaico possivel.

— Bem. Faço-te a vontade.

Francisco Alves leu mentalmente:

«Mr. Juca.

«Aujourd'hui je suis sortie à cause de la fête de mon amie Gilberte. Venez demain, s'il vous plait.

«A' bientot.

Rosine Evremond.»

E, rindo de vontade, gracejou com o filho:

— Esta perfumada cartinha pode traduzir-se na lingua portuguesa apenas em três palavras...

— Quais, papai?

— Pagar e andar, como dizia teu bisavô Nestor.

— Isso mesmo.

No riso de Francisco Alves havia talvez uma parcela de naturalissimo egoismo humano: o de um pai que não se vê ameaçado de lhe roubarem a companhia do filho.

Pretextando que a sua correspondencia era muito volumosa, o capitalista resolveu não saír. Chamou o secretário e dirigia-se já ao escritorio quando Juca lhe disse:

— Papai mudou de tenção!

— Não supunha que tivesse chegado o paquete. Vai tu, Juca, dar o teu passeio. Ha só uma carta a que tens de responder hoje, porque foi expedida ontem.

Aludia ao bilhetinho de Rosina Evremond.

Estava explicado o motivo por que Francisco Alves,

gentilmente, tinha resolvido libertar o filho naquela manhã.

Juca saíu, lembrando que sua mãe algumas vezes lhe disséra:

— Teu pai nunca deixa de ter as maiores atenções e delicadezas comigo.

O que se acabava de passar era mais uma prova clara de que o antigo negreiro tinha o hábito de ser indulgente na vida doméstica.

Uma noite em que Euclides Saraiva viera buscar Ilídio para irem ao teatro, transmitiu a Juca um pedido de sua irmã, a qual, sabendo-o muito entendido em pintura, desejava que ele lhe dissesse francamente o que pensasse a respeito da cópia que ela estava fazendo na Escola de Belas Artes.

Ilídio torturou-se com este pedido.

Era que Noémi, desde que encontrou Juca, mais de uma vez se havia referido á sua fisionomia insinuante e ás suas maneiras tão simples quanto distintas.

O filho do banqueiro modestamente respondeu que era apenas um artista-amador; que a sua opinião pouco ou nenhum peso podia ter por que carecia de autoridade profissional; mas que o pedido de uma senhora, de mais a mais brasileira, era para ele uma ordem, que saberia cumprir.

Não deixou de notar que o secretário tinha ficado contrariado; por isso se apressou a dizer:

— Tratando-se da filha e irmã dos nossos bons amigos Saraivas, tanto papai como o Ilídio não quererão deixar de acompanhar-me.

— Vá feito, respondeu complacentemente Francisco Alves.

Ilídio, um pouco repôsto da sua perturbação, disse que tinha muito gôsto em ver mais uma vez as cópias de que mademoiselle Noémi e Euclides estavam encarregados.

— Ah, ah, riu o Saraiva, meu trabalho vai muito imperfeito, porque me faltam o esmero e a paciencia de Noémi.

— Isso é certamente a modestia de um moço desvaidoso, objectou amavelmente Juca.

— Depois de ter visto, dar-me ha razão.

— Eu já me confessei incompetente para dar ou tirar razão a alguem em assuntos artisticos.

— A combinação está feita, rematou Francisco Alves. Agora quero eu lembrar que seu Euclides e Ilídio já chegarão tarde ao teatro. Não tenham pena de mim, pois que vou ouvir esta noite bons versos de um poeta português, João de Deus, que Juquinha conheceu em Coimbra, que aprecia muito e de quem prometeu contar-me as excentricidades.

Dias depois, como tinha ficado assente, Francisco Alves, Juca e Ilídio foram á Escola de Belas Artes, onde encontraram Noémi e Euclides trabalhando, assim como outros alunos.

Ao tempo em que Ilídio, indicando dois cavalêtes, disséra: «Os irmãos Saraivas estão alêm», já os avistara Juca e a figura flexivel de Noémi começava a aclarar-se a seus olhos aureolada por um nimbo de gracilidade casta e simples.

Foi com expansiva alegria juvenil, parecendo que os seus meigos olhos cantavam e sorriam simultaneamente, que a irmã de Euclides recebeu a visita dos Tagildes e de Ilidio, mas era de preferencia Juca a pessoa mais insistentemente procurada pelo olhar e pelos sorrisos de Noémi.

Ele apreciou a cópia, elogiando-a, felicitou a pintora num tom de voz discreto, para não perturbar os outros alunos, disse palavras animadoras a Euclides, cujo mérito artístico era realmente inferior ao da irmã e recomendou a Ilidio que fizesse sentar Francisco Alves na sala Luiz XIV e o ficasse acompanhando

enquanto ele ia agradecer ao director a *carte d'entrée* que, por não ser domingo, dia em que a entrada era franca, teve de solicitar.

O secretário, voltando-se para traz, observou que Noémi só recomeçara a trabalhar quando perdeu de vista Juca Tagilde e que parecia contrariada por o vêr afastar se tão depressa.

Nessa mesma tarde, antes de jantar, Juca percebeu que o secretário se acanhava de falar-lhe em qualquer assunto. Logo suspeitou o que era.

— Você, seu Ilidio, parece desgostoso! O que tem?

— Não me atrevo a dizê-lo ao sr. Juca.

— Nesse caso, sou eu que lhe peço o favor de se abrir comigo, se ainda continúo a merecer-lhe confiança.

— Ah! sr. Juca, eu amo loucamente Noémi.

— Isso já eu sabia.

— Como?!

— Porque o amor é como certas flores que se denunciam pelo aroma.

— Mas, se me permite e desculpa a franqueza, penso que o sr. tambem a ama, e, se assim fôr, eu conseguirei vencer-me.

— Não, meu amigo, não precisará fazer esse esforço. Se eu pretendesse Noémi, quem se sacrificaria era eu, porque sou seu amigo, Ilidio, porque lhe sou grato pela boa companhia que tem feito a meu pai, e ainda porque o sr. é afilhado de minha avó, a quem eu não desejo causar desgôsto algum.

— Mas penso que ela o ama, desde que o encontrou um dia, e como ainda hoje observei na Escola de Belas Artes.

— Se assim fôr, desiludir-se ha.

— Mas toda a familia Saraiva colaborará com ela no empenho de vencer a sua resistencia, porque o sr. Juca é um casamento muito vantajoso.

— Ah! meu caro Ilidio, eu não penso em casar-me com ela ou com qualquer outra moça. Fui á Escola de Belas Artes para atender o pedido de uma galante pintora brasileira.

— Ah! o sr. acha-a galante...

— Porque em verdade o é. Não lhe faço favor nenhum. Nem você, seu Ilidio, é capaz de me supôr inteiramente falho de senso estético para avaliar as belas obras de arte e da natureza.

— Oh! sr. Juca, pelo amor de Deus...

— Agora, que eu declarei já conhecer o seu amor por Noémi, compreenderá melhor a razão por que me demorei tão pouco tempo junto dela na Escola de Belas Artes. Procurei incomodá-lo o menos possivel, depois de ter cumprido um dever de delicadeza.

— Muito me cativam suas nobres intenções e palavras.

— Ainda lhe restará alguma sombra de dúvida, meu caro Ilidio?

— Apenas uma...

— Como assim?!

— A hipótese de que seu pai, sr. Juca, lhe aconselhe o casamento com Noémi!...

— Meu pai estima-me tanto que não faria agora o que nunca fez. Ele jamais me contrariou. Se Noémi é rica, eu tambem não deixo de o ser.

— Por certo mais que ela.

— Seja assim ou não seja, eu recusaria. E se meu pai conhecesse em mim uma inclinação por qualquer moça pobre, seria o primeiro a dizer: «Faze a tua vontade.» Se me falasse em Noémi, e eu recusasse, meu pai não voltaria ao assunto. Tranquilize-se, meu caro, e se fôr preciso, conte comigo, conte com meu pai, conte incondicionalmente com nós ambos para o auxiliarmos na realização desse desejo do seu coração, desse ideal da sua alma.

— Ah! sr. Juca, permite-me que o abrace?

Juca abriu os braços e apertou-o afectuosamente contra o peito.

Durante o jantar Ilidio conversou e riu, mais desafogado, como se lhe houvessem tirado de sobre o peito um grande pêso, mórmente quando á sobremesa, Euclides, seu companheiro nocturno, entrou como era costume.

Francisco Alves Tagilde notara o facto e, depois que os dois amigos saíram, perguntou a Juca o motivo da alegria de Ilídio.

— E' que, meu pai, ele está apaixonado por Noémi.

E contou, palavra a palavra, com a sua prodigiosa reminiscencia, o que, antes do jantar, se havia passado.

— Déste-me uma agradavel novidade, porque eu estimo Ilídio, e tua avó o estima e protege como se fôra nosso parente. Mas a tua narrativa veio confirmar-me a persuasão de que tu não pensas em casar.

— Absolutamente não penso.

— Nesse caso, vou falar-te com toda a franqueza. Eu desejei sempre ir residir em Portugal desde que saí do Rio. O nosso médico, percebendo-me ou não...

— Percebeu, e eu tambem.

— Indicou Lisboa ou a Ilha da Madeira, como sendo as duas regiões portuguesas mais adequadas á minha idade e saude. Ora eu logo recusei mentalmente a possibilidade de ir encerrar-te, querido filho, numa ilha, espécie de cativeiro que tu não merecias. O Funchal dizem que é uma cidade pitoresca e salubre, com algum movimento comercial, mas não pode convir a um rapaz, como tu, que estás habituado a Londres e París. Não, eu amo-te muito, para querer asfixiar-te na flôr dos anos e entristecer-te numa vida monótona como tua pobre mãe levou. Não, Juquinha,

tu precisas de maior sociedade, de alguma distracção...

— E papai tambem. Bem ouviu o médico dizê-lo.

— Pois sim: e eu tambem. Mas tu és moço, és inteligente e instruido. Necessitas respirar numa atmosfera intelectual e um pouco mundana, para não fanares precocemente o teu belo espirito, que tanto me contenta. Desejo, porém, que tu, que já viste Lisboa, me digas se lá poderás encontrar o que eu desejo proporcionar-te.

— Papai, eu demorei-me apenas alguns dias em Lisboa de passagem para Coimbra. E resumirei em três palavras a impressão que me causou. E' uma cidade moirisca, moderada e marota.

Francisco Alves riu, dizendo:

— E marota?!

— Eu me explico, papai. Moirisca no aspecto de alguns bairros, no aspecto do seu castelo, que foi dos moiros, e que domina a cidade, e, sobretudo, na aridez de toda a margem esquerda do Tejo, que desanima o viajante no primeiro momento, porque supõe ter entrado num porto marroquino. Mas o interior da cidade, aliás sem grandiosos monumentos, não é desagradavel e o seu clima é temperado. Ha movimento sem a confusão de Londres e sem o ruído de Paris. A vida me pareceu moderada, mas ha teatros, especialmente o de S. Carlos, que pela boa escolha dos artistas tem fama em toda a Europa. E' o teatro da côrte. Ha escolas superiores, biblioteca nacional, academia de belas artes, homens de letras bem reputados, tendo á frente o grande Herculano que eu fui conhecer em Coimbra como papai já sabe. Ha sumidades médicas, advogados distintos e no parlamento abalizados oradores.

— Por esse lado não me parece que tenhamos de repelir Lisboa.

— De nenhum modo.

— E marota ?

— Chamei-lhe assim porque me pareceu mais amorosa do que as outras duas cidades portuguesas que eu conheci: Coimbra e o Porto. Ha amor clandestino em abundancia, e muitos namôros honestos, as filhas-familias vão á noite conversar da janela com o namorado, que está na rua. Chama-se a isto *gargarejar.*

— Está certo ou pelo menos meio certo, interrompeu jovialmente Francisco Alves. Só os Romeus é que gargarejam.

Juca achou graça ao pai e continuou :

Mas como o rumor da cidade, moderado durante o dia, é quasi nulo á noite, os namorados podem ouvir-se perfeitamente, excepto quando passa alguma guitarra soando o «Fado», que é uma canção popular melancólica.

— E os lisboetas são tambem melancólicos.

— Muito menos que os portuenses. Em conclusão, papai, eu não farei sacrificio nenhum indo viver em Lisboa.

— Bem! bem! apostrofou Francisco Alves, manifestamente satisfeito.

— Desejarei que papai, vendo a cidade, escolha o bairro ou o arrabalde que lhe pareça mais conveniente.

— Antes de lá assentar residencia quero ir ao norte vêr a minha terra natal e visitar o Senhor do Monte em Braga e o santuario de S. Torcato, perto de Guimarães, porque a ambos estes sitios fui, na infancia, com meus pais e meu padrinho por ocasião de romarias. Tambem quero ir a Fafe vêr minha irmã e conhecer seu filho.

— Papai vai gostar muito da tia Mécia, fazendeira inteligente e laboriosa, grande caracter e bonissimo coração, sob uma aparencia rude, ainda que franca.

— Quem me dera já vê-la...

— E o primo Cecilio, como já disse a papai, é um moço simpático, esperto e modestissimo. Papai terá vontade de o abraçar.

— A sua fisionomia agradou-me quando vi o retratinho que fizeste.

— Em Tagilde irá vêr uma figura insinuante, educada na moral pura pelo pai Torcato, como ela díz...

Nos labios de Francisco Alves aflorou um suspiro.

— Instruida a expensas dele, continuou Juca, a *Pretinha* é adorada por todas as alunas da escola infantil que ela fundou e rege com solicitude inquebrantavel.

— Foi um grande beneficio que ela prestou á minha aldeia, onde outrora não havia mulher que soubesse ler e poucos eram os homens que soubessem.

Tambem papai ha de gostar de conhecer a familia Sales, boa gente minhôta, principalmente o meu companheiro em Coimbra, que tão bons serviços me prestou.

— Eu lhos agradecerei como se fossem prestados a mim proprio.

— E agora uma pergunta...

— Dize.

— O que pensa papai fazer a respeito de Ilídio?

— Levá-lo comnosco para Portugal, se ele quiser ir. Se não quiser, gratificá-lo e repô lo no Rio.

— Ele não quererá acompanhar-nos, apaixonado como está por Noémi.

— Isso complica um pouco a situação.

— Nada absolutamente.

— Como assim?

— Papai chama para ele a atenção de Saraiva e enumera as suas boas qualidades, que papai deseja premiar habilitando-o a fazer no Brasil um casamento auspicioso, para o que tem resolvido abonar-lhe capital para tentar qualquer especie de negócio.

— Dizes bem, meu querido Juca.

— O resto do plano será traçado pelo proprio Ilídio, talvez com o assentimento, mais ou menos demorado, de Noémi, porque gostará de saber-se amada, e certamente com o aplauso de Euclides, que é amigo de Ilídio.

— E tua avó aprovará?

— Minha avó ficará contente de saber que êle vai casar com a filha de um rico negociante de S. Luís.

— E tu procurarás dispor o espirito de tua avó para a solução que propões.

— Não tenho dúvida nenhuma de representar uma vez o papel de casamenteiro, que eu não seria capaz de desempenhar em favor de mim proprio. Mas Ilídio abriu-me a sua alma, é bom rapaz, dedicado a papai, e sincero comigo. Deseja casar-se, vê a sua felicidade nesse casamento e eu, para corresponder ao seu desejo, não o dissuado nem contrarío, abdico da minha maneira de pensar, e procuro auxiliá-lo.

— Ah! meu querido filho, como tu és bom! Far-se-ha de modo a poder realizar-se o teu alvitre.

— Quanto eu agradeço a sua anuência, papai... Mas ainda não é tudo.

— Então?

— O abonador de Ilídio serei eu, apenas com a assinatura de papai.

— Não, filho, eu assumo a plenitude do encargo e olha que não ficarei pobre. Fico mas é contente, muito contente, de ter um filho como tu.

Francisco Alves, quando Juca se levantou da ca-

deira para ir beijar-lhe a mão, abraçou-o e beijou-o efusivamente.

O velho negreiro já não parecia o homem que viera do Rio, apreensivo e desanimado. Agora, fortalecido por um tratamento oportuno, vendo já o bastante para não poder considerar-se cego, tendo, como ele dizia, reconstituido uma familia que lhe faltava, a sua disposição de espirito era excelente, sobretudo quando estava ao pé do filho.

— Juquinha, lembrou ele, poderiamos entrar ainda na ordem da noite. Tinhas prometido entreter-me hoje com um poeta alemão teu predileto.

— Henrique Heine.

— Esse mesmo.

Então, como quem entra de vontade num terreno muito conhecido, Juca recitou em português as canções que mais rapidamente podiam caracterizar a ironia, a dor, o scepticismo e a verve desse notavel poeta de Além-Reno, que então vivia em Paris, mas a quem o moço brasileiro nunca falara.

Francisco Alves achou muita graça aos versos em que Heine, rindo da morte que pressentia aproximar-se, lega aos seus inimigos todas as doenças que o definhavam — e não eram poucas.

Tambem o recrearam alguns aforismos de Heine, por exemplo: «E' preciso perdoar aos nossos inimigos, mas depois de os vêr enforcados». «Onde a mulher acaba começa o mau homem». «A fealdade é meio caminho da virtude». «Adormeci lendo um livro; sonhei que continuava a lê-lo e três vezes o enjôo me acordou». «Eu não tenho lido Auffenberg. Mas afigura-se-me que deve ser pouco mais ou menos como Arlincourt, que nunca li.»

E Juca explicava que Aufenberg era um autor dramatico alemão e o visconde de Arlincourt um romancista francês, ambos êles vivos ainda.

— Sabes, filho, esse poeta parece mais da França que da Alemanha.

— Sim, êle ama Paris, mas o seu espirito tem uma altitude germánica. E agora, papai, vá descansar, que é a sua hora.

X

Regresso a Portugal

Noticiou um jornal ter chegado a Lisboa o «opulento capitalista *brasileiro* (assim se escreve a História) Francisco Alves Tagilde, com seu filho e dois criados».

Esta informação fôra colhida pela policia do porto e poderia desculpar-se-lhe o haver empregado a designação usualmente dada aos portugueses, que regressavam do Brasil abarrotados de dinheiro.

Os nossos fidalgos, morgados ou não, estavam decadentes por sucessivos desperdicios que vinham de longe, e assim as grandes *fortunas* que luziam em Portugal eram apenas as dos *brasileiros* enriquecidos pela escravatura e outros contrabandos audaciosos.

A secção noticiosa dos jornais encolhia-se engoiada, porque a vida portuguesa não produzia tantos acontecimentos sensacionais como hoje. Toda a gente, para matar o tempo, escabichava o noticiário de fio a pavio e por isso a *local*, como então se dizia, da chegada de um «opulento capitalista brasileiro» não escapou a ninguem.

Leram-na os argentários de torna-viajem, que acorreram a cumprimentar o colega, leram-na os indigentes

que lhe foram entregar memoriais; leram-na os especuladores da Arcada que logo viram a possibilidade de o tentar com a compra de um título honorifico; leram-na as meninas de Lisboa que, na esperança de casar bem, desejavam conhecer o filho do capitalista; leram-na os camaroteiros dos teatros que lhe solicitavam a honra da sua presença em qualquer dos proximos espectaculos.

Fez agradavel impressão a Juca o facto da visita de tantos *brasileiros* a seu pai, uns que o conheceram no Rio, outros que, tendo chatinado em qualquer província do Império, o conheciam de nome.

Alguns já em Portugal haviam sido feitos comendadores ou barões da sua terra e um deles, que subsidiava anualmente dois asilos em Lisboa e dava dinheiro para as eleições, abichara o viscondado do logarêjo onde nascêra no Minho.

Este titular, que tivera negocios com os sucessores do banqueiro Nestor e, portanto, com Francisco Alves, logo na primeira entrevista aventou a ideia de que o pai de Juca tinha um nome de guerra que estava a calhar para um baronato.

— Nome de guerra? perguntou Francisco Alves.

— Pois você, no Rio e em todo o Império, era geralmente conhecido por Tagilde.

— Ah! sim, é o nome da minha aldeia, no concelho de Guimarães, e porque, efectivamente, todos assim me chamavam, eu adoptei-o para não haver equivocos e tenho muita honra nisso.

— Está certo, mas olhe que Tagilde é lindo nome para um baronato. Eu não gosto do meu titulo, visconde da Boucinha, mas nem o pedi nem o teria escolhido assim.

Francisco Alves não sorriu para não vexar o visconde e respondeu:

— Eu desejo viver e morrer sem nenhuma espécie de nobilitação.

— Pois fique sabendo que era só dizer-mo, mas eu não censuro, porque tambem pensava desse modo. Foram dois amigos que me fizeram esta surpresa e me declararam que, se eu recusasse, nunca mais me falariam. Já vê, *seu* Tagilde, que ninguem pode dizer: desta agua não beberei.

Agora, Francisco Alves sorriu para significar que tinha achado graça á aplicação do adagio.

E procurou outro assunto.

Todos os dias afluiam novos visitantes, capitalistas, banqueiros, provedores de asilos, mesários das ordens terceiras, mestres de obras ou empresarios de construção civil, fingindo-se estes ultimos atraídos pelo boato, que eles mesmos puseram em circulação, de que Tagilde, tendo resolvido domiciliar-se na capital, ia construir um luxuoso palacio para sua residencia.

Juca ria-se destas atoardas e penetrava-lhes o sentido recondito, mas contentava-se de vêr que a sociedade portuguesa não recusava cumprimentos e lisonjas a seu pai e que a escravatura não era um labéu como êle havia imaginado com horror.

Foi o visconde de Boucinha a primeira pessoa que levou ao conhecimento de Francisco Tagilde o boato relativo á construção do palacio.

— E' verdade? perguntou o visconde.

— Não é. Eu sou duma terra onde geralmente se diz que «ninho feito, pêga morta».

— Eu cá, contestou o visconde, não me fio em dichotes do povo, que é estupido e crendeiro. Edifiquei em Lisboa um palacete, que ficou bem bonito, mas que saiu muito caro. Ainda assim não é por isso que estou arrependido. Todavia (êle dizia sempre *todávia)* noto-lhe um grande defeito: tem poucas salas para as visitas que hoje nos procuram, a mim

e á viscondessa. O dianho do palacete, de que eu tanto gostava, parece que encolheu, que está mais pequeno do que era.

— Fez-se mais pequeno, ironizou Tagilde, porque o visconde se fez maior.

— E olhe que é verdade. Mas para mim não ha dificuldades. Sou capaz de o trespassar. Quere o amigo comprá-lo?

— Não, sr. Eu desejo habitar fóra de Lisboa, numa casa retirada, mas cómoda.

— Não lhe disse que para mim não ha dificuldades? Quem lhe vai indicar uma casa nessas proprias condições sou eu.

— O sr. visconde, apostrofou Juca, resolve de pronto as questões.

— E' o meu génio. Olhe: ainda ontem, fui a um sapateiro da moda com a viscondessa para lhe comprar uns sapatos á Luis XV, que pelos modos andam agora na berra. A viscondessa experimentou três pares de sapatos e todos achou muito apertados. Ficou desgostosa, e eu cortei a dificuldade dando a folga de um reinado e dizendo ao sapateiro: mostre-nos sapatos á Luis XVII, que devem servir. Foi uma lembrança luminosa, vieram uns, e serviram. A viscondessa calçou-os e não se doeu dos calos.

— Prodigiosa ideia é que foi, comentou Juca.

— Não ha duvida, confirmou Tagilde sorridente.

— Já os amigos vêem que sou capaz de lhes arranjar imediatamente uma casa nas condições desejadas; casa antiga, dentro de uma quinta.

— Aonde? perguntou Juca.

— A uma légua de Lisboa, adiante do Lumiar, na Benfeita. Era a residencia dos Amarais, gente de prosápia, que se arruinou no jogo.

Vamos vê-la? alvitrou Juca, a quem agradou a ideia da quinta para distracção do pai.

— Não sabemos se o visconde quererá ter esse incómodo, ceremoniou Tagilde.

— Imediatamente. Já sabem que para mim não há dificuldades.

A casa da Benfeita tinha sido construida no seculo XVII pelos Amarais, mercadores ricos da rua Augusta. Era espáçosa, clara e alegre.

O visconde achou a pintura dos tectos, das paredes e das portas antiquada.

— E' preciso renová-la, opinou ele.

— Não, não, gritou Juca. Toda a pintura já não é a primitiva. Deve ter sido restaurada talvez no fim do seculo XVIII. Mas que firmeza e nitidez de cores! e nos frisos doirados rara é alguma falha. Isso deve conservar-se. Basta chamar um pintor, que seja bom, para fazer uma limpeza conscienciosa e discreta.

— Sendo assim, eu me encarrego de contratá-lo e de olhar por todas as limpezas e lavages que a casa precisar. Posso tambem chamar o meu estofador, que é pessoa muito capaz, e os amigos Tagildes, quando voltarem do Minho, encontrarão o edificio pronto a ser habitado.

— Para maior facilidade de execução, disse Juca, eu deixarei ao sr. visconde uns apontamentos quanto a mobilia e estofos.

— Tanto melhor, concordou o prestavel titular, porque a gente deve albardar o burro á vontade do dono. Mas, ó *seu* Juca, não quere tambem uns quadritos pelas paredes?

— Sim, sim, mas hei de pensar nisso quando vier. Fica para depois.

A quinta da Benfeita era um bom exemplar das antigas quintas portuguesas, conquanto estivesse muito descurada. Tinha uma cascata que a figura de Netuno encimava, um amplo caramanchão com a tradicional mesa de pedra dentro, ruas marginadas de alto

buxo e um lago redondo que a água da cascata ia abastecer. Havia um pomar que era os amores de um dos Amarais, o que se afidalgou montando seje e se demorava mais ali do que na loja da rua Augusta. Tambem havia um recinto para floricultura, chamado o *jardim das senhoras*, que estava derrotado pela acção do tempo e pela incúria dos caseiros.

Francisco Alves declarou que voluntariamente dirigiria o tratamento da quinta.

— Ah! papai, exclamou Juca exultando, era isso mesmo o que eu desejava.

Adquirida a antiga propriedade dos Amarais na Benfeita, pai e filho foram para o Minho.

Em plena aldeia de Tagilde a demora não podia ser longa por falta de comodidades, e a impressão de Francisco Alves foi menor do que Juca esperava.

Todos quantos ali conhecêra, pai, mãe, padrinho, irmãs e amigos de infancia estavam mortos ou ausentes, com excepção de uma unica pessoa a *Pretinha*, que ele deixara na meninice e vinha agora encontrar envelhecida.

Os mortos falam de longe e a sua voz, mais ainda que a dos vivos, esmorece com a distancia.

Quem despertou a emoção da saudade ou do remorso em Francisco Alves foi a *Pretinha*, que lhe recordou *Pai Torcato*, o qual vivêra amando-o e morrêra sentindo que êle não tivesse seguido os seus conselhos e ditames.

Francisco Alves entendeu-a, abraçou-a e choraram ambos.

Tanto Miquelina como Juca entenderam o significado moral da secreção de pranto que luzira nos olhos do afilhado de Torcato.

Ela, com a sua franqueza habitual, dissera a Juca na despedida, em voz alta:

— Seu pai, Juquinha, tem bom coração. Chorou, e eu, em nome do meu *Pai* e benfeitor, fico reconciliada com êle.

Já em caminho, Francisco Alves abriu-se com o filho:

— Esta mulher é tão afectuosa e tão inteligente, que até compreende o valor das lágrimas. Fez-me bem vê-la e ouvi-la. Parece que vou mais leve.

Foi em Fafe, na presença da irmã e do sobrinho, que Francisco Alves teve a nitida impressão da sua antiga vida de familia, porque aí eram dois vivos que falavam bem perto dele: Mécia revivendo-lhe a infancia e Cecilio cujo metal de voz se parecia muito com o do avô paterno.

No trato, por vezes rude, mas franco e lhano, daquela casa simples de uma lavradora abastada, Francisco Alves sentiu se tão bem, que prontamente anuiu ao pedido da irmã e do sobrinho para se demorar ali uns dias vivendo as praticas e os costumes da vida aldeã que lhe ressurgiam a miragem do passado.

Ali sentiu Francisco Alves mais intensa e consolativa a liberdade e paz de espirito conquistada ao cabo de um longo inferno de negocios, de fadigas, de sobressaltos sem conta. Ali o ouro, que a terra produzia todos os anos, e era amealhado por Mécia em favor do filho, pareceu-lhe abençoado, não escaldava nem pesava, nem deixava espinhos na consciencia. Era uma dádiva de Deus, que vinha do alto, como a luz e o orvalho, para beneficiar ricos e pobres, os que agricultavam e os que consumiam.

Como tinha projectado, Francisco Alves visitou Guimarães, que na infancia lhe sorrira atracções de grande burgo e agora se lhe afigurou um burgo pôdre, muito visígótico e morto.

Assistiu, por acaso, á romaria de S. Torcato, e fu-

giu de lá entontecido pela estalada dos foguetes, pelo ribombo dos morteiros, pelos guinchos das filarmonicas, pelo rumor incessante do arraial e pelo cheiro acre das espetadas, do peixe frito e do vinho rascante.

No Bom Jesus do Monte, o silencio e a solidão agradaram-lhe, mas quase teve saudades da sua antiga chácara de Mata-Cavalos, tão rica da basta sombra da mangueira, da jaqueira do tamarineiro e do jequitibá.

E lembrou-se da melancólica Lúcia, para quem adquirira a chácara, da pobre Lúcia, sempre tão solitária na floresta e na familia, a quem nunca pudera dar a felicidade e de quem nunca a pôde receber, mas que lhe deixou um filho, o melhor dos filhos, inteligente, afectuoso, dedicado, pelo qual veio a saber quanto valia ser amado no lar domestico e não estar só no mundo.

De regresso pelo Porto, Francisco Alves quis ir á rua Formosa mostrar a Juca a casa modesta onde morara o professor Mota.

Perguntou por ele. Disseram-lhe que tinha morrido num quarto particular do hospital de Santo António, que alguns discipulos pagaram.

Francisco Alves recriminou-se por não haver seguido de longe a vida do seu mestre, e de ignorar por isso as condições precárias em que adoeceu e falecêra. Quis saber o que era feito da mulher dele e do cunhado. Disseram-lhe que essa boa gente, depois da morte do professor, desaparecêra da rua Formosa e não se sabia onde nem quando teriam acabado seus dias.

Então passou pelo espirito de Francisco Alves a dôr vaga, mas inconfundivel, do passado para sempre desfeito, das ruinas que o tempo fez de nós mesmos e dos outros. Quando já não encontramos as pessoas

com quem outrora convivemos, tambem já não encontramos a nossa individualidade tal qual fôra e sentimos um vácuo profundo dentro de nós e fóra de nós.

Francisco Alves e o filho, chegando a Lisboa, instalaram-se no palacête da Benfeita.

Juca fez que o pai se interessasse desde logo pelo ressurgimento da quinta e êle mesmo tratou de coordenar a seu modo a disposição do mobiliário, escolhido segundo as indicações que tinha deixado ao visconde de Boucinha.

Adquiriu os melhores quadros de autor que pôde encontrar e escreveu ao avô pedindo que lhe enviasse os objectos que o pai deixara acondicionados para uma segura e facil remessa.

Eram, como sabemos, as suas pastas de desenhos, os seus livros e os móveis que estiveram no quarto da mãe.

Ele aconselhou o pai a comprar um copé, para vir a Lisboa, e o pai comprou o copé e ofereceu lhe um cab, especie de cabriolé, que Juca vira muito adoptado em Inglaterra, por ser, dizia ele, um veículo ligeiro, cómodo e nada ostentoso.

Assim proporcionava Francisco Alves ao filho o ensejo de sair só quando lhe aprouvesse.

A compra dos quadros aproximou Juca dos melhores pintores de Lisboa, que desde logo reconheceram nele um amador muito distinto e um critico muito competente.

Frequentando os *ateliers*, conversando sôbre arte, referindo-se ás obras primas dos museus estrangeiros, captou a simpatia e o respeito dos nossos primeiros artistas dessa época, a alguns dos quais, depois de muito instado, mostrou alguns dos seus desenhos, alguns retratos de familia ou de celebridades.

Foram especialmente os retratos que lhe deram a

fama que, por intermédio dos pintores, chegou aos ouvidos de el-rei D. Fernando.

Francisco Alves passava a manhã dirigindo os trabalhos da quinta, e demonstrava optima saude e excelente disposição de espirito.

Findo o almôço, metia-se no copé, ia á Bolsa e ás lojas dos cambistas onde se entretinha e era tratado com a consideração que a sua situação financeira, o seu bom senso e experiencia de negocios impunham.

Aí se relacionou com os homens de dinheiro que frequentavam a rua dos Capelistas e dentro em pouco toda a praça de Lisboa o conhecia.

Juca vinha encontrar-se com o pai na Baixa e, muitas vezes, iam ambos a S. Bento assistir aos debates parlamentares, sobretudo quando, em assuntos momentosos, intervinham os grandes oradores.

Em S. Carlos, Francisco Alves assinara uma frisa de boca, por conselho de Juca, que lhe queria proporcionar maior comodidade que a das cadeiras na plateia.

Pai e filho ficaram sendo conhecidos pela aristocracia, a qual simpatizou com eles pela modestia da sua apresentação, que, dizia o marquês de Nisa, não cheirava a *brasileiro* e menos ainda a milionario.

As senhoras que promoviam festas de caridade encontravam generosamente aberta a bolsa do pai e do filho, e contavam sempre com eles para o efeito de qualquer contribuição beneficente.

Nos intervalos, e até durante os espectaculos, a frisa dos Tagildes era muito concorrida e Juca, houvesse silencio ou conversação, ouvia a música, no seu gesto habitual, com os olhos fechados, num gôzo de arte que não passava despercebido.

A condessa de Angra, aparentada com a Casa Real, — porque era nora de uma fidalga alemã da

raça dos Coburgos Góta — quando lhe notavam a excentridade de Juca, costumava dizer:

— Pois sim, gosta de música, mas, quando o pano desce, ele abre bem os olhos e passeia-os pelos camarotes, demorando-os, me parece, num certo rumo.

Esta mesma dama, vendo a frisa cheia de homens, intencionava com graça:

— Naquela frisa faz muita falta uma senhora.

E a maledicencia elegante comentava que a condessa desejaria vêr uma das suas filhas, Maria da Gloria ou Maria da Natividade, passar matrimonialmente do camarote da familia para a frisa dos Tagildes.

De quando em quando a frisa ficava fechada, a principio supunha-se que por doença do pai ou do filho, mas a breve trecho se descobria que tinham assistido á *première* de um drama ou ao beneficio de algum actor notavel.

Uma vez que os Tagildes faltaram em S. Carlos alguem contou que tinha entrado no D. Maria e vira as actrizes atirarem-se ao Juca.

A condessa de Angra respondeu:

— Isso não é para terem marido, mas para terem diamantes. E como o que querem é dinheiro, que guardem o Tagilde velho e deixem o rapaz para alguma menina solteira.

— Mas olhe v. ex.ª que as actrizes são solteiras.

— Ora! Solteiras como o costumam ser as mulheres de teatro.

Alguem da grande roda, passando no Chiado, notou que, á porta dos Bertrands, Alexandre Herculano estivesse conversando mano a mano com Juca Tagilde.

Fôra a primeira vez que os dois se encontraram depois do serão do dr. Férrer, em Coimbra.

Juca esteve contando ao ilustre historiador que ti-

vera de abandonar o curso de Direito porque seu pai, por doença, o havia chamado ao Rio de Janeiro.

— Não perdeu nada, respondeu Herculano, tanto mais que o sr. é rico e não precisava do curso para ganhar a vida. Olhe, os estudantes de Direito, se não viessem praticar num escritório, seriam incapazes de entender-se com um processo judicial. E os lentes, se exceptuarmos o meu amigo Férrer, e outros dois ou três, precisavam ser menos lentes e mais scientes.

A noticia da conversação á porta da livraria Bertrand, tão célebre como escura e poenta, causou sensação em quantos sabiam apenas que Juca cultivava as belas artes e que tanto apreciava a música em S. Carlos que parecia bebê-la com os olhos fechados.

Mas que pudesse honrar-se com a consideração literaria de Herculano, era um facto desconhecido em Lisboa e Herculano não tinha genio para cortejar os ricos unicamente por serem ricos.

Francisco Alves não saíra nunca do meio comercial, para que havia sido educado, e pouquissimas relações adquirira com homens políticos, tanto no Rio como em Lisboa.

Contudo, por um simples acaso, conheceu pessoalmente o estadista português Fontes Pereira de Melo, a quem se agourava largo e brilhante futuro. Fizera a apresentação o capitalista Mendia no teatro de S. Carlos.

No dia seguinte, Fontes foi á quinta da Benfeita deixar o seu cartão de visita.

A existencia de Francisco Alves Tagilde derivou tranquila e contente na companhia do filho, que o rodeava de carinhos e cuidados incessantes.

Jámais pai e filho alteravam o teor de vida que iniciaram em Lisboa: passeios, teatros, exposições de

pintura, sessões das côrtes e as distracções caseiras que a Francisco Alves proporcionava a antiga quinta dos Amarais, por ele tratada com assiduo desvelo.

Juca reconstruira o quarto onde sua mãe tinha falecido no Brasil e fê-lo tão escrupulosamente que ele mesmo conseguira iludir-se a si próprio, pensando e dizendo: «Foi aqui».

Convites para bailes e jantares não os aceitavam os dois Tagildes, mas agradeciam-nos com palavras de primorosa delicadeza.

E muitas vezes ofereciam corbelhas com as melhores flores da Benfeita á pessoa que os convidava.

Sabendo manter em perfeito equilibrio esta norma de proceder, nunca alienaram simpatias nem criaram ressentimentos, porque a primeira condição para uma pessoa ser respeitada na sociedade é respeitar-se a si mesma.

Os viscondes de Boucinha e dois ou três comendadores *brasileiros* andavam celebrados na boa roda como *parvenus* impantes de basófia e grosseria.

Dos Tagildes dizia-se: «São excentricos, mas correctos, despretenciosos e inteligentes.»

Francisco Alves, durante os anos que viveu em Lisboa, tinha de vez em quando algum ligeiro incómodo de saude, mas doença grave nenhuma teve.

Em 1868, acabando de jantar, sentara-se num divan, como era seu costume.

Estranhando-lhe o silencio, disse Juca:

— Papai está hoje tão calado!

Não teve resposta. Correu inquieto ao divan. Chamou o pai, beijou-o, abraçou-o e pareceu-lhe que tinha morrido, sem um grito, um gemido, morrido de uma doce morte inconsciente.

Os medicos, chamados a toda a pressa, verificaram o óbito e todos concordaram em que fôra causado por uma síncope do coração.

O funeral de Francisco Alves teve imponencia, não pelo aparato do coche funebre, mas pelo grande número de carruagens e pela qualidade das pessoas que constituiram esse longo acompanhamento.

Mais de um mês depois, a condessa de Angra, quando recebeu o cartão de Juca agradecendo os pêsames, perguntou ao marido:

— O que fará agora o rapaz?

— O que fará não sei; mas sei o que fez.

— Então que foi?

— Partiu para París.

— E não volta?

— Creio que sim. Pelo menos, disseram hoje que na Benfeita ficou tudo na mesma.

— E' muito grande a herança?

— Os cambistas calculam em cinco mil contos.

— Então o rapaz foi para Paris e não tratou de liquidar?

Nem precisa. O dinheiro está lá fóra, nos Bancos, depositado á ordem do pai ou do filho. No Banco de Portugal é que o depósito é menor, segundo se diz na rua dos Capelistas: trezentos contos apenas.

— Apenas! dizes tu. Se forem a vêr, o Juca tem alguma mulher em París.

— Ora adeus! Se tivesse, já ela cá estava, não era preciso que ele lá fosse.

— Sim, isso é lógico, reflexionara a condessa, porque cinco mil contos não são coisa que se deixe perder.

— Mas que scisma que tu tens com o dinheiro do homem!

— Eu bem sei o que digo. Tu, meu caro, quanto a dinheiro, só o que sabes é gastá-lo. Valha-te Deus.

XI

Precalços da celebridade

Desde 1868 a 1870 Juca Tagilde, continuando em París, viera algumas vezes a Lisboa, mas com pequena demora, vêr a quinta da Benfeita, que desejava conservar no estado prospero em que seu pai a deixou e seguir o andamento de certas modificações que ele proprio mandara fazer no palacête.

De passagem, parava alguns dias em Espanha.

Deram que falar aquelas obras no palacête, chegando a correr o boato de que Juca ia casar com uma parisiense ou com uma espanhola.

Passavam meses, êle voltava, sózinho, e, se lhe contavam o boato, ria-se muito, negando-o categoricamente.

Um dia soube-se que tinham vindo de França o pessoal e material necessarios para a montagem, na quinta da Benfeita, de luz electrica — uma novidade em Portugal.

Então principiou a correr a atoarda de que Juca Tagilde casaria em Lisboa e projectava dar grandes festas.

— Isso agora faz mais sentido, comentou a condessa de Angra.

Mas Juca voltara de vez, ainda solteiro, e foi nesta fase que Mariano Feio mo indicou á porta do Passeio Público e que Julio Cesar Machado me deu mais explicitas informações a seu respeito, na rua do Oiro.

Durante anos eu apenas o via em S. Carlos ou em algum outro teatro, mas depois do meu encontro em Vizela com o sr. Veiga e dos esclarecimentos que este cavalheiro recolhera do conego Sales, comecei a reparar mais em Juca sempre que podia observá-lo.

E então, reconhecendo que na sua fisionomia inalteravelmente enevoada de uma vaga sombra de ossianismo, nas suas habituais sobrecasacas de córte inglês, na regularidade das suas maneiras desafectadas e discretas, havia a afirmação de uma têmpera de aço, talvez a consistencia diamantina de um *caracter* firme e imperturbavel, desses, bem raros, que parecem prezar em si mesmos as mais intimas convicções.

Vendo-o falar ou sorrir, vendo-o calado e melancólico, vendo-o no teatro ou na rua, pareceu-me sempre o mesmo homem, sem nenhum deslize da sinceridade do seu modo de ser, sem qualquer sujeição aos requintes convencionais que aparentemente deformam os caracteres.

E se alguma vez eu fôra injusto no meu conceito, se nem sempre pensara isto mesmo, agora experimentava uma simpatia quasi respeitosa por esse homem distinto, que toda Lisboa conhecia, mas que talvez só Julio Cesar Machado apreciava com justiça e largueza.

Quando eu ia ao Porto visitar meu pai no estio, não deixava nunca de passear á tarde na solitária Avenida das Tilias, a mais bela do Palácio de Cristal.

Tive grande surpresa ao avistar ali certo dia um homem que me pareceu Juca Tagilde.

Ele estava parado, olhando, pela clareira que descortina a barra, o lindo espectáculo do sol poente.

A menor distancia reconheci-o e ele, voltando-se para seguir em direcção oposta á que eu levava, cumprimentou-me atenciosamente.

Então, correspondendo ao cumprimento, dei alguns passos para Juca, dizendo-lhe:

— Eu estou na minha terra, e por alguns dias em casa de meus pais. Se V. Ex.ª precisar do meu escasso préstimo nesta cidade, obsequiar-me há dando-me as suas ordens.

Juca agradeceu com palavras simples e fáceis, depois contou-me que vinha do Minho de assistir á agonia e falecimento de uma sua tia paterna, e que trazia o espirito acabrunhado, pelo que se lembrou de ir espairecer um pouco nos jardins do Palácio, mas que nunca pensara na possibilidade de encontrar ali alguem que lhe não fosse indiferente.

A conversação de Juca encantou-me. Começamos a passear juntos na Avenida das Tílias e foi a sineta do portão de ferro que nos interrompeu dando o sinal de saída.

No outro dia, pela manhã, não faltei a despedi-lo na estação das Devezas, em Gaia.

E aqui está, contado com a maior veracidade, como eu vim a conhecer Juca Tagilde.

Quando regressei do norte, disse-me o editor Matos Moreira que o Juca tinha ido algumas vezes perguntar quando eu viria do Porto e que tomara nota da minha residencia em Lisboa.

Efectivamente, foi deixar-me um cartão de visita, escrevendo a lapis que sentia não me haver encontrado em casa.

No dia seguinte procurei-o na Benfeita, e demoramo-nos horas conversando.

Datam desse dia as nossas relações de amizade e convivencia.

Juca era na conversação familiar um homem insi-

nuante, as suas frases, sempre literarias, revelando muita cultura intelectual, nada tinham de pedantes, nem rebuscadas, e a sua individualidade nunca se desmanchava, porque um leve toque, docemente característico, de excentricidade cortês, de melancolia suave e de manso desdem, não eram um esforço, menos ainda um sistema, mas o seu feitio ingénito, ele mesmo, sempre ele.

Na sociedade discutia-se muito a estranha figura de Juca. Havia quem o suposesse um inimigo das mulheres, um homem de hábitos inconfessáveis. Mas esta infundada suposição não tardou a ser desmentida por alguns bachareis que o tinham conhecido em Coimbra e por um antigo camarista de el-rei D. Fernando, que tendo estado em París, e querendo, um dia, ser recebido pela célebre Rosina Evremond, ela lhe mandara dizer que esse dia o concedèra a Mr. Tagilde, *petit brésilien*, a quem por motivo algum faltaria.

As senhoras, principalmente, não compreendiam este homem elegante, simpático, robusto e rico, vivendo uma vida de solteirão, sem ouvir de portas a dentro a voz, o riso, os passos de uma gentil mulher, escolhida entre tantas portuguesas que o desejariam ter por marido, e para quem ele parecia tão inexpugnavel como a torre de Malakof

— Mas, dizia a condessa de Angra, a torre de Malakof acabou por ser tomada de assalto, e o que falta é audácia e coragem ás beldades de Lisboa para conquistarem um coração, que me não parece morto, mas que é esquivo.

Ora, a condessa algumas vezes havia dito isto mesmo em segredo a Maria da Natividade, a filha mais nova, e tinha razões para o dizer.

Era que logo que Juca Tagilde apareceu em Lisboa, Natividade confessara á mãe guardar memória

de numa *villégiature* ter impressionado um rapaz com quem, sempre acompanhada por Adelina, trocara algumas palavras.

Disseram-lhe ser um estudante brasileiro. Mas um dia desapareceu. Ora esse rapaz tinha exactamente as feições e o porte de Juca Tagilde. Natividade juraria que não era outro. Agora, em S. Carlos, ainda alguma vez o havia surpreendido a olhar para ela.

— Tambem eu, disse perspicuamente a condessa.

— Mas já não sou a criança estouvada que então era. A mamã bem sabe que vou fazer trinta anos.

— Não é este o caso de contar as idades. Tu és bonita, e pareces mais nova. Uma certidão de baptismo pode muito bem tornar-se amavel pela troca de um algarismo. Tem-se feito tantas vezes! E não te quero lembrar que ele é mais velho do que tu, porque toda a gente lhe calcula os milhões e ninguem lhe conta os anos. Já ouviste alguma senhora ou algum homem perguntar: Que idade faz ao Juca Tagilde? Isso ouviste tu! O que geralmente se ouve dizer é: Não tem menos de cinco mil contos. Ah! filha, eu era capaz de endoidecer de alegria no dia em que casasses com ele. Bem sabes que teu pai gasta muito dinheiro, cada ano arruina mais a casa, tua irmã não casou e tu vais pela mesma, infelizmente.

— O' mamã, porque, apesar do nosso titulo, somos pobres.

— Pois então, um homem, cinco vezes milionario, precisa ainda mais dinheiro? Ele até não desgostaria de entrar numa familia aparentada com a casa real.

— Não diz tantas vezes a mamã que fez uma grande tolice querendo nobreza em vez de dinheiro?

— Fiz, sim, mas dinheiro com nobreza é oiro sobre azul.

— Nobreza já ele tem, mesmo sem casar comigo, porque o dinheiro é o rei do mundo.

— Sabes que mais? Tu, quando eras mais nova, tinhas energia e expediente. Agora nem avanças nem recúas, deixas-te andar numa pasmaceira bacôca, tão acanhada como ele, tu que não tinhas nada de timida — bem pelo contrário! Mas quem vai tomar conta deste caso, deste jogo interminavel do *ólho de cá, ólhas de lá*, sou eu...

— A mamã?! interrompeu, sobressaltada, Natividade.

Eu mesma.

Veja o que vai fazer, sr.ª condessa de Angra. Se ele quisesse casar comigo, facilmente me teria encontrado. V. ex.ª não rebaixe o seu titulo, nem me vexe a mim. Podemos ser pobres, mas ridiculas ainda não tinhamos sido.

— Nem seremos. Para alguma coisa me há de servir a experiencia da vida, a sciencia do mundo. Vocês hão de avistar-se e poder conversar, como se conversa nas salas das nossas relações, que são as melhores de Lisboa. Vê lá tu se aproveitas a ocasião para ladear com arte o assunto, porque se o não souberes fazer — e já tens idade para saber fazê-lo — ficaremos a vêr navios do Alto de Santa Catarina.

A condessa havia traçado um plano, mas não achou prudente comunicá-lo á filha, lembrando-se de que o soldado se bate com mais coragem quando, de repente, sem o esperar, se encontra cara a cara com o inimigo.

Precisava de um confidente, de um auxiliar, e procurou o no corpo diplomatico, que não desgosta de conhecer as *intrigas* e os misterios da alta roda,

porque a diplomacia nas senhoras, como nos homens, não passa de uma curiosidade elegante, mais ou menos subtil e ceremoniosa.

Ora as mulheres em todos os tempos teem tido na comedia politica o papel importante de desfazer atritos internacionais ou negociar alianças politicas com o auxilio de outras mulheres.

Algumas são espiritos fortes, que chegam a dominar os maridos, as rainhas e até os reis.

Quando Leonor Galigaï, por sua excessiva ambição, foi condenada á fogueira, os juizes perguntaram-lhe a que especie de encanto havia recorrido para tornar-se favorita da rainha Maria de Médicis.

Ela respondeu:

— O meu encanto foi simplesmente o das almas fortes sobre os espíritos fracos.

Para entrar na singela negociação de um casamento rico não era preciso encontrar uma segunda Leonor Galigaï mas uma senhora do corpo diplomático, habituada a dar festas na sua legação e com a suficiente habilidade para que certo convidado de categoria não pudesse escusar-se por mais retraído que fosse.

Pena era que o conde de Angra nunca se tivesse proposto a representar Portugal no estrangeiro, porque sua mulher havia de ser-lhe excelente acessor, que conduziria todos os negocios, deixando apenas ao marido o leve encargo de vestir a casaca e pôr uma grã-cruz.

E a prova disto está na sagacidade com que a condessa escolheu, para o efeito desejado, a ministra do Brasil, considerando que Juca Tagilde nascera no Rio de Janeiro e que seu pai lá casara e enriquecera.

Anunciaram os jornais que na legação brasileira se preparava uma brilhante recepção, para a qual iam ser convidadas as pessoas mais distintas da res-

pectiva colonia. Na redacção deste reclamo andava o dedo da condessa de Angra.

Juca recebeu convite — um cartão impresso — mas a ministra escreveu por sua mão algumas palavras, instando pela presença de uma pessoa que ela e seu marido desejavam conhecer pessoalmente.

Fôra conselho da condessa, que não levantava mão do assunto.

Imediatamente Juca visitou o ministro e desejou ser recebido pela ministra para agradecer o convite e escusar-se.

Mas a ministra, mais diplomata que o marido, pediu, insistiu, recorreu ao argumento de que só a presença de Juca poderia testemunhar de um modo autentico que o não tinham esquecido, e venceu.

Quando Juca entrou na sala de baile, acompanhado pelo dono da casa, para ser apresentado á ministra, fez sensação, talvez possa dizer-se causou surpresa, não só por aparecer pela primeira vez numa recepção, ele que só frequentava teatros, mas tambem pela elegancia e facilidade de maneiras, sem acanhamento e sem pretensão, como um perfeito homem do mundo, que fosse costumado a pisar salões.

Por combinação maquiavélica, a ministra esperava os seus ultimos convidados ocupando uma posição de habil estratégia junto da condessa de Angra e de Natividade.

Assim foi que pôde apresentar-lhes Juca a breve trecho de haver entrado.

Como sôbre ele incidiam muitos olhares, logo se notou que tivesse conversado com a condessa e um pouco mais detidamente com a filha.

Bastou isto para, no dia seguinte, dar origem ao boato do seu proximo casamento com uma senhora da aristocracia.

O boato — o boato certo ou falso, verosímil ou

inverosímil, logico ou absurdo — é o mais sólido esteio da celebridade.

Ninguem deve julgar-se suficientemente conhecido sem que o hajam transformado em paliteiro de boatos. Quanto mais se fala de uma pessoa, especialmente quanto mais se inventa e mente a seu respeito, tanto mais ela avança para a evidencia social.

O superior espírito do grande ateniense Alcibíades soube tirar partido desta verdade irrefutavel, porque, reconhecendo que já se falava pouco dele, sinal certo de que a popularidade lhe ia faltando, mandou cortar a cauda de um cão magnifico, adquirido por alto preço, com o fim de se fazer lembrado e discutido.

Juca Tagilde não dava importancia aos boatos, a que chamava bolas de sabão, que depressa se dissipavam.

Se ele tivesse alguma costela de Alcibíades, não precisava recorrer a processos de tão espectaculosa extravagancia como o do cão, porque muito se falava dele em Lisboa, e muito se falou a proposito do baile na legação brasileira.

Foi o caso que depois de ter conversado com a «Angra mais nova», como se dizia na sociedade, a duquesa de Palmela, artista de fina raça, sabendo quanto os pintores portugueses apreciavam Juca Tagilde, pedira á ministra do Brasil que lho apresentasse.

Feita a apresentação, conversaram longamente sôbre assuntos de belas-artes e a duquesa convidou Juca a visitar o seu *atelier* no dia seguinte, para lhe mostrar a estátua em que estava trabalhando.

Outras senhoras desejariam tambem que lho apresentassem, mas, a meio da noite, ninguem mais tornou a vêr Juca, porque, serenamente, entrara no seu copé mandando bater para a Benfeita.

Este homem tão distinto, tão interessante pelos seus dotes de espírito, possuia todas as qualidades e mais duas, na frase de Julio Cesar Machado — a modestia e a discrição, aliás rarissimas.

Aqui torno eu a falar do príncipe dos folhetinistas portugueses, porque em grande parte lhe devo a boa fortuna de estreitar as minhas relações com Juca, não só pelo bem que de mim lhe teria dito, mas ainda porque, segundo uma combinação feita entre nós três, iamos ambos todos os meses jantar á Benfeita nos dias 15 e 30.

Nesse tempo eu encontrava ao principio da noite na livraria Matos Moreira o Julio, e este bom amigo, de quem tantas saudades tenho, nunca se esquecia de lembrar-me, na véspera do nosso jantar bi-mensal:

— A'manhã não faltes. Se um de nós faltasse alguma vez, o Juca ficaria magoado, tanta é a confiança que em nós deposita.

Chegavamos juntos á Benfeita, e como só vinhamos de lá alta noite, juntos voltavamos no copé em que o Juca nos mandava conduzir a Lisboa.

Depois do café conversavamos largamente... de que? De tudo e de nada, numa doce intimidade sem confidencias e sem inconfidencias. O Juca relatava impressões de viagem, anedotas das actrizes e dos pintores de París, aspectos da vida intelectual dos ingleses, que ele amava muito e que em Portugal era insuficientemente conhecida; dos costumes de toda a parte e de todos os tempos que se recomendassem pela originalidade ou pelo excesso de pitoresco.

Julio Cesar Machado, que já tinha escrito as suas recordações de París, de Londres e de Italia, deixava ao Juca a pasta dos estrangeiros, expressão sua, por lhe reconhecer maior conhecimento da materia, e

contava memorias da mocidade com uma graça infinita, que fazia dele um conversador *hors ligne.*

Estes dois homens forneciam todo o encanto da conversação. Posso dizer, com franqueza, que foi na sua convivencia que tomei gosto pelo folhetim conversado, ás vezes dialogado, sempre leve e inofensivo.

Certamente que na vida de Juca haveria segredos intimos, opiniões reservadas, talvez amores e saudades, que fechava no espirito ou no coração, mas nem se abria em confidencias, nem Julio e eu ousariamos fazer qualquer vaga referencia em que pudesse suspeitar-se o mais subtil intuito de curiosidade.

Algumas noites, no regresso da Benfeita, enquanto o copé rodava, aludiamos baixinho a este assunto e eu mostrava-me convencido de que Juca era uma organização privilegiada, que resistia á tendencia para a expansibilidade tão vulgar nos outros homens por mais superiores que fossem.

— Deixa lá, segredou-me Julio uma vez, isso não quer dizer que não quebre o silencio, quando já lhe não reste duvida alguma sobre a sinceridade do nosso caracter e da nossa estima por ele. Juca experimenta-nos, observa-nos, estuda-nos. No dia em que nos julgar absolutamente dignos de uma confidencia, terá prazer em descarregar o peso do passado, que é sempre um tesouro dificil de suportar na secura do silencio e da concentração. Todo o homem gosta de viver recordando e por isso deseja ter á mão um amigo que o escute e compreenda. Ora o Juca, em vez de um, tem dois amigos que de dia para dia vai conhecendo melhor.

Eu achava engenhosa a teoria do Julio, mas não abdicava da minha opinião por entender que nenhum outro homem possuia, como o Juca, uma envergadura

moral tão forte e resistente — o pleno domínio de si mesmo.

Julio insistia:

— Eu sei que já foste ao Buçaco e á Arrábida, porque te tenho lido desde que apareceste. No Buçaco, ao entrar no convento, viste o painel de um frade que está fechando a boca com dois dedos; na Arrábida viste a estátua de outro frade, que tem um cadeado na boca e uma fechadura sôbre o coração. Ambos eles impunham silencio a quem ali entrava. Podes crêr que a imposição fosse respeitada? Nenhum voto, nenhuma profissão de fé é capaz de resistir indefinidamente ao cadeado da boca e á fechadura sôbre o coração. E contudo os frades deviam obediencia á Regra da sua Ordem e á disciplina monastica.

«Muitos seriam porventura homens virtuosos. Mas quantos criminosos não contam seus delitos a pessoas que os vão denunciar? Mais lhes valêra ter sempre o cadeado na boca. Pois esses mesmos, os criminosos, falam muitas vezes de mais comprometendo-se. O nosso amigo não tem decerto na sua vida um unico facto que o deslustre, tão perfeito cavalheiro é. Por maioria de razão, alguma vez, a nós ou a outros, há de dizer uma palavra, uma frase, duas ou três frases, por onde a sua alma espreite, aprveitando a ocasião, e se ponha a cantar em voz alta.

— Ah! Julio, o teu espirito é inesgotável. Mas bem sabes que há pessoas que falam pouco de si, pessoas que apenas falam dos outros, e, finalmente, pessoas que não falam de si nem dos outros. E' a este último grupo que pertence o nosso amigo Juca: ele nada nos conta da sua mocidade, dos amores que teve, das saudades que ainda terá. E quando fala dos outros apenas refere casos que os próprios interessados poderiam ouvir, sem desgôsto, se estivessem pre-

sentes. E' um temperamento pouco vulgar, convenho; mas não tem outro, é assim mesmo, e tal como é faz-se estimar.

Uma noite, no Passeio Público, em que eram pagas as entradas por haver um concerto, o que muitas vezes acontecia, estavamos, Julio Cesar e eu, sentados em cadeiras do Asilo. Entre a concorrencia passeava o infante D. Augusto, á paisana, abordoando se na bengala e acompanhado pelo oficial ás ordens.

Juca Tagilde viu-nos, parou e sentou-se.

Disse-nos que o Passeio Público nem por estar muito concorrido e melhor iluminado lhe parecia alegre. Faltava-lhe a alegria parisiense, especialmente a alegria das mulheres e das crianças. De modo que se a gente não encontrasse amigos com quem pudesse conversar, corria o risco de entristecer.

— Era, confessou-nos, o que me ia acontecendo. Felizmente que os encontrei, caros amigos.

— Até o sr. infante, disse Julio, traz o ar de quem veio maçar-se. Não há, tenho reparado, mulher nenhuma que faça vénia ou diga qualquer coisa a este pobre principe celibatario.

Passavam de vez em quando as espanholas da Antonia Moreno e algumas portuguesas do mesmo oficio.

De repente, vimos a distancia um certo movimento de sensação. Muitos homens levantaram-se, avançando para o meio da avenida principal, como esperando alguem.

— O que será isto? perguntavamos.

E como se aproximasse o que quer que fosse de cortejo masculino, pusemo-nos de pé junto ás nossas cadeiras para observar o que seria, sem perdermos o lugar.

Vimos então passar, por entre muitos homens, uma

elegante mulher, petulantemente vestida, abanando-se com um alto leque scintilante.

Pageava-a um *groom* de libré verde-escura com botões doirados.

— Diabo! disse Juca. Eu já encontrei esta mulher, mas não me lembra quem é. Veremos, tornando ela a passar.

Quando a ignota ninfa retrocedeu, os homens abriram-lhe alas e Juca pôde afirmar-se:

— Ah! já sei, é *La Sultane* por alcunha, que tinha ido explorar o Brasil e que deve ter chegado ontem no paquête.

E desatou a rir.

— Com esta mulher aconteceu-me em Paris...

Nisto abeirou-se de nós o velho conde da Lapa, que todos tratavamos com alguma ceremonia e o Juca imediatamente se calou.

No dia seguinte dizia-me Julio Cesar:

— Vês tu? Iamos ontem receber a primeira confidencia. O conde estragou tudo. Foi um simples prenuncio que começou a dar-me razão.

XII

A maré da confidência

Juca Tagilde nunca mais se lembrou de contar-nos o que lhe aconteceu em París com *La Sultane*, e nenhum de nós lhe falou nisso.

Mas Julio Cesar dizia-me que teria sido qualquer revelação insignificante, ainda que ele houvesse chegado a fazê-la. Contudo, achava que fôra o primeiro passo para a expansão sôbre assuntos femininos, aventuras de prazer ou de amor, que tanto interessam os homens.

E acrescentava com graça:

— Principalmente, os homens ricos, porque nós cá, os da letra redonda, que é de chumbo e não de oiro, contentamo-nos contando as anedotas galantes... dos outros. Verás que o nosso amigo Juca, um dia, quando menos se espere, atira por cima dos moinhos o cadeado e solta a lingua. Palpita-me que há de dizer-nos coisas invulgares e exóticas, talvez novas, porque a superioridade daquele homem tem muito de inédita.

Todavia passaram quasi dois anos sem que nos jantares da Benfeita, sempre agradaveis, e nos encontros casuais com Juca, tivesse havido qualquer pre-

texto para que ele entrasse no capitulo secreto das suas memórias intimas.

Um dia, quando nos sentamos á mesa, pareceu-me vê-lo mais familiarmente comunicativo.

A principio, a conversação decorreu numa frivolidade alegre. Julio Cesar contou duas anedotas, com faiscante verve, sôbre contrariedades que sofrêra quando se estreou nas letras.

Lembro-me ainda de uma que dizia respeito a certa comedia sua, que deslizou entre risadas e aplausos, e que no fim fôra pateada furiosamente.

Mas o *clou* dessa anedota estava na explicação com que o actor Isidoro, muito supersticioso, pretendeu consolar o autor, magoado por tão desagradavel surpresa.

— Julinho, isto era fatal. Entrando eu em scena com este maldito *cache-nez*, seja a peça qual fôr, vai-se abaixo.

Rimos de vontade.

Após uma breve pausa, Juca Tagilde, para amavelmente me dar ensejo a falar, perguntou-me onde o tinha eu visto pela primeira vez.

Disse-lhe que foi á porta do Passeio Público que Mariano Feio mo indicara quando vim para Lisboa e até reproduzi a estranheza de o saber rico e ainda solteiro.

Pareceu-me que Juca estimara esta minha confissão sincera, que lhe permitiria abordar um assunto em que poderia expôr ideias que significassemabsoluta confiança nos seus dois convivas.

— Sempre solteiro, disse ele, animando-se. Contudo, não sou um inimigo das mulheres; o que eu sou é um inimigo irredutivel do casamento. Perdão... os meus amigos são casados e por isso não devo prosseguir.

Pedimos-lhe que continuasse, que gostariamos de

ouvir a sua maneira de pensar sobre tão interessante e debatido tema.

— Pois seja, concordou o Juca. Eu aceito as mundanas de París e Londres (as alemãs são sensaboronas, as italianas são enxovalhadas e as espanholas são grosseiras), mas as de París e Londres vestem-se com bom gôsto, despem-se com uma galanteria que simula dificultar-se, têm habitações luxuosas, tapetes magnificos, loiças caras, algumas obras de arte, irrigam o corpo e a roupa branca com perfumes esquisitos, trazem sôbre o peito um *sachet* inebriante e no seu quarto de banho duas torneiras de prata deixam caír dentro das tinas a água indispensavel para a ablução que há de apagar os vestigios churdos do contacto sexual. Na despedida pensamos dizer á *fille de marbre* o que ela merecia que lhe dissessemos: «Adeus. Continúa a alugar-te e passa por cá muito bem.» Quando chegamos á rua não trazemos nenhuma recordação amorosa, vamos leves de toda a culpa, e respiramos com satisfação o ar ambiente sempre mais puro que o da casa donde saímos.

— Bravo! Bravo! apostrofou Julio Cesar.

— Até aqui estamos todos de acordo, disse eu.

— Com a mulher que se desposa e nos acompanha de dia e de noite o caso é bem diferente, o hábito enfraquece o gôzo, o contacto é automático e monótono. Conhecemos o seu corpo em todas as minudencias, como ela conhece o nosso. E o pensamento egoista de nos querermos perpetuar na espécie, reviver na descendencia, é uma vã mentira com que Schopenhauer e outros pretendem enobrecer esse banal acto fisiologico a que Chamfort chama bem propriamente «uma epilepsia de alguns minutos.» Entre casados, nem paixão, nem ilusão, nem surpresa. Como aqueles caturras que na província estão habituados a frequentar a botica, dizemos sempre adeus até logo.

Mas as nossas responsabilidades de homem casado vão comnosco, seguem-nos como se fossem a nossa propria sombra, a rua não nos distrái e prestamo-nos a pensar em tudo menos no dia de amanhã, que será como o de ontem e o de hoje, mais uma leitura de um livro já lido muitas vezes.

— A teoria de v. ex.ª, aventei eu, suprime o namôro, o *billet doux* e...

— A lua de mel, acrescentou Julio Cesar.

Juca ripostou logo:

— O devaneio galante, vulgarmente chamado namôro, raras vezes atinge a alta temperatura de paixão. A linguagem do povo chama lhe, com mais propriedade, derriço. Quanto á lua de mel, creio eu que será uma febre erótica, felizmente pouco duradoira, porque a demorar-se mais tempo imbecilizaria pelo esgotamento nervoso. A mulher deseja a lua de mel não só por instinto sexual, mas tambem pela curiosidade de conhecer experimentalmente o que tantas outras mulheres conhecem.

«O homem é tambem aquecido na lua de mel pelo instinto, mas nele já não há curiosidade, porque muito bem conhece os segredos intimos de varios leitos; há orgulho, orgulho da conquista e da posse, vaidade do predominio conjugal que desde essa hora assume, impondo deveres que êle nem sempre respeitará, mas que exige que a sua colaboradora respeite sempre. E para chegar a isto, que é o casamento, perdem as mulheres muito tempo a deixar-se namorar e os homens a namorá-las em atitudes lamechas e ridiculas.

Mas então, v. ex.ª...

Detive-me hesitante.

— Diga, diga, interveio logo. Eu gósto da franqueza civilizada. E este é o caso.

— Ainda que seja curiosa?

— Contanto que permita as mais extraordinarias sinceridades.

— Mas então v. ex.ª não amou nunca?

— Pelo contrário: amei algumas vezes. ¿ Acaso poderia eu, que professo entranhadamente o culto da côr, da forma e da harmonia, ser indiferente á beleza de certas mulheres formosas, que compendiam em si mesmas o encanto das obras de arte nos tons setinosos da pele branca, rosada ou morena; na elegancia do talhe, na melodia da voz e ainda no ritmo dos seus gestos e dos seus passos; no desenho da cabeça, no brilho do cabelo, na expressão dos olhos, no boleio dos ombros, no tamanho dos pés?...

«Vi e amei algumas destas mulheres, que ainda hoje dominam o meu espirito com um luar de saudade, doce e meditativo; simplesmente nunca a nenhuma delas confessei o meu amor, nunca as apeei do pedestal glorioso em que eu mesmo as colocara, para, mediante o pretexto de as honorificar pelo casamento, reduzi-las á situação banal de todas as fêmeas, fazendo delas um vulgar objecto de meu uso quotidiano. Como nunca tentei a posse, nunca desfolhei a ilusão. Vejo-as hoje como então as vi, serenas e lindas, sem terem que pedir-me desculpa de me não haverem feito feliz e sem que eu haja de lastimar-me por lhes não haver dado a felicidade que mereciam. Todos os casados de boa consciencia sabem na velhice quanto esta mutua confissão seria verdadeira se a dissessem em vez de senti-la apenas. Não, eu não tenho que pedir perdão a nenhuma das mulheres que me impressionaram, porque nenhuma associei ao meu destino, nenhuma se desgostou de mim, nenhuma sofreu por minha causa, nenhuma envelheceu e se desfigurou a meu lado. Pelo contrario, todas estão ainda belas, e novas e intactas e florescentes a meus olhos, na minha presença, em imagem,

numa realidade flagrante de fisionomia, de gesto, de figura.

Eu, porque não entendia bem estas palavras, comecei a julgá-las uma alucinação eloquente, talvez febril, da alma de um artista dominado por um fervoroso misticismo contemplativo.

Reparei que Julio Cesar o escutava com assombro e respeito.

Juca prosseguiu como um conferente que, sem olhar para ninguem, vai seguindo o curso das suas ideias.

— Tais como eu as vi outrora ainda hoje as vejo e relembro. Consegui para elas uma prerrogativa que a natureza não concede e que só a arte pode obter: a eternização da primavera que se chama juventude. Quando me detenho a contemplá-las não as desconheço nunca. Diz-se que Julio Sandeau, que fôra talvez o primeiro amante célebre de George Sand, em efectivo serviço, quasi marital, um dia, muitos anos depois, abalroara na escada da *Revista dos Dois Mundos* com uma senhora. Travou-se entre os dois um rapido diálogo: «— Pardon, madame.» «— Pardon, monsieur». Passava um conhecido, a quem Sandeau perguntou quem era aquela dama.

«— Comment! c'est vous qui demandez cela?! C'est George Sand.

«Jámais eu vi as mulheres que povoam o meu espirito senão pelo mágico prisma do encanto, que uma vez me inspiraram. Se tivesse desposado alguma delas, te-la-ia deixado desvalorizar-se ao pé de mim, dia a dia, hora a hora, aturadamente, e então a recordação das outras, que eu houvesse preterido, ser-me-ia um constante inferno de saudade insaciavel e de arrependimento tardio. Não há nada tão desolador como a vida quotidiana entre duas pessoas que principiaram por amar-se e que acabam por desconhecer-

se. O meu querido Heine amava a França, mas não quis nunca naturalizar-se francês, porque receava amá-la menos como acontece quando se casa com a amante, que nos parecia sempre inédita em cada entrevista e em cada *toilette*. Eu não preteri, nem reneguei, nem desposei nenhuma das mulheres que me pareceram, e ainda me parecem, as mais interessantes de todas quantas encontrei no meu caminho. Divinizei-as num trono que não deixarei desabar e é da sua graça e do seu viço que o meu espirito se alimenta nas horas de sonho, porque eu, meus amigos, preciso sonhar de vez em quando para poder existir. Todas elas estão junto de mim, sózinhas, sem familia que as acompanhe, sem pais, sem irmãos, sem cunhados, que venham tomar-me contas de as ter abandonado um dia em que me apeteceu ir jantar a Sintra. Sendo muito novo ouvi no Brasil esta ligeira troca de palavras, que nunca se me varreu da memoria: — Por quem anda de luto? — Morreu meu sogro.— Deixou-lhe alguma coisa? — Não. — Então dou-lhe parabens.— Porque?— Porque é menos um interventor a actuar na sua vida doméstica.

Tivemos certamente um ar de riso, porque Juca tornou de pronto:

— Parece anedota, mas não é. E que o fosse? A anedota não deixaria de vir a proposito para amenizar, quanto possivel, esta longa confidencia que eu estou fazendo áqueles dos meus amigos que melhor a podem entender e desculpar.

Acudimos, Julio Cesar e eu, a dizer, com a maior sinceridade o dissemos, que nos davamos por felizes recebendo tamanha prova de apreço como era a de ouvir da boca de um amigo aquilo que certamente só a nós confiava.

— Nunca a ninguem fiz qualquer destas confissões, que são como que a chave que descerra de par em

par a nossa alma, mas sem as quais toda a alma perecerá truncada e incompleta. Ao menos agora, caros amigos, poderão conhecer-me tal qual sou, incompreensivel como julgam alguns, excentrico como supõem outros, conhecer-me em face de todo o processo psicologico do meu modo de ser. Não é verdade?

Juca pôs-se a pé e nós imitámo-lo.

Acabou de fumar um charuto, daqueles optimos charutos que Julio tanto gabava e que eu não podia suportar por serem fortes; tirou da algibeira uma chave pequena e convidou-nos a segui-lo.

A meio do corredor uma porta estava fechada; era a única Juca parou aí, abriu rapidamente, e achamo-nos em plena escuridão.

— Queiram entrar, disse ele, que eu faço luz.

Volteou o cumulador e as lampadas electricas iluminaram de côr de rosa um salão mais extenso do que largo.

Subitamente os nossos olhos foram atraídos por quatro grandes telas que, em altas molduras de um leve tom de oiro velho, tomavam a maíor parte da parede em frente da porta.

Eram os retratos a oleo, e em tamanho natural, das bem-amadas de Juca.

Ele se apressou a dizer-no-lo, com manifesta emoção:

— De alguma coisa me havia de servir um certo gôsto, que sempre tive, pelo desenho de figura, especialmente pelo retrato, e a educação que recebi no *Britannia College*, de Londres, por mão do sabio professor Córvley, que dedicadamente se encarregou de completá-la mostrando-me e comentando as obras dos grandes pintores. A ele devi toda a minha modesta cultura em todas as artes. Tributo a maior veneração á sua memoria.

«Esse tal ou qual geito para o retrato — e não passa de simples geito — levava-me a esboçar a lapis a fisionomia das mulheres que maior impressão me faziam e até certo ponto lisonjeava-me, deixem-me dizê-lo entre amigos, que nesses retratinhos instantaneos, ou até feitos de memoria, se pudesse notar alguma semelhança.

«Para fixar mais profundamente a impressão recebida, eu aguarelava os retratos e assim conseguia obter tambem a copia, quanto exacta possivel, da côr das faces, dos olhos, do cabelo e até dos vestidos.

«A estes desenhos e aguarelas chamava eu «os meus papeis», que enchiam pastas, cautelosamente fechadas com aloquête, como se fossem documentos de suma importancia.

«De tempos a tempos eu ia vê-los em segredo, sentia uma doce consolação em contemplá-los e até em retocá-los, aperfeiçoando-os ou aviventando-os mais.

«Por morte de meu pai faltou-me a assistencia espiritual que constitue para mim o que na familia há de melhor. Assim tambem eu convivi com minha mãe, por cartas, por *esquisses*, estando eu em Londres e ela no Rio de Janeiro. E os ultimos anos da vida de meu pai tinham sido uma identificação completa dos nossos pensamentos e vontades.

«Adversario irreconciliavel das ligações conjugais e precisando encher o vácuo da minha alma com alguma parcela de sonho, sem o que — ainda há pouco o disse — não posso existir, lembrei-me de criar uma familia ideal, que enchesse esta casa e o meu coração, que me fizesse companhia, quando eu dela carecesse, e que me confirmasse a opinião de que a vida sem o diálogo das almas é uma sensaboria tormentosa.

«Então pensei que já dispunha de quatro pessoas

para constituir uma familia nas condições que desejava. Essa familia existia dentro do meu coração ou das minhas pastas, apenas era preciso, para que a ilusão fosse completa, corporizá-la com maiores aparencias de vitalidade, dar-lhe vulto, pô-la de pé diante de mim, a dentro da minha casa.

«Cheio de uma audacia e de um entusiasmo que eu mesmo estranhava, comecei a retratar, em corpo inteiro, uma após outra, as quatro lindas mulheres que estão em frente de nós.

«Num inebriante enlêvo eu via ressurgir na tela, de dia para dia, de hora para hora, não a figura inanimada e fria, mas o original redivivo, parecendo-me sentir o calor da sua carne, o hálito da sua boca, a luz dos seus olhos.

«Muitas vezes cuidei que alguma delas — se não todas elas — me agradecia com um sorriso timido e modesto não tanto a homenagem que de mim estava recebendo, como principalmente o culto respeitoso e sincero que eu votava á formosura e gracilidade de todas as mulheres intactas e belas, sem nenhuma intenção reservada de cupidez voluptuosa ou de libertinagem hipocrita.

«Dois anos gastei nesta amoravel empresa, ampliando as aguarelas que eu ia tirando das pastas e que inutilizei depois de pintadas todas as quatro telas, como se rasgam os apontamentos que serviram apenas como elemento de formação para uma obra de maior fôlego.

«Durante esses dois anos, os mais felizes da minha vida, vivi de sonho e de amor, de ilusão e de saudade, sem me preocupar o valor artistico do meu trabalho, que eu sou o primeiro a classificar de insignificante ou nulo.

«Afianço-lhes que o futuro da minha actual existencia é a adoração que a estas mulheres consagro inal-

teravelmente, sempre fiel amante, não tendo esposado nenhuma delas, nem aspirado a desengastá-las do firmamento em que eu mesmo as coloquei.

«Amigos, sinto-me fatigado, mas dou lhes absoluta liberdade para examinarem os quatro modestos paineis, não como obras de arte, porque o não são, mas como estrofes arrancadas á epopeia da beleza feminina e como documentos integrais do meu processo psicologico.

Juca afastou-se de nós para ir sentar-se num dos bancos almofadados que, á maneira dos que se adoptam nos salões de baile, corriam ao longo das paredes.

Nós fomos admirando os retratos um a um, porque realmente eram de mulheres de tipo diferente, mas todas elas esplendidas, dignas de haverem sido escolhidas pelo coração do notavel pintor que Juca ali se revelava, com tanta correção e inexcedivel brilho.

Cada retrato parecia palpitar de flagrante e autentica personalidade.

Julio e eu trocavamos como em segredo as nossas impressões, rapidas frases cheias de interesse discreto.

Era-nos impossivel dizer qual das quatro deidades de Juca seria a mais bela, porque em cada uma havia encanto especial, individualidade de formosura, que a distinguia das outras, sem as vencer, nem ficar vencida.

— Tu não sabes quem sejam? segredei ao Júlio.

— Não, respondeu-me êle. Iria jurar que nunca vi as duas primeiras e a quarta, mas da terceira tenho uma vaga lembrança. Não sei, não sei. Qualquer vaga lembrança...

— A primeira deve talvez ser inglesa.

— Ah! é um perfeito exemplar de raça fina, das

ladies que eu vi em Londres. Mulheres de cabelo preto e olhos azuis.

— Como esta.

— Sim. Ou mulheres de cabelo loiro e olhos pretos. Singularidades do sangue aristocratico: esposas de lordes e baronétes ou filhas de duques, marqueses e condes, ás quais tambem se dá por cortesia o tratamento de ladies.

— Mas então as tradicionais inglesas de olhos azuis e cabelo loiro?

— Isso é vulgar. São todas as misses — todas as raparigas que não são nobres.

— Portanto, estamos diante duma lady.

— Não tenhas dúvida.

— E a segunda. ., que dizes?...

Julio Cesar hesitou.

— Talvez portuguesa... talvez não.

— Do norte da Europa não parece.

— Certamente não é. Mas tão distinta, tão elegante...

— Muito. A terceira supões tu que a viste algum dia...

— Provavelmente há muitos anos.

— E' linda! Raça fina?

— Não sei. Em Portugal as raças finas nem sempre se distinguem, ironizou Julio.

— Até pelo contrário. E a quarta? Não te parece brasileira?

— Iria jurar que o é.

— Tão graciosa! Agora começo a ter ferro de que Juca não complete a sua confidencia com algumas indicações biograficas.

— Poderá ter melindre em fazê-lo.

— Dizer-nos ao menos se vivem ou morreram.

— O que tu querias era saber tudo... e eu tambem.

Sentimos que Juca despertava da sua abstracção.

— Ah! meus amigos, desculpem. Vou acender um charuto na casa de jantar. Aqui nunca fumei. E um charuto é sempre o complemento logico de um momento em que se pensou de mais. Se querem ficar aqui, entretanto, fiquem, que para me demorar menos fumarei um charutinho de entre-acto.

— Nós estamos tão encantados, tão surpreendidos! alegou Julio.

— Temos muito tempo para fumar pelo caminho, reforcei eu.

— Chegarão talvez um pouco tarde a Lisboa, respondeu Juca sorrindo, mas façam de conta que estiveram num baile... onde havia apenas quatro senhoras.

Depois que êle saíu da sala, começamos a observar as *toilettes* dos retratos.

— Artista meticuloso, disse eu, Juca timbrou em que tambem houvesse exactidão nos vestidos e nos enfeites. Feliz ideia a de recolher a primeira impressão nas aguarelas.

Toda a indumentária bastaria a fazer a gloria de um pintor.

— Que leveza e que verdade! apostrofava um de nós.

— Que flexibilidade e maciez! acrescentava o outro.

— Carolus Duran não pintava melhor os estofos.

— Repara como aquelas rendas são translúcidas.

— Se é dificil saber qual destas mulheres seja mais bela, tambem não parece facil decidir qual delas veste melhor.

Julio formulou a sua opinião.

— Quanto a mim, a que prima na elegancia do traje é a segunda.

— Que não sabemos se é portuguesa ou não.

— Se tôr portuguesa, deve ter conquistado noto-

riedade. Eu não me lembro dela em Lisboa, nem seria crivel que eu nunca a tivesse notado.

— Em geral, as grandes elegantes não são da provincia.

— Olha que a elegancia, ponderou Julio, que é a nobreza do porte, parece ser mais um dom natural que um efeito do meio ambiente.

— Do Porto assevero-te que não é, porque ainda hoje conheço as minhas patricias mais gentis.

— Olha a fidalga simplicidade da inglesinha, apontava o Julio. Não te dá vontade de a raptar e fugir com ela no copé do Juca ?

— Eu sempre detestei o rapto, repliquei.

— E por isso nunca raptaste nem te deixaste raptar.

Porque nas aventuras de amor um terceiro é sempre de mais e tu, com certeza, ias roubar-me ao caminho a lady, se eu a tivesse raptado.

— Capaz disso era eu, confessou Julio com bonomia.

Juca voltou contente de ter feito a sua primeira confidencia: é que os segredos do coração tornam-se asfixiante sacrificio quando são longamente represados.

Desabafa-se falando — ao menos uma vez na vida.

Julio Cesar Machado tinha razão. Aqui lealmente o declaro.

XIII

Mary

Dissemos a Juca todas as nossas impressões, com uma sinceridade tão espontanea e cordeal, que pareceu encantá-lo.

Eu mesmo não hesitei em confessar o que, na sua ausencia, havia dito quanto a quaisquer informações, mais ou menos vagas, que pudessemos recolher sôbre a historia daquelas quatro formosas mulheres.

— Não tenho dúvida em revelar onde as encontrei e conheci, por que lhes rendo homenagem e me é grato recordar, entre bons amigos, pela primeira vez, os ternos episodios do meu romance íntimo.

A primeira é inglesa. Vi-a da janela do meu quarto no *Britannia College*, situado num plano mais alto, mas fronteiro ao palacio e parque do conde de Hertford. Eu era um criançola, mas já me atrevia a pôr monóculo, como todos os meus condiscipulos de mais elevada categoria.

Era, da minha parte, uma vaidade de estudante premiado, que os filhos dos lordes toleravam talvez por esse motivo, conquanto eu não fosse nobre como eles.

Lady Hertford, filha primogénita do conde, seria da minha idade.

Vi-a e fiquei estático. Eu ainda não havia encontrado, durante as nossas excursões escolares, uma criatura tão peregrinamente bela, que tivesse descido do Olimpo num berço de oiro para glorificar na terra a orgulhosa aristocracia da Grã-Bretanha.

Ela ali está, fielmente copiada, e digam-me se não era para deslumbrar um moço de quinze anos, que já sentia o que quer que fosse de intuição do belo e de vocação artistica.»

Nós, interessados pela narração de Juca, não ousamos interrompê-lo; limitamo-nos a menear afirmativamente a cabeça.

— Ela assomava a uma das janelas do palacio e eu alimentava um desejo intenso de que erguesse os olhos para o edificio do *Britannia* ou, mais francamente, de que desse tino de mim.

Já quasi me desesperava quando uma vez lady Hertford me viu. Eu pus logo o monóculo. Ela sorriu e voltou a cara. Dali a momentos saiu da janela rindo.

Fiquei vexado e achei prudente retirar-me fechando a vidraça sem ruido: temi que a inglesinha fosse contar ao pai a minha ousadia e que o conde se queixasse ao director do *Britannia*.

Passei alguns dias num tormento, receando que viesse a queixa e se abrisse inquérito.

Eu confessar-me-ia culpado, contaria lealmente os factos, mas repeliria qualquer suspeita de desprimor, qualquer intenção de atrevimento.

E tambem não deixava de me incomodar o receio de que os filhos dos lordes, que pareciam considerar-me, me perdessem o respeito e começassem a fazer troça supondo-me capaz de pretender galantear a primogénita do conde de Hertford.

Mas logo que as minhas apreensões se desvaneceram por infundadas, um insistente desgôsto me preocupava o espirito.

Não me lembrei de retratar lady Hertford no momento em que a vi, nem teria tido tempo para o fazer, ainda quando houvesse ficado menos embevecido.

Passadas algumas horas pus-me a rabiscar de memoria o seu busto, que eu tinha contemplado durante mais tempo, mas a expressão fisionómica não a pude atingir, porque foi alterada por tres modalidades sucessivas e rapidas.

Grande era o meu pesar de não ficar possuindo o retrato dessa admiravel lady, que logo me pareceu ter deixado na minha alma uma funda impressão, talvez indelével.

E cheguei a convencer-me de que nunca mais ela voltaria á janela, que seria a melhor posição para eu a retratar tal qual a vi.

Já depois a tornara a vêr, em maior distancia e situação diversa, passeando no parque a cavalo, acompanhada pela irmã mais nova, pelo professor de equitação e por um velho escudeiro.

Desta vez apenas logrei assimilar o seu perfil de amazona, tão gracioso e galante, mas o que eu desejava possuir era um retrato de frente numa atitude serena e firme, que me permitisse obter a semelhança perfeita.

Ela é discreta, pensava eu, bem discreta, porque nas raças finas a educação supre a idade, e assim foi que não quis ir queixar-se ao pai, mas, para que o facto não possa repetir-se, resolveria abster-se de aparecer em qualquer janela da fachada nobre.

Logo pela manhã eu abria a minha vidraça — costume inglês adoptado por todos os colegiais — e não entrava nem saia sem que do meio da cela esprei-

tasse o palacio do conde, de modo a poder vêr quem chegasse ás janelas sem o risco de ser visto desde que recuasse um pouco.

Tinha sempre á mão fôlhas de papel e varios lapis bem aparados, mas lady Hertford não reaparecia; o meu desgôsto era cada vez maior, inquietava-me a ansia de vê la e retratá-la.

Um dia puxei pela lingua ao criado da minha secção, um velho que tinha muitos anos de casa, e que eu costumava gratificar generosamente.

Falava varias linguas, aprendidas de orelha, mas estimava que preferissemos o inglês, com o que ficava muito satisfeito.

Foi, pois, nesta lingua que eu lhe perguntei:

— Este nosso vizinho conde de Hertford tem muitos filhos?

— Tem só duas filhas.

— Ainda novas?

— Já eu estava ao serviço do *Britannia* quando a mais velha nasceu. Lady Mary Hertford deve ter aproximadamente dezasseis anos, e sua irmã catorze.

— Rica e nobre, não tardará por certo a casar.

— Até já se fala nisso!

— Era de prever.

— Tem um primo ainda mais rico do que ela e o conde leva em gôsto o casamento. E' um rapaz do Turf, que vem sempre a cavalo e que passeia no parque com as primas ou com a condessa. Alto, forte, elegante; o sr. Juca talvez já o tenha visto.

— Não me interessa nada a vida dos vizinhos. Raras vezes chego á janela.

— Pois olhe que nos dias de caçada ou de *steeple-chase* vale a pena observar o aparato das equipagens e a estampa dos cavalos.

Disso não entendo nada, respondi rindo e cortando a conversa.

Tinha sabido mais do que esperava: o nome de lady Hertford e o seu provavel casamento com o primo sportsman.

Raivei o meu bocado, quando fiquei só:

— Casar aquela delicada menina com um homem do Turf, capaz de estimar menos as mulheres bonitas do que os cavalos *pur sang*, é uma brutalidade. Ao cabo de alguns anos, lady Hertford estará emurchecida e desbotada, terá tido três ou quatro filhos e morrerá prematuramente, tuberculosa; se não fôr isto, começará a filhar e a nutrir, ficando tão excessivamente redonda como certas espanholas fecundas. Em qualquer dos casos, o seu casamento será um desastre para ela, para o marido e para mim, que só desejo poder continuar a admirá-la tão bela como as flores do seu parque.

Um dia senti tocar três vezes a sineta do palacio. Estranhei o sinal, porque em geral as badaladas ou eram duas ou uma, e corri ao meu posto de observação, no meio da cela, como julgo ter já dito.

Lady Hertford, seguida pela mãe, veio correndo ao terraço e ficou, encostada ao parapeito de marmore, a vêr o primo apear-se e afagar o cavalo.

Tive tempo para lhe tirar o retrato, de frente, como eu tanto desejava.

A sua expressão fisionomica, se não era apaixonada, era pelo menos alegre.

Aí a temos diante de nós, tal qual a surpreendi então.

Logo que o primo entrou no perístilo, ela aprumou o busto, relanceou a vista pela minha janela e retirou-se correndo atrás da mãe, sem me ter visto.

Percebi que as três badaladas eram um toque especial para anunciar a chegada do primo e que certamente haveria sido lembrado ou autorizado pela condessa.

«Olhando para o retrato, que me pareceu fiel, fique dizendo comigo mesmo:

— Desde que os pais pensaram em a casar com o primo, lady Hertford aceitou o alvitre, porque todas as mulheres entendem que o casamento é uma coisa que elas teem que fazer. E' claro que o primo não lhe repugna; está habituada a vê-lo e até provavelmente se tratam por tu. Ingénua e obediente, ela caminha ás cegas para uma situação que pode ser feliz ou infeliz e que a sua idade não cuida de perscrutar. Mas o homem que mais a tem impressionado, porque lhe causou uma surpresa agradavel, foi o rapaz do *Britannia College*, que a contemplou através do monóculo, lhe arrancou um sorriso e lhe fez perceber, pela primeira vez, como se pode amar uma pessoa que não se conhece e talvez como é bom amar ás escondidas. Pois esse rapaz sou eu e desde hoje fico sabendo que lady Mary me não esqueceu nem talvez esqueça mais, como eu não poderei esquecê-la nunca. Os seus olhos azuis procurando hoje a minha janela, era a mim que procuravam e decerto ela tornaria hoje a sorrir, se me tivesse visto, antes de retirar-se para ir receber o primo. Lady Mary há de recordar-se, pela vida adiante, do rapaz de monóculo, seu vizinho e seu admirador. Eu vê-la hei sempre tal qual acabo de retratá-la, com o seu cabelo negro caíndo sôbre as costas em duas tranças enlaçadas numa só, como todas as *fillettes* elegantes, com o seu virginal vestido branco de três fólhos, com o seu aristocratico cinto doirado, com os seus sapatinhos e meias de uma alvura nitente como as pétalas de magnólia.

Juca fez uma breve pausa olhando com ternura o retrato de lady Hertford.

— Durante a minha educação no *Britannia College*, tive a felicidade de ser estimado por todos os professores, especialmente pelo sr. Córvley, professor

distintissimo, que me honrou com a sua amizade e confiança.

Sempre que saíamos juntos, para fazer qualquer excursão de estudo, iamos conversando pelo caminho e eu, que falava pouco no colegio, não tinha segredos para ele, que me tratava como se eu fosse seu filho.

Um dia contei-lhe o caso do monóculo e de lady Hertford; os sustos e apreensões que eu tivera; como soube que ela estava destinada a casar com um primo; e, finalmente, como tive ocasião de a retratar.

O sr. Córvley pediu-me que lhe mostrasse o retrato de Mary, e eu prometi que lho mostraria quando tornassemos a saír sós.

Assim aconteceu.

Aquele notavel professor disse-me que o retrato era perfeito e que me deveria ser agradavel como recordação da mocidade, mas só isso.

Compreendi o sr. Córvley e apressei-me a certificá-lo de que eu não levaria mais longe a minha admiração por lady Hertford, porque, ainda quando ela quisesse ou pudesse corresponder a qualquer galanteio, eu não o aceitaria. Admirava as mulheres belas como um artista, sob o ponto de vista estético, mas eram justamente essas as que respeitava mais; apreciava-as como obras de arte, convencido de que nunca a natureza fôra mais prodigiosa do que numa linda mulher, que tinha sôbre as flores vantagens indiscutíveis: era dez mil vezes superior ás rosas de maior estimação.

Depois destas minhas palavras, o sr. Córvley pareceu-me mais tranquilo e disse:

— Na aristocracia inglesa, as meninas que, pelo seu nascimento e beleza, seriam outrora dignas da honra do flabelo, podem ter uma inclinação temporaria, mas a reacção do orgulho e da vaidade não se hão de fazer esperar muito tempo.

Perguntei ao sr. Córvley o que vinha a ser «a honra do flabelo».

Ele sorriu e explicou:

— Li num códice muito antigo uma lenda que se obliterou, mas que nunca se me varreu da memoria. Um dos reis da heptarquia anglo-saxonia, homem de genio violento, era excessivo no amor e no ciume, e muito autoritario como chefe de estado.

Escolheu uma noiva formosissima, que, no dia do casamento, deslumbrou todo o povo.

Quando ela subiu ao trono para sentar-se ao lado do rei, foi alvo das mais delirantes aclamações.

Mas, enquanto os actos oficiais decorriam, notou-se que uma teimosa môsca procurava as faces da rainha e nelas poisava indiscretamente.

Nem o rei nem a rainha ousaram quebrar a etiqueta sacudindo a pertinaz môsca, e ainda menos ousariam fazê-lo os altos dignitários, que não deviam subir ao trono, aproximar-se dos monarcas, e, sobretudo, do rosto da rainha.

O noivo estava furioso, remexia-se no sólio e, assoprando, apenas fazia que a môsca levantasse vôo para voltar logo.

Assim que recolheu a palacio, declarou o soberano que não poderia permitir que um insecto se atrevesse a tocar nas faces da rainha, como a beijá-las, o que ele ainda não tinha feito, nem havia de fazer na presença da côrte.

Mas, para que o facto se não repetisse, ordenou que em todas as ceremonias a que a rainha assistisse, se colocassem de um e outro lado da sua cadeira, duas das mais nobres e belas meninas da côrte, as quais incessantemente meneariam ricos flabelos de preciosas plumas.

Fez-se a nomeação, que despertou invejas e ressentimentos entre a aristocracia, conquanto as agracia-

das merecessem plenamente, por seu ilustre sangue e gloriosa formosura, a mercê que receberam.

O mesmo rei as achou tão lindas, que fez delas suas amantes, e tanto se escandalizou a rainha, que imediatamente suprimiu aquela disposição protocolar.

O sr. Córvley concluiu, dizendo-me:

— Eu tirarei daqui a ilação de que a nobreza britanica repudiou a frase — menina do flabelo — mas que ainda não baixou o orgulho da estirpe e da formosura em todas aquelas meninas que poderiam ter direito a tamanha honra, se o costume subsistisse na côrte da Grã-Bretanha.

— Bem entendo, sr. Córvley. Mas pode crêr que uma disposição natural do meu espirito faz que eu aceite sem constrangimento a sua judiciosa ilação.

No decurso de alguns meses tornei a ver lady Mary, quando ela vinha ao terraço esperar o noivo sózinha (o que indicava que o casamento estava próximo); quando passeava no parque a cavalo ou quando saía de carruagem com a mãe. Observei que em qualquer daquelas ocasiões ela não deixava de olhar, com subtil disfarce, para a janela do meu quarto, especialmente enquanto esperava, voltada para o *Britannia College*, que a condessa subisse á carruagem. De nenhuma das vezes me viu.

Mas o que é certo é que eu sentia um inocente prazer em vê-la.

Certo dia de inverno, muito frio, estando a estudar, ouvi risadas que deviam partir do terraço do palacio Hertford. Espreitei e vi que Mary, com a irmã e mais três amigas, se aqueciam alegremente, jogando a pé, numa luta de agilidade britanica, o jogo *da rosa*.

De repente Mary, querendo fugir, foi de encontro a uma das companheiras, e escorregou soltando um ai.

Escapou-se-me dos labios um grito de compaixão

e ternura. Creio que me aproximei um pouco da janela, sem saber o que fazia.

Mary, logo rodeada pelas outras meninas, ergueu-se com facilidade, sorriu para se mostrar restabelecida, mas os seus olhos volveram-se com firmeza para a minha janela, da qual eu me havia afastado.

Conclui o curso do *Britannia*, preparei-me para a viajem de reeducação e tinha pressa em partir antes de realizar-se o casamento.

Felizmente, assim aconteceu.

Deixei Londres levando na minha alma duas recordações insistentes e fortes — a de lady Mary e do sr. Córvley.

Cortei a viagem chamado ao Rio por motivo do falecimento da minha querida mãe, fui depois para Coimbra e se lá outra mulher me impressionou, devo dizer que nunca dentro de mim se apagou a imagem de lady Mary e ela, nem então nem depois, perdeu o seu lugar no altar em que eu a havia colocado para adorá-la.

Será assim o coração dos outros homens? Não sei. O meu era, e estes quatro retratos, se me não justificam, pelo menos o demonstram.

Fui ao Brasil buscar meu pai, acompanhei-o a París, e lá me demorei com ele durante todo o seu tratamento.

Eu entretinha-o ás noites lendo-lhe romances. De uma vez comprei dois de Camilo num dos alfarrabistas do cais da Ponte Nova.

Num desses romances, que descrevia costumes burgueses do Porto em tom faceto, inexcedivel de humorismo, encontrei, com surpresa, uma pérola de sentimento.

Eu já sabia que o grande escritor era inigualavel na rapida transição da ironia para a sentimentalidade.

A minha surpresa teve por base o facto de encon-

trar um incidente emocionante onde menos ele se podia esperar, por ser completamente estranho á acção do romance.

Conservo na memória a passagem a que me estou referindo e os meus amigos, ouvindo-a, hão de por certo reconhecê-la.

Ora oiçam:

«Eu conheci um homem de quarenta anos nas abas da serra de Mesio, em Trás os Montes. Era triste, inalteravelmente triste, como o pai amantissimo que contempla um filho morto. Perguntei-lhe o segredo da sua tristeza. Respondeu-me assim com esta singela melancolia: Há vinte anos que eu vi numa procissão em Vila Real uma menina de quinze anos, ou pouco mais, vestida de Santa Maria Madalena. Fiquei a scismar com esta menina, e nunca mais fui bom; perdi a minha alegria; e por mais que faça, em eu querendo espalhar a minha tristeza, vem logo a imagem, que eu vi há vinte anos, apertar me o coração.

— «Era muito linda?

— «Como as estrelas do céu! respondeu, e limpou as lagrimas.»

Meu pai comentou esta passagem dizendo:

— Isso não é natural.

Eu não pude deixar de replicar-lhe:

— Desculpe, papai. Não será vulgar, mas é natural. Unicamente eu tenho que fazer algumas observações ao texto.

— Dize lá quais são. Gosto de ouvir-te.

— Camilo estabelece a doutrina de que o homem culto desabafa as suas paixões exprimindo-as, e o analfabeto, o rude montanhês, oculta as suas recalcando-as dentro de alma num silencio prolongado. Eu creio que muitos homens cultos, com excepção talvez dos poetas e de alguns pintores, fazem segredo das emoções intimas que os delíciam ou atormentam.

Admito a possibilidade de que as confessem confidencialmente a um amigo seguro, para não morrerem estrangulados por uma longa asfixia moral. Mas esta mesma hipótese se realizou no homem inculto, que se abriu com o romancista revelando-lhe uma paixão que durou vinte anos e que lhe deu ocasião a encontrar um alivio nas lagrimas que nesse momento chorou.

— O romancista, disse Francisco Alves, foi mais longe do que devia, generalizando. Há, em verdade, muitos homens que de si mesmos falam pouco, ao passo que os poetas quase sempre nos contam os seus desgôstos amorosos. Nisso tens razão, mas eu só desculpo a confidencia quando não possa envolver a honra da mulher amada.

— Pois claro. Se envolver, deverá chamar-se infamia. Onde eu encontro a rudeza do serrano de Trás os Montes é na confissão de que o seu amor purissimo o fizera mau. O amor honesto purifica o homem culto, eleva-lhe e cristaliza-lhe a alma, fá-lo melhor do que era. Eu quero apenas lembrar os exemplos historicos de portugueses que, feridos pelo amor, se amortalharam em vida no hábito monástico e nunca mais voltaram ao mundo. Feitos estes reparos, continúo a crêr que o facto de um homem se apaixonar toda a vida pela mulher que uma vez encontrou e que nunca mais tornou a vêr, é natural, ainda que não seja vulgar. Eu tambem poderia citar algum exemplo. E deixe-me dizer-lhe, papai, que não acho nesse facto um suplício, um tormento infindavel. Antes me parece que será deliciosa a viagem da existencia ao lado de uma encantadora criatura, que ninguem mais vê e que nós não deixamos de ver nunca.

— Nós! disseste tu, estranhou Francisco Alves.

— Nós, é uma maneira de dizer, respondeu Juca

serenamente; é um hábito que se adquire nas escolas ouvindo os professores falar sempre no plural.

Ele voltou-se para Julio e para mim, como dando por finda a narrativa do seu idílio espiritual com a inglesinha.

Eu não resisti a fazer lhe uma pergunta:

— E v. ex.ª nunca mais tornou a vêr lady Mary?

— Nunca mais.

— Ignora, então, o seu destino?

— O sr. Córvley, que morreu septuagenario, e com quem mantive sempre amistosa correspondencia, notificou-me espontaneamente, numa das suas ultimas cartas: «Se o meu caro Juca visse agora lady Hertford não a reconheceria. Teve cinco ou seis filhos, está rija e magra como acontece a tantas outras inglesas, mas não conserva um unico traço fisionómico da mocidade.»

Juca rematou sorrindo:

— A desilusão é toda para o marido; para mim não, que ainda a vejo naquele retrato tal qual era, bela e galante, como nos dias longinquos da sua primavera de mulher.

Julio Machado, olhando a tela, resmoneou, como se estivesse pensando alto:

— Uma inglesa rija e magra, santo Deus!

XIV

Raquel

Juca, apontando para o segundo retrato, disse-nos:

— Aquela era Raquel Nazaré, de Coimra. Já tinham ouvido este nome?

Julio Cesar fez um sinal negativo.

Eu respondi que a alguns estudantes da Universidade, que na passagem pelo Porto se demoravam ali dois ou três dias, ouvira por vezes fazer-lhe referencia.

— E o que diziam eles?

— Que Raquel Nazaré deixara uma tradição de beleza, de candura e de elegancia.

— Ah! meus amigos, reparem bem no retrato, que está fiel, e ele lhes afirmará que a tradição é verdadeira. A sua beleza e elegancia, quando ela com a mãe e a irmã apareciam em público, deslumbravam a academia. Os rapazes faziam-lhe alas e cumprimentavam-na. Ela agradecia com um sorriso modesto e complacente. Da sua candura falam os versos maviosos de João de Deus, que eu logo recordarei.

A fita, o véu, uma flôr que ela pusesse davam a moda ás outras senhoras de Coimbra, tanto fôra o

seu prestígio numa terra onde em geral as senhoras vestem bem. Pertencendo a uma familia respeitabilissima, a familia dos Nazarés, recebêra, como a irmã, uma educação primorosa, pautada pelos sãos principios da moral, da dignidade e da mais conveniente cultura do espírito.

Juca não exagerava. Muitos anos depois, eu tive ocasião de o verificar, pelo testemunho de um antigo estudante, natural do Brasil.

Permito-me interromper a narrativa de Juca transcrevendo algumas palavras que constituem o depoimento do dr. Antão de Vasconcelos:

«Nessa época havia em Coimbra uma beldade por todos admirada como beleza fenomenal, não só pela correcção das linhas, como pela elegancia e magestade do porte.

«Era encantadora a Rachel Nazareth!

«Quando a Academia a encontrava nos seus passeios, batia-lhe as capas com entusiasmo e essa continencia rasgada era sempre seguida do murmurio que a sua beleza arrancava aos seus adoradores. Ela agradecia com ligeira inclinação de cabeça, dispensando-lhes o mais ameno dos seus sorrisos: era a magestade da beleza correspondendo á homenagem dos seus vassalos.» [1]

Reato agora a narrativa de Juca.

— Logo que me aproximei de João de Deus notei o alto apreço em que êle tinha Raquel, sem contudo perceber se era de consciencioso admirador ou se o alimentaria um discreto sentimento amoroso.

Os factos não tardaram a convencer-me de que João de Deus era apenas um admirador sincero.

Fôra o caso que Raquel, tendo adquirido um álbum,

---

[1] *Memorias do Mata-Carochas*, pag. 114.

o fizera chegar ás mãos do poeta, que era então o primaz da academia, pedindo-lhe que o estreasse.

João de Deus começou a desenhar na primeira página uma cabeça de Cristo, mas com a sua costumada negligencia e preguiça deixou o trabalho em meio.

Não teria assim procedido se fosse um namorado assiduo ou carinhoso.

Raquel instou pela devolução do álbum e o poeta mandou-lho tal como estava.

Ela insistiu solicitando a conclusão do desenho.

João de Deus, a quem o amor não obrigava e a indolencia perseguia, apagou a cabeça de Cristo e no mesmo lugar escreveu a lapis: «Surrexit, non est hic».

Estas excentricidades não eram propositadas, mas involuntarias flutuações do seu genio facilmente acessivel a impressões variadas e até opostas.

A familia Nazaré vivia tranquila e estimada e as duas irmãs nunca foram namoradeiras, mas toda a gente sabia que a côrte dos seus admiradores era numerosa e distinta.

Quando eu vi Raquel pela primeira vez — disse Juca, numa funda evocação de saudade — senti-me arrebatado como diante duma bela estatua que representasse a Formosura.

Não se apagara no meu espirito a imagem de lady Mary, mas compreendi que o meu coração era mais do que um altar onde já estava deificada a linda inglesinha, era um templo onde podiam caber todas as lindas mulheres que eu admirasse.

Mas se a filha do conde de Hertford me recordava o ambiente social em que eu a vi, e que ela tão perfeitamente personificava pela raça e pela classe a que pertencia, se era para mim a mais bela flôr da Grã-Bretanha, Raquel, florescendo num meio intelectual de doutores e de poetas, numa antiga cidade

lusitana, e levando a palma a todas as suas patricias, dava-me um encanto bem diferente, o encanto da mulher meridional, filha de outra raça, de outra nacionalidade, de outro clima, e os glóbulos de sangue português que me correm nas veias pareciam entoar um hino em louvor dessa aclamada deidade do ocidente, que falava a mesma lingua que eu.

Raquel, não tendo um palacio nem um parque, não tendo pergaminhos, nem dote, não correndo a cavalo nem jogando o jogo da rosa, valia apenas pela sua beleza radiante, pelo seu sorriso honesto e porte grave, mas, desde a margem do Mondego até ao cabeço da Universidade, não haveria ninguem que lhe recusasse vassalagem.

Assim, pois, o meu coração não estranhou quando a viu entrar nele para defrontar-se, sem rivalidade, com lady Mary, e o meu culto foi tão intimo, tão silencioso para Raquel como aquele que eu consagrava á loira e aristocratica inglesinha.

O proprio João de Deus, que muito apreciava Raquel, me nomeou os estudantes que a requestavam, um dos quais era o brasileiro Gabriel Bustamante e se riu da ciumeira em que eles andavam, como os valentões de arraial que se pegam á conta de uma bonita cachopa, ameaçando-se e odiando-se; «e, dizia ele, julgo os seus esforçados campeões incapazes de compreender que a linda Raquel não é mulher que se conquiste a murro. Eu não me atreveria a pretender conquistá-la nem com o meu melhor soneto.»

Ouvindo isto, mais uma vez me capacitei de que a minha alma tinha alguma afinidade com a de João de Deus na maneira de sentir; não, infelizmente para mim, na maneira de exprimir o que sentia.

Ele entenderia perfeitamente o sentimento casto, direi mesmo etéreo, que Raquel me inspirava, mas nunca lho revelei, nem a ninguem.

Eu amava-a muito mais que todos os seus pretendentes, mas quem estava em evidencia não era eu, eram eles.

Dar nas vistas constitue a ambição de certos homens, que se envaidecem de possuir o cavalo, o cão, a mulher que os outros lhe admiram e invejam.

No cortejo de Raquel havia alguns desses homens, alguns pelo menos, e eu cheguei a aborrecê-los, direi mesmo — a detestá-los.

Propunham-se conquistar-lhe as boas graças por ela ser a mais bonita, a mais elegante, a mais distinta menina de Coimbra, e não por que lhes inspirasse maior amor que muitas outras que eles já tinham cubiçado ou haviam de cubiçar ainda.

O casamento é para todas as mulheres uma cartada incerta, especialmente para as formosas, porque são justamente estas as mais perseguidas e disputadas e a preferencia torna-se-lhes dificil pelo embaraço da escolha.

A feia, se encontra um pretendente, aceita-o para não perder a ocasião.

Eu tinha um vago pressentimento de que os «valentões de arraial», como lhes chamava João de Deus, haviam ainda de dar escândalo em Coimbra e ser motivo de desgôsto para a bondosa e ingénua Raquel, um anjo, como a academia a classificava.

Um dia — pensava eu — matam-se uns aos outros, porque era notorio que todos andavam armados, e Raquel, sensitiva mimosa, chorará algumas lagrimas por ser a causa involuntária da tragedia.

Amigos, a minha impressionabilidade poderá talvez ser exagerada, não faltará quem assim o pense, mas é tão penetrante como a das pitonisas, que os poetas romanos celebraram: adivinha, pressente o futuro.

E esta estranha faculdade duplica-me as amarguras da vida, porque as vejo antes e as sinto depois.

O que eu previa realizou-se.

Então nos historiou Juca aquele bravio conflito entre três estudantes que o leitor já conhece, e do qual resultou ficar ferido Gabriel Bustamante e serem perpetuamente riscados da Universidade Manuel Vaz e Teixeira Maciel.

— Aquela noite de março de 1853, continuou Juca, foi pavorosamente sensacional em Coimbra.

Eu tinha passado as férias do Natal na terra de meu pai, em casa do Sales, aluno premiado de teologia, e viera de lá muito preocupado por motivo de negocios de familia, que lá procurei esclarecer, na presença de parentes.

Regressando a Coimbra sentia-me entediado e abatido, se bem que procurasse tranquilizar o Sales a meu respeito.

Enquanto eu atravessava esta crise moral o conflito de Coimbra explodiu.

A impressão que ele nessa mesma noite me causou foi esmagadora, porque, á hora em que se ouviram os tiros, estava eu procurando serenar o meu atormentado espirito no enlevo de vêr surgir-me dos dedos uma cópia feliz do retrato de Raquel, que poucos dias antes, na igreja de Santa Cruz, apenas havia conseguido esboçar meio oculto num desvão escuro.

Eu reconhecia que aquela linda figura de mulher, cuja perfeita semelhança me contentava, era um bálsamo divino derramado sôbre os meus desgôstos intimos para ungi-los e mitigá-los.

E, aguarelando o retrato na solidão do meu quarto, bem fechada a porta, eu via supersticiosamente em Raquel o anjo que viera suavizar a minha crise de aborrecimento, trazendo-me realmente do céu um lenitivo consolador e providencial.

Ainda creio que a paixão ideal que a formosa conimbricense me inspirou haveria sanificado a minha alma,

tão doente quando regressei a Coimbra, se eu pudesse continuar contemplando placidamente a sua figura, todas as noites, na solitude e no silencio do meu quarto, antes de compulsar os prosaicos livros de Direito.

Mas o Sales, que recolhia a casa para estudar, batera-me á porta, açodado:

— O' Juca, abre, abre, que tenho muito que te contar.

Fiquei alvoroçado, escondi o retrato com a rapidez e avareza com que Harpagão escondia o seu tesouro.

— Abre, abre.

As pernas tremiam-me, o coração palpitava desordenadamente, todo o meu receio, quase pressentimento, era de que a noticia do Sales me pudesse molestar ainda mais.

Ele entrou alarmado e eu, firmando-me a custo, esperei a sua revelação, parecendo-me que esse momento fôra muito longo.

— Sabes? Grande escândalo em Coimbra! Não ouviste tiros?

— Talvez, titubiei indeciso.

— O Manuel Vaz...

Ouvindo este nome, estremeci.

— O Manuel Vaz e o Teixeira Maciel fizeram uma espera ao Bustamante na rua das Fangas.

— Houve mortes?

— Bustamante, que se defendeu em quanto pôde, ficou ferido. Ainda assim, foi o menos que podia resultar daquele rijo *salseiro*.

— Espera-lhe pela volta, balbuciei apreensivo.

— Mas o escândalo foi medonho. Não se fala de outra coisa. Os rapazes vestiram-se á futrica e andam colhendo informações.

Houve um silencio. Sales esperava talvez que eu lhe perguntasse a causa. Continuei calado, atónito.

Então foi ele que a abordou:

— Tenho sincera pena da familia Nazaré, gente boa, gente séria, que vai por certo incomodar-se com este acontecimento, especialmente a Raquel e a irmã.

Intervim impetuosamente:

— Que culpa podem elas ter num conflito de estudantes brigões, que se perseguem uns aos outros sem respeito nenhum pela tranquilidade de duas meninas que vivem dignamente com seus pais, como toda a cidade reconhece?

— Não há duvida, concordou Sales. Mas o certo é que os seus nomes andam a esta hora na boca da academia, não para os abocanhar, porque elas a isso não dão aso, mas por serem o motivo da rivalidade entre os contendores.

— Ah! citam-lhes os nomes, retorqui exasperado, e calam, talvez por cobardia, os nomes dos estudantes que trazem para a praça publica a liquidação dos seus odios pessoais.

— Ninguem os cala, e há uma corrente de animosidade contra o Manuel Vaz, por ser o provocador.

— Meu Sales, eu receio o que possa ainda acontecer. Não falemos mais do caso. Vamos estudar. Boa noite.

O que é certo é que não pude abrir um livro, não poderia entender o que lesse, nem pude conciliar o sono.

Estava certo de que esse conflito louco desgostaria profundamente Raquel e que a sua alma delicada sofreria tanto quanto muitas outras mulheres se envaideceriam de ter sido o pomo da discordia entre estudantes aceitaveis para maridos.

No outro dia não fui ás aulas, sentia-me nervoso, indolente, e além disso queria livrar-me de ouvir as parlendas, os comentarios, as criticas da rapaziada.

Passei algumas horas contemplando o retrato de

Raquel com um tão melancolico enternecimento como o que experimentava sempre que tinha diante dos olhos o retrato de minha mãe.

E não sei dizer porque, eu associava-as num infortunio, que não era semelhante, mas que se me afigurava igualmente cruel e profundo.

O Sales, quando veio da Universidade, estranhou a minha falta ás aulas e contou que as janelas da familia Nazaré estavam fechadas como num dia de luto.

Fiz esforço para não abandonar a Universidade, por mo pedir com fervorosas instancias o Sales, mas reconhecia-me intratavel, quase estúpido, como que prostrado por um vendaval que me houvesse abalado a alma e o corpo, a alma principalmente.

Tinha uma ansia insaciavel de quietação num êrmo, dava longos passeios por sitios desertos, mas, antes de sair da cidade, passava á porta das Nazarés, que moravam num predio de esquina entre a rua da Sofia e a rua do Carmo, em frente d'um antigo colegio.

As janelas conservavam-se lutuosamente cerradas.

Quanto essa voluntaria reclusão, em que a formosa Raquel empalidecia, me contristava...

Fiz logo tenção de não ir a acto, porque me aborrecia a Universidade, me aborreciam os compendios, os lentes, os estudantes. Fazer acto seria ter que transigir com todos eles. Não poderia suportar tamanho sacrificio.

Vindo as férias, a população academica ausentar-se-ia. Eu ficaria só e livre. Veria os sitios que me falavam de Raquel, a igreja de Santa Cruz, a sua casa, as pedras da Sofia que ela tão galantemente pisava.

Acompanharia o transito pundonoroso do seu Calvario, procurando captar informações e surpreender indicios da sua vida de desgôsto, do exilio a que ela

mesma se condenára numa cidade que sempre a tinha aclamado rainha da beleza e da elegancia.

Lembrei-me tambem de que eu proprio poderia suavizar-me a solidão de Coimbra com algumas fugidas para o Buçaco, onde a solidão seria talvez mais doce e consolativa — por ser mais alpestre.

Mas não tive coragem de comunicar o meu plano ao Sales. Fal-o-ia á ultima hora, quando não houvesse remedio senão confessar-lho.

Aproximavam-se as férias e eu, que não gostava de ouvir os indiferentes referirem-se a Raquel, fui de proposito a casa de João de Deus, para que ele, que a compreendia, falasse dela, dissesse o seu nome, contasse o poema da sua dôr com o alto apreço, talvez agora ainda maior, que sempre lhe tributava.

Quando entrei, João estava deitado sôbre a roupa da cama. Na sua modesta mesa de trabalho que ele, por distracção, esculturava a canivete, vi aberto um livro de largas folhas, em que fiz reparo.

— E' o álbum da Raquel Nazaré, explicou o poeta, num tom de voz emocionado.

— Voltou cá! notei eu com surpresa.

— Requeri eu que voltasse para desfazer qualquer possivel equivoco resultante de alguma esquisitice minha. A pobre Raquel bem precisa de quem lhe diga palavras de consolação, visto que ela, a irmã e os pais tanto se preocupam com os resultados de uma briga pela qual nenhuma responsabilidade lhes cabe.

— Meu caro João de Deus, retorqui eu, mas de uma briga tão desastrada, que suscita longinquas referencias ao nome de duas senhoras exemplarmente dignas.

— Da parte delas acho um escrúpulo talvez excessivo. Você não acha? Toda a cidade lhes faz justiça, objectou João de Deus.

— Alfredo de Vigny disse algures: «L'honneur c'est

la pudeur virile». Ora o pudor é a honra das mulheres e por isso repele indignado qualquer desacato que de longe ou de perto o magôe.

— O peor é que a pobre Raquel parece que está muito doente.

— Como assim ?!

— E' o que se diz. Doente do espirito, o que importa uma consequente ruina fisica.

— João! Você deixa-me ler o que escreveu no Album ?

— Leia. Mas veja lá que a tinta já esteja sêca. Leia de rijo, que eu nem revi.

A minha voz soava trémula.

Dir-se-ia que eu estava fatigado, tamanha era a comoção com que fui lendo:

ORAÇÃO

No album de Rachel

Olha por ela tu, dos ceus que habitas
Do mundo oh Creador!
Ampara o lirio delicado e fragil,
Ampara a debil flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Soes sem conto, dos ceus,
Ela baixou á terra, estrela tua,
Anjo dos anjos teus.

Exalaste-a do seio á terra ingrata
Num suspiro de amor:
Ou na terra a protege, ou sobre nuvens
Volva a teu seio, Senhor!

Não permitas que a dor seus labios murche,
Senhor, que és Deus e pai!
Senhor, a cujo halito vacila
O mundo, e o cedro cái.

Ah nunca os olhos seus lagrimas turvem
De acerba anciedade,
Nunca, Senhor, por ti! que em sóes te firmas
Dos ceus na immensidade.

Se o raio que as nuvens sobre nós disparam
Veloz rasgando os ares
A' voz tua, bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos mares;

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive
A luz mandas, oh Deus!
E saudoso no ceu, na gloria esperas,
Bom Pai, os filhos teus;

Do mundo oh Creador, que o mundo abranges
Dentro em tua clemencia,
Ampara o lirio delicado e fragil,
Protege a innocencia.

— Belo! exclamei com a voz quase sumida.

E não sem esforço pude repetir convictamente, associando a minha fé á prece de João de Deus:

Ampara o lirio delicado e frágil,
Protege a innocencia.

Depois que principiaram as férias e a solidão das noites era pouco menos que caliginosa, eu, como um viajante perdido numa cidade deserta, errava ao acaso pelas ruas mal iluminadas a azeite, como se levasse os olhos fechados, e inconscientemente passava muitas vezes á porta de Raquel, desejando e temendo ouvir a sua voz soltar um gemido.

Quando me recolhia, já repontava a aurora. E os primeiros clarões do dia nascente chamavam-me á realidade dos factos, mostravam me a situação de abandôno em que a minha alma deliquescia e a amargura daquela linda rapariga que eu amava, sim, por-

que muito a amava, e que desejaria poder salvar a peso de ouro. Eu fugia da luz que diz verdades crueis, fechava as janelas, deitava-me fatigado e caía num sono crasso.

O despertar era-me sempre torturante e algumas vezes já não fugia da luz, fugia de Coimbra para o Buçaco, onde encontrava árvores que me cobriam de sombra carinhosa, uma sombra cristã como a alma dos antigos e virtuosos carmelitas, que talvez se apiedassem de mim rogando a Deus algumas horas de paz para o meu espírito atribulado.

Amigos, tive de partir inopinadamente para o Rio de Janeiro e entretanto o «lirio delicado e fragil», a formosa Raquel Nazaré pendia para o tumulo, conquanto os medicos tivessem ainda a esperança de vencer a afecção moral que a prostrava.

Mas enganaram se, porque os medicos conhecem doenças, não conhecem almas.

Com vinte e dois anos, Raquel faleceu.

E, pouco depois, sua mãe morria de saudade, poderei talvez dizer que morria da morte da filha.

Toda a cidade de Coimbra se consternou e João de Deus inspirou-se dessa ingente catástrofe na poesia *Rachel*, dedicada a D. Candida Nazaré, que em breves dias perdêra a irmã e a mãe:

> Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
> Guiando-se uma á outra á sepultura.
> E a mãe: «Rachel! Rachel!»

Esta elegia de João de Deus é como o pranto de oiro de uma lira casta chorado sôbre as cinzas brancas de uma criatura angelica.

— Mas essa criatura vive ali, perorou Juca, apontando para o retrato.

Realmente, Raquel Nazaré parecia viver ainda na

galanteria antiquada da sua elegante e sóbria *toilette :* chapeu de palha de Italia em feitio de touca; vestido de musselina côr de rosa com dois folhos; mantelete de rendas pretas; e, mais que na *toilette,* na frescura das faces, na doce, insinuante candura dos olhos e do sorriso, no garbo ondeante de todo o seu vulto.

XV

Natividade

— Eu tinha no Buçaco — prosseguiu Juca pouco depois — um poiso habitual entre o convento e a fonte de Santa Teresa: um recanto de boa sombra, especie de gruta de folhagem, em que me ocultava por detrás de uma cortina de frondes.

Ali passava horas cogitando nos meus segredos intimos, nos casos misteriosos da minha vida, aliás quase tão inocente como a vida de uma criança.

Ali me aparecia muitas vezes a imagem dolorida de minha mãe, que se abraçava em mim, chorando e dizendo: «Filho, perdôa-me ter-te gerado, porque tu herdaste a melancolia e o sonho de que nunca pude libertar-me.»

Ali via debruçar-se sôbre mim a figura alquebrada de meu pai, que me segredava compungido: «Filho, extenuei-me trabalhando, enriqueci e não pude comprar a felicidade que eu tanto ambicionava para tua mãe, para ti... para nós três.»

Surgia-me a cada passo aquela linda criatura a que eu chamava «a visão de Hertford» e que me déra porventura o primeiro sorriso furtivo da sua vida quando me surpreendeu a contemplá-la. Eu não po-

dia esquecê-la. E estava convencido de que ela jámais esqueceria o rapaz de monóculo que tão ingenuamente a admirava encantado.

Depois, ou ao mesmo tempo seria, perpassava deante de mim Raquel Nazaré, a desolada Raquel, convencida talvez de que a beleza das mulheres é um dom funesto, porque atrái a atenção dos homens que são violentos ou pelo menos imprudentes. E via-a ir caminhando para o tumulo, vestida de branco como as virgens, e ouvia os medicos dizer que não sabiam curar as apreensões infundadas, nem os melindres imaginarios.

Eu costumava levar para o Buçaco algum livro que me permitisse suster de vez em quando a torrente dos meus pensamentos; livro de amor quase sempre, que pudesse conjugar-se com o estado da minha alma, essencialmente amorosa e triste.

Lembro-me muito bem do dia em que levei uma obrazinha em prosa que eu já lêra e relêra, mas que nunca me aborrecia ler. Era o *Livro de Elysa*, producção de João de Lemos, de que corriam algumas cópias, porque depois que saíra na *Revista Academica* não tornara ainda a imprimir-se. [1]

Eu achava no misterio, que o nome de *Elysa* velava, alguma coisa que me fazia lembrar de mim mesmo: tambem eu, como o poeta, guardava cuidadosamente o nome das mulheres que me apaixonaram.

João de Lemos dizia:

«Elysa! é com este nome que me apraz escrever-te, porque uma imprudencia, um acaso natural da minha vida de mancebo podia revelar com o manuscrito a palavra sacramental do meu segredo.»

[1] E' exacto. Só anos depois, em 1869, foi que appareceu uma separata.

Não era eu, pois, o unico homem que fazia segredo do amor. Um poeta, já então consagrado, pensava do mesmo modo, e tão boa companhia lisonjeava-me.

Estava repassando mais uma vez a descripção de Coimbra, feita por João de Lemos, quando senti ali perto um rir cristalino e fresco. Olhei e vi duas raparigas bem vestidas, que voltavam costas, sem que eu soubesse ao certo se ririam de me ter visto como que fechado dentro de uma gaiola viridente, ou se me não teriam visto e iriam rindo por outro motivo.

Reparei que uma era mais alta do que outra e que passeavam de braço dado, muito á vontade, como pessoas provavelmente habituadas a excursionar na Suiça.

Não me despertaram nenhum interesse.

No dia seguinte voltei ao meu pouso com um pequeno álbum em que eu desenhava qualquer aspecto da floresta ou me entretinha a fazer de cór os retratos de minha mãe, de lady Mary, de Raquel, de meu pai, de minha avó, do sr. Córvley ou da *Pretinha*.

A's vezes sucedia ocorrer-me nessas reedições algum pormenor de fisionomia ou de atitude, que eu reconhecia haver-me escapado anteriormente.

E ficava satisfeito sempre que me acontecia isso.

Todo entregue ao meu álbum, não dei tino de se haverem aproximado as mesmas duas senhoras da véspera.

Fiquei surpreendido quando a mais alta se dirigiu a mim perguntando:

O sr. é pintor, pois não é?

Fechei o álbum, levantei-me e respondi sóbria mas cortêsmente:

— Não, minha senhora; sou estudante.

Mas a dama, muito branca e com uns lindos olhos pretos, rapariga talvez de dezoito anos, não tardou a fazer-me um pedido bem pouco ceremonioso:

— Deixa-me vêr o seu álbum ?

Por todo este desembaraço entendi que a minha interlocutora era de Lisboa e talvez da grande roda, onde cuido que são frequentes estas facilidades de tratamento.

Constrangido, respondi serenamente :

— Sinto muito ter que dizer a v. ex.ª que o meu álbum em nada a pode interessar.

Ela riu, e a sua companheira tambem, logo replicando :

— Pela primeira vez na minha vida me recusam um favor pedido cara a cara. Olhe que fico bem zangada.

Inclinei a cabeça e abri os braços como pedindo desculpa.

Ela apertou um dedo á sua companheira, rapariga pouco elegante, algo nutrida, figura quase nula e voltou á carga :

— Não imagine o sr. que se descarta de nós com uma simples desculpa. Queira dizer-me : Declarou não ser pintor, mas creio que não ousará negar que estivesse desenhando quando nós chegamos.

— Nem quero negá-lo.

— E era um retrato.

— Talvez fosse.

— Bem. Nesse caso, espero que me não recuse segundo favor e que ainda seja possivel ficarmos reconciliados.

— Em nada ofendi v. ex.ª.

— Era o que faltava ! Mas desculpas são desculpas. Eu desejo que o sr. me tire o retrato.

— E serei eu capaz de o fazer ?

— Ver-se há.

— Ah ! minha senhora, hoje não posso demorar-me aqui.

— Mau ! Isso é uma evasiva.

— Mas voltarei ámanhã.

— Já sei que não volta.

— Peço perdão...

— Sempre tenho ouvido dizer que estudante... tratante.

— Se v. ex.ª continúa nesse tom, sou capaz de praticar uma vingança terrivel.

— Qual ?

— Retrato-a muito feia.

— Se houver semelhança, que lhe hei de eu fazer? Tu, Adelina — disse voltando se para a companheira — sentenciarás a favor dele ou contra ele, imparcialmente.

— Desde já dou por suspeito o juiz, disse eu amenizando a frase com um sorriso.

— Bem. Amanhã não faltamos.

E estendeu-me a mão direita por cima de uma rocada de folhas verdes: era fina, macia e pequena.

Eu fiquei a pensar nesta audaciosa abordagem, neste arrogante diálogo e nesta mulher desconhecida, que me punha a faca ao peito, imperativamente, talvez por mau genio, talvez por orgulho de raça ou de classe e, quem o saberia? talvez por ambas as coisas ao mesmo tempo.

O tom agro das suas frases e da sua voz diminuiu até certo ponto a boa impressão que me fizeram as suas faces de uma brancura de luar, tão frequente nas raças finas, os seus olhos negros e travêssos, a pele setinosa e tépida da sua mão.

Porque eu sempre aborreci as mulheres de mau genio que me irritam tanto como o vendaval.

Creio que elas são um erro, uma antinomia da natureza, porque rebaixam o seu sexo tornando-o desagradavel, e porque perturbam a vida dos homens em vez de suavizar-lha.

Xantipe, a esposa de Sócrates, é o tipo classico da

mulher irritante. Com razão nota Heine que em tal companhia pode espantar-nos que Sócrates tivesse ideias; mas que devemos reparar em que não deixou obra nenhuma.

A mulher de mau genio é um dos mais crueis precalços do casamento; torna o lar conjugal num inferno e envenena dia a dia, hora a hora, a vida do marido, dos filhos e dos criados.

Teria realmente a minha interlocutora mau genio? Se tivesse, eu trataria de evitá-la, ainda que fosse rudemente.

As duas amigas voltaram ao outro dia. Como na vespera, a mais alta estendeu-me a sua mão, tão fina que parecia escapar-se-me entre os dedos.

— Eu vinha para tirar o retrato, disse-me ela, sorrindo com familiaridade.

Vagarosamente, abri a minha pasta e tirei de dentro um oitavo de papel Whatman: era o *croquis*.

Ela, muito surpreendida, recebeu-o com sofreguidão e Adelina, a sua companheira, pôs-se em bicos de pés para o examinar.

Na fisionomia de ambas perpassou um sorriso de agrado ou de aplauso.

Eu conservava-me imovel e silencioso.

— Já vejo que teve a generosidade de me não fazer muito feia, talvez por não ter á vista o original...

— Creio que fui exacto e verdadeiro, respondi.

— Mas, no fim de contas, quem é o senhor, que tão bem desenha?

— Sou um estudante.

— Ah! não quer dizer o seu nome! Tambem lhe não direi o meu, nem mesmo para agradecer-lhe.

— Nem eu ousaria perguntá-lo e menos ainda esperar qualquer agradecimento.

— Nesse caso ficaremos sendo duas pessoas que se não conhecem uma á outra.

— Provavelmente.

— Não deixa de ser original tudo isto!

— Tão original que eu nunca poderia imaginá-lo.

— Mas contrariou-se ?

— Não, minha senhora, apenas alterei os meus hábitos de silencio e solidão.

— Por minha causa... desculpe, disse a minha interlocutora.

E nesse momento os seus olhos, ainda que travêssos, tiveram uma expressão de tão maviosa doçura, que me capacitei de que não estava ali uma Xantipe.

A sua maneira de falar denunciava-a talvez um pouco estouvada e alegre, tendo provavelmente recebido uma educação quase livre, paralela á dos jovens marialvas.

Pois não andavam aquelas duas amigas, tão novas, errando sózinhas, pela floresta do Buçaco, como se fossem dois colegiais em férias ?

E não foi uma delas, a mais alta, que na véspera se dirigiu a mim interrogando-me ?

— Mas a quem fica pertencendo agora este retrato ? perguntou Adelina.

Respondi logo:

— Certamente á pessoa que mo pediu.

— Muito obrigada, muito obrigada e adeus, até ámanhã.

Isto disse a mais alta das duas, tirando Adelina por um braço e indo ambas muito contentes, a passos vagarosos, examinando o *croquis* que eu fizera de memoria e de que guardei uma cópia.

Todos estes acontecimentos eram para mim tão extraordinarios, tão novos, que por algumas horas me deram que pensar, tirando-me de outros cuidados.

Eu gostaria de saber quem eram aquelas duas senhoras, especialmente a do retrato, mas por caso al-

gum as seguiria ou procuraria informações a seu respeito.

Sentia receio e pejo de me arriscar a qualquer fragilidade ou a qualquer ridiculo.

Tomei, pois, as minhas precauções mudando de poiso para um sitio proximo, onde, deitado entre altas gramíneas, poderia observar sem ser visto.

E, assim defendido, esperei, no dia seguinte.

Indo direita á gruta de verdura, onde nos outros dias me encontrara, a companheira de Adelina exclamou numa inflexão de desapontamento:

— Que ferro! Naturalmente ir-se-ia embora.

Adelina replicou:

— E tu, Natividade, ias gostando dele.

— Parece que sim, respondeu com aborrecimento aquela cujo nome eu acabava de ouvir pela primeira vez.

O meu plano dera bons resultados, porque, além do nome, fiquei sabendo que Natividade principiava a gostar de mim.

Adelina não deixou de retorquir á sua amiga:

— Pois era preciso cuidado. Olha o que disse tua irmã: que o homem que tira retratos sem olhar para as pessoas deve ser um mago, ter pacto com Satanás.

— Bem me fio eu nisso! Se assim fosse, o diabo não tinha amigos muito feios.

— Credo, menina! Olha se o teu capelão ouvisse isso!

— Não me ralava nada: punha-me a rir. E ele embaçava.

Tambem fiquei sabendo que a familia de Natividade vivia com estado, porque tinha capelão; e que ela mesma não era beata, porque ás vezes, com as suas risadas, fazia embaçar o capelão.

Não foi sem grande surpresa e abalo que dos labios de uma senhora de sociedade ouvi o que eu nunca

tinha ouvido de nenhuma outra mulher: que eu lhe não era indiferente. Nem de lady Mary nem de Raquel Nazaré eu surpreendêra jámais o metal de voz.

Mas este ultimo nome, Raquel, fazia-me remorsos de a ter quase esquecido desde que no Buçaco me aparecêra Natividade. Pobre Raquel! eu continuava a amá-la, eu sentia os seus desgôstos, lastimava a sua reclusão e contudo Natividade parecia prestes a subjugar-me ou pelo menos a arrastar-me para uma situação dificil por isso que eu, aborrecendo o casamento, não queria caminhar por qualquer estrada ou por qualquer atalho que a ele conduzisse e as classes nobres tambem ás vezes enveredam por atalhos, para chegar mais depressa.

Tive medo de um futuro que poderia ser para mim um Gólgota, e fugi do Buçaco.

Em Coimbra contemplava as janelas da casa de Raquel, inalteravelmente fechadas, ouvia dizer que os medicos se confessavam descoroçoados e sentia-me horrivelmente só na cidade deserta, que parecia adormecida ou desolada.

Fugi de Coimbra para o Buçaco e, retomando o meu antigo poiso, tornei a vêr Natividade, que me apostrofou:

— Então o sr. fugiu sem dizer adeus á gente!

— Não fugi, minha senhora; tive de ir a Coimbra, mas esperava voltar breve.

— O que faz, perguntou Natividade com ironia, um estudante em Coimbra quando a Universidade está fechada? Namora e não faz nada mais.

— V. ex.ª engana-se: eu nunca namorei.

— Como?!

— Posso repetir: eu nunca namorei.

Adelina deitou a mão ao braço de Natividade dizendo-lhe a meia voz:

— Lembra-te do que te disse tua irmã. Não vês que isto não é natural?

Serenamente Natividade reatou o diálogo:

— Não acredito. Mas, sendo assim, pode ter a certeza que vai namorar.

— A quem?

— A mim. Pois o que é isto já senão namorar? Vê-me, foge porque tem algum namorito em Coimbra, mas volta porque se lembra de mim. Quem vence sou eu, claro como agua. Gosto do sr., o sr. gosta de mim, resta apenas apresentarmo-nos formalmente. O sr. diz-me quem é, eu digo-lhe quem sou.

Sorri, mas uma grande perturbação estrangulava-me a voz. Reconheci que, se me demorasse no Buçaco, a liberdade do meu coração correria grave perigo, e que eu, adversario do casamento, teria talvez de vir a casar o mais idiotamente possivel.

Nesta altura Adelina anunciou:

— Vêm aí tua mãe e tua irmã.

Pus-me a pé e disse:

— Ficam adiadas para amanhã, sem maior assistencia, as nossas apresentações.

E, cumprimentando, saí rapidamente do meu poiso.

Vim logo para Coimbra. Nessa mesma noite ou de madrugada foi que resolvi abandonar a cidade e o curso de Direito em razão de um incidente de que o meu amigo Sales e só outra pessoa tiveram conhecimento. Assim, pois, sucedeu que Natividade não ficou sabendo quem eu era, nem eu fiquei sabendo qual fosse a sua familia.

Contudo, devo confessar que esta mulher interessantemente desembaraçada, esta mulher que se me declarou com uma franqueza quase rude, talvez corrente nas classes altas de Lisboa entre pessoas da mesma categoria, que esta mulher, dizia eu, muitas vezes me lembrou durante anos, e confessarei tambem

que eu, antes de pensar em retratá-la, de tempos a tempos ía aperfeiçoando a aguarela feita sôbre o *croquis* de que lhe dei cópia, conservando, portanto, uma viva memoria da sua fisionomia e figura.

Quando chegamos a Lisboa, meu pai tomou uma frisa no teatro de S. Carlos.

O mais subtilmente que pude, tratei de me orientar quanto á flora feminina dos camarotes, que eu já sabia serem ocupados pelas primeiras familias de Lisboa.

Uma noite, durante o intervalo, fiz maior reparo num camarote onde estavam três senhoras, que pareciam ser mãe e filhas.

Sucedeu que uma das filhas, se o eram, me deu a vaga impressão de já a ter visto, anos antes talvez, quando um pouco menos nutrida e mais córada.

Mas baixei o binóculo logo que a dama assestou o *lorgnon* para a minha frisa. E pareceu-me que as outras duas senhoras falavam a meu respeito.

Justamente nesse momento a minha reminiscencia de retratista acudiu-me e triunfou.

Aquela era Natividade, a misteriosa criatura do Buçaco, com mais doze anos de idade e um certo *embonpoint* que á primeira vista ma desfigurara, conquanto não fosse excessivo.

Nessa mesma noite, chegando a casa, contemplei a cópia do *croquis* que lhe dera e a aguarela que depois fiz.

Relembrei as surpresas que derivaram do meu encontro com Natividade e tão agradavel me foi a recordação de que da sua boca ouvi, sem que ela o suspeitasse, palavras de simpatia, se não eram de afecto, que por gratidão resolvi retratá-la em corpo inteiro e reservar-lhe um lugar na minha pequena galeria amorosa.

Ei-la como eu a vi, numa singela mas distinta

toilette de estio e de montanha, vestido de cassa branca bordada de amarelo, sem chapéu, um bordão alpino na mão direita.

Os meus amigos decerto vão ficar surpreendidos quando souberem quem é a senhora, que este retrato representa na frescura e vivacidade dos dezoito anos — quase uma criança.

Mas primeiro quero dizer-lhes como eu vim a saber o seu nome de familia, sem levantar suspeitas nem boatos.

Segui o sistema dos bibliófilos quando descobrem um livro raro na loja de qualquer alfarrabista: fazem um lote de livros sem interesse e incluem nele o que desejam comprar.

Vali-me do visconde de Boucinha, que tem a filaucia de conhecer toda a gente boa de S. Carlos, e pedi-lhe que me informasse ácerca dos assinantes da 1.ª ordem.

Ele, lisonjeado por eu o considerar informador competente, foi-me respondendo segundo o seu criterio aristocratico financeiro.

Chegou a vez do camarote que me interessava. E disse: «Condes de Angra, aparentados com a casa real, mas familia arruinada, porque o conde é jogador. A condessa tem querido casar as filhas, especialmente a Natividade, que é a mais nova e que ainda está uma boa mulher, mas por não terem dote não pôde colocá-las.»

— Eu, continuou Juca, ouvindo as ultimas palavras do visconde de Boucinha, dizia comigo mesmo: «Se a viscondessa não durar muito, já sei a quem o visconde irá oferecer a sua mão e um dote.» «Que está ainda uma boa mulher» era, na boca do Boucinha, um supremo elogio enchumaçado de apetites.

Achamos graça á frase.

— Agora, a sério, o pouco mais que tenho a dizer:

— Em S. Carlos, sempre que o meu binóculo passa pelo seu camarote, o que involuntariamente me acontece, tenho saudades do Buçaco — assim é feito o meu coração.

Foi justamente do Buçaco que Natividade me falou num baile da legação brasileira. Disse-me ter-me reconhecido e perguntou-me se eu a reconhecêra. Respondi afirmativamente. Lastimou que eu não voltasse ao Buçaco no dia em que prometêra. Expliquei que inesperadamente tive de ir ao Minho e que pouco depois, chamado por meu pai, embarquei para o Brasil. Tem-se conservado solteiro? perguntou ela. Sim, minha senhora. Se assim não fosse, poderia v. ex.ª supôr que eu a houvesse esquecido. Pois não esqueci, nem a v. ex.ª nem á minha gruta de verdura no Buçaco. Estimei ter esta ocasião de lho poder asseverar.

Cumprimentei despedindo-me.

XVI

Noémi

— Apesar de eu ter nascido no Rio de Janeiro, não foi no Brasil mas em París que vim a conhecer a mais perturbante brasileira de quantas vira.

Chamava-se Noémi, era filha de um Saraiva, ricaço do Maranhão, homem pouco ilustrado mas esperto, e fôra educada nos hábitos tradicionais do classico ramerrão da burguesia carioca.

Não sei explicar como numa gente sem predicados nem costumes que propendessem á intelectualidade, numa familia onde a mãe e a avó eram pessoas vulgarissimas, fisica e moralmente, pudesse intercalar-se uma figura excepcional de mulher talentosa, com predisposições artisticas e dotada de uma beleza tão leve, tão volátil, e irisada como a espuma do champanhe numa taça de puro cristal.

Noémi tinha um irmão que medianamente melhorara o tipo de familia e que talvez possamos admitir como o primeiro fenomeno de uma rapida evolução generativa, a qual atingiu inesperadamente o apogeu da perfectibilidade nesta fascinadora brasileirinha de vinte anos.

Havia em Noémi uma tão espontanea, natural e

completa harmonia entre os seus sorrisos, os seus olhares, as suas palavras, os seus passos, todos os seus gestos, que podia asseverar-se que aquela mulher produziria o mesmo encanto em *toilette* de baile, em *toilette* de passeio ou em fralda de camisa.

Creio que para exprimir todo esse precioso conjunto ritmico de raros dotes corporais não haverá em português senão a palavra *graça*.

Pois bem, a graça em Noémi era inconsciente e por isso despresumida, isenta de toda a mácula de vaidade.

Ser-me há talvez permitido chamar-lhe uma graça ingénua.

Devo ainda notar que as suas faces levemente morenas faziam lembrar duas rosas em que houvesse algumas radiações de tenuissimo ouro e que o sorriso tinha o que quer que fosse de vago e subtil como o da Gioconda no célebre quadro do Louvre.

Saraiva veio a França fazer tratamento com um especialista e trouxe a familia.

Os dois filhos, Euclides e Noémi, quiseram entretanto frequentar a Escola de Belas Artes e foi por intermedio do rapaz, companheiro certo do secretario de meu pai, que eu travei relações com toda a familia.

Logo me quis parecer que a amizade estabelecida entre Ilídio e Euclides era, da parte do primeiro, [illegible] e da parte do segundo a simpatia por um patricio, da mesma idade, mais acessivel talvez do que outros moços brasileiros residentes em París.

Isto foi em mim uma simples conjectura, mas eu possuia um certo faro para descobrir os segredos amorosos, o que aliás é vulgar tanto nos velhos que a experiencia amestrou, como nos platónicos, porque a idealidade tem o que quer que seja de clarividencia.

No dia em que Noémi me foi apresentada pelo irmão em pleno *boulevard* senti um choque violento, quasi brutal, porque a sua beleza, sem ser imperiosa, me pareceu capaz de esmagar todas as resistencias, vencer todos os preconceitos, demolir todas as hesitações e incertezas.

Só com esforço eu conseguira de quando em quando disfarçar o meu deslumbramento, e não posso jurar que o conseguisse. Até me parece que não.

Quando ela se afastou, respirei mais desafogado dessa deliciosa sujeição que a sua beleza impunha e segui por muito tempo com a vista a linha recta da sua marcha — saudosamente.

Ela trajava com extrema singeleza como as outras alunas de belas-artes, sem plumas, nem flores, nem sedas, trazia a bem dizer um uniforme escolastico, um vestido que fazia lembrar uma batina e um chapéu liso que pouco mais custaria do que um gôrro em Coimbra.

Mas todo o encanto estava na pessoa, no seu rosto, na sua figura *souple*, na sua voz, nos seus passos quase em bicos de pés, nesse esvoaçar que parece suspender algumas, bem poucas, mulheres, acima do nível do solo.

Feliz de mim, se no seu retrato, que tratei com tanto esmero, eu pudesse ter dado a impressão desse alor infantil, desse deslize brando e quase silencioso, que constituia o transito de Noémi sôbre um tapete ou sobre o asfalto.

Algumas vezes tenho querido parodiar um estatuário célebre dizendo a esta querida figura que eu pintei: «Anda, caminha, peço-te».

Julio Cesar e eu balbuciamos interjeições de agrado e aplauso.

— Mas, continuou Juca, eu não sou um desses grandes pintores de retratos que conseguiram pro-

duzir a ilusão de que as carótidas latejam ou as narinas resfolgam. Sou apenas um amador, um apaixonado da Arte e da Beleza, que, posso dizê-lo, copiei do meu proprio coração algumas imagens de mulheres que lá tenho gravadas e confesso que este retrato o pintei numa febre de amor e de saudade, que fez de mim um artista e um martir.

Porque eu tive a plena, a absoluta certeza de que era amado por Noémi desde o mesmo dia e a mesma hora em que eu a amei.

Ela deixou logo perceber a sinceridade e intensidade do afecto que eu lhe inspirara: a principio, aparentei um coração de pedra ou de gêlo, e contudo, foi Noémi a mulher que mais amei.

Ela procurava pretextos e ocasiões para se aproximar de mim e eu, que detestava o casamento por uma repugnancia ingénita, reforcei este obstaculo pela declaração solene que fiz ao Ilídio de que apenas a achava galante e até o protegeria na sua pretenção de desposá-la.

Menti como se fôra um vilão ou um canalha e, não obstante, pratiquei uma acção nobre, porque eu bem sabia quanto Ilídio, um bom rapaz, secretario de meu pai e afilhado de minha avó, adorava Noémi, essa mesma Noémi que, na presença dele, era para mim que reservava os mais doces olhares e sorrisos.

Eu tinha tido a previsão de que Ilídio estava apaixonado pela irmã de Euclides desde que os dois rapazes saíam todas as noites juntos para ir ao teatro, mas foi o próprio Ilidio que me abriu a sua alma disposto a fazer um sacrificio em meu favor, se eu não pudesse ou não quisesse fazer um sacrificio em seu proveito.

Menti-lhe quando ocultei o meu amor por Noémi, mas nunca deixei de respeitar as declarações e promessas que lhe fiz.

Houve uma só vez em que senti a tentação diabólica de me desmentir e, direi mais, de procurar vencer-me a mim proprio autorizando a reconstituição do meu espirito quanto aos principios e teorias por que até então me havia guiado.

No dia seguinte ao da minha ida á Escola de Belas Artes, onde me tinha levado um assás transparente pedido em que Noémi bem deixava entrever intenções reservadas, foi que essa perigosa tentação me assaltou.

Quando, depois do almôço, saí de casa, aproximou-se de mim uma rapariga francesa, tipo de aprendiza de modista, que me entregou uma carta e me disse que no outro dia e no mesmo sitio esperaria a resposta.

Abri e li com surpresa, se pode dizer-se surpresa a efectivação de uma coisa que nos pareceria bem natural se nela tivessemos pensado mais reflectidamente.

Eu não supunha que Noémi me escrevesse, mas tive o pressentimento de que a carta era dela e de que a portadora seria irmã ou amiga de qualquer das duas criadas francesas ao serviço dos Saraivas.

Não me enganei em nenhuma destas conjecturas.

Juca disse-nos que Noémi escrevêra em francês, mas eu creio reproduzir, com a possivel exactidão, as palavras portuguesas em que ele traduziu a carta, que sabia de cór:

«Sr. Juca.

Pode depositar inteira confiança na portadora, que é irmã da minha criada de quarto. Eu preciso dizer o que sinto, quanto sofro e só por uma carta o posso fazer, não porque receie que meus pais desapprovassem, mas porque Euclides ficaria talvez mal comigo. Mas eu não disse a Illydio que o amava, não lhe fiz nenhum juramento ou promessa. Sou livre para po-

der jurar ao sr. Juca que o aprecio muito e para lhe pedir que me não torne a tratar com a mesma seccura com que hontem me tratou na Eschola. Não pode calcular quanto isso me affligiu, porque, dados os seus habitos de boa educação. só uma antipathia invencivel poderá explicar o seu procedimento. Diga-me com franqueza o que se passou no seu espirito, peço-lhe, supplico.

Noemi Saraiva.»

Esta inesperada carta causou-me impressão, não só pela espontaneidade do afecto que exprimia, como tambem pela sua linguagem franca e, finalmente, pelo facto da signatária não ter ocultado o apelido de familia, o que fazia honra ao meu caracter e cavalheirismo.

Respondi com inteira sinceridade, contando-lhe que tinha adivinhado os sentimentos de Ilidio e, por isso, o levei em minha companhia. Não foi mais que discreta reserva o que pareceu secura.

Nessa mesma tarde, Ilidio procurou saber se eu pretenderia casar com Noémi e eu afirmei-lhe que não pensava em casar-me com ela nem com outra, o que, horas depois, repeti a meu pai, quando lhe revelei o que se tinha passado entre mim e o secretário.

Contudo, não deixei de confessar ao proprio Ilidio o conceito de galante rapariga em que eu tinha Noémi.

Mas a verdade é que se não fosse pela mesma discreta reserva, eu, em vez de *galante*, haveria dito *encantadora*.

Parecia-me ter respondido assim aos assuntos essenciais de tão cativante cartinha.

A réplica de Noémi não se fez esperar.

«Vi com extrema satisfação — dizia ela — que o sr. Juca me não repelle e agradeço o seu benevolo juizo a meu respeito.

«Vejo tambem que se julga manietado pelas affirmações que fez a Illydio, ao sr. Francisco Alves Tagilde, e finalmente, segundo deprehendo, pela sua propria repugnancia ao casamento.

«Quanto a Illydio quem pode responder sou eu e só as minhas affirmações terão valor para elle, desculpe-me esta franqueza.

«Quanto ao sr. Juca, não lhe peço que me prometta casamento ou case comigo e dir-lhe-hei até que um convento não me horroriza.

«O que desejo é que corresponda á minha affeição com a sua estima. Somos dois artistas — o sr. maior que eu — e as nossas almas entender-se-hão, não é verdade? Deixe-me seguir ao menos a sua sombra, sem lhe tolher a liberdade de acção. Viajaremos em espirito, como dois bons collegas e amigos, librando-nos alto.

«Tenho vivido só, muito só na companhia de meus pais e de Euclides que não comprehendem os ideaes das almas sonhadoras. Illydio tambem não nasceu fadado para os comprehender, assim como os outros rapazes brasileiros que pretenderam fazer-me a côrte. Dos franceses tenho pavor, ainda que sejam artistas, porque o pantano que se chama Paris infecciona toda a França.

«O sr. Juca é o unico homem capaz de associar-se aos meus ideaes, porque tambem são os seus.»

A surpresa que esta segunda carta me causou foi muito maior que a da primeira, melhor direi talvez que só desde então é que fiquei verdadeiramente surpreendido.

Porque a primeira carta, se não era vulgar, tambem não era fenomenal. Noémi dizia-se livre para declarar que eu lhe merecia apreço e perguntar-me se lhe corresponderia. Centenas de mulheres haveriam escrito cartas análogas a outros homens.

Mas na segunda carta Noémi mostrava-se a mulher isenta e casta, para quem a ideia do casamento tem menos valor que a da comunhão espiritual, ou seja o diálogo em que as almas trocam, mais perto do céu que da terra, a candida expressão dos seus puros sentimentos.

Quanto esta maneira de pensar a aproximava de mim!

Percebi que ela tinha uma clara noção da sua beleza de mulher e do seu talento artistico. Queria ser adorada e respeitada mais do que as mulheres infelizes que não encontram maridos que as distingam das fêmeas vulgares; queria ser tratada como um ser pensante que remontava ás concepções do Belo e do Sublime e perdia de vista os prazeres efémeros do casamento, por serem materiais, apenas instintivos.

Orgulho ou dignidade? Eu vi na sua confissão nobreza de brio, fidalguia de caracter, que bem poderá chamar-se dignidade sexual, porque é uma defesa contra os vexames e degradações a que a mulher está mais sujeita do que o homem.

Se eu quisesse encontrar tal mulher como Noémi, teria de percorrer todo o mundo de lanterna em punho, e decerto não a encontraria. Pois bem, essa mulher aparecia-me sem eu a procurar, vinha ao meu encontro em Paris, onde as mulheres são mais ou menos voluptuosas, caía-me do céu, e era essa mulher rara que me dizia palavras de desinteressada afeição, não apenas a confissão de Natividade no Buçaco, mas revelações nitidas e graves, como se fossem juramentos diante de um sacerdote ou de um juiz.

Sentia-me lisonjeado, quase vaidoso, de que Noémi, interpretando, sem ressentimento, as minhas afirmações a Ilídio, percebesse em mim o homem para quem a mulher não tem apenas o limitado valor de um instrumento de prazer, que se desgasta com o uso e

acaba por oxidar-se; o homem que, pelo contrario, rendia um alto culto á mulher sem lhe sorvar mazombamente a beleza, como um padre engorla, bocejando, o latim do seu breviario.

Escrevi a Noémi uma carta tão extensa como ainda não tinha escrito outra a ninguem, dizendo-lhe toda a minha surpresa e contentamento pela harmonia das nossas opiniões e confessando-lhe que eu me julgava absolvido desde que não fosse por minha causa, mas por sua livre vontade, que ela não casava com Ilidio.

Quando nas vésperas de retirarmos de París, meu pai e eu fomos despedir-nos dos Saraivas, Noémi não pudera disfarçar os vestigios das lagrimas que tinha chorado e, como nem Euclides nem Ilídio estiveram presentes, trocamos algumas palavras no vão duma janela.

— Não me esqueça nunca, disse-me ela, que eu nunca o esquecerei. Participe a meu pai a residencia do seu em Portugal. O resto é comigo.

— O que quer dizer? perguntei alvoroçado.

— Que eu, conhecendo o seu *adresse*, indicarei o modo de reatarmos o dialogo das nossas almas. Não é assim que o sr. Juca lhe chama?

— E', e não lhe parece que seja?

— E' e há de ser. Não receie qualquer desvio ou inconfidencia a respeito das suas cartas.

— Nada receio. Elas não me envergonhariam, ainda mesmo que Ilídio as pudesse interceptar.

— Decerto que não. O que lhe declarou o sr. Juca? Que não casaria comigo nem com outra. Há de cumprir. Foi o sr. Juca quem pediu a seu pai que recomendasse ao meu a pretenção de Ilídio. Meu pai disse-mo, sondando-me. Eu respondi que por ora não pensava em casar O mais que eu farei será da minha exclusiva responsabilidade. Mas não admita a

hipótese de Ilídio poder interceptar a nossa inocente correspondencia, que passará por mãos seguras; nem tambem a hipótese de que, se eu morrer...

— Meu Deus! a que vem essa ideia?!

— E' uma coisa que há de acontecer por força. As suas cartas, depois que as leio e releio, queimo-as.

— Tambem tenho queimado as suas, Noémi, com grande sacrificio, mas as cartas de uma senhora, principalmente se estão assinadas, exigem um escrupuloso sigilo, que só o fogo pode garantir.

A' despedida, a sua mão direita tremia na minha mão, e os seus olhos, vidrados de pranto, procuravam fixamente os meus, através de um nevoeiro de saudade.

Já na rua, olhei instintivamente para a janela dos Saraivas e vi por detrás de uma vidraça Noémi, que para não me perder de vista precisava enxugar as lagrimas com o lenço.

Nesse momento os Campos Elisios transbordavam de multidão elegante. París divertia-se sem dar tino de que uma linda estrangeira, rica, aparentemente feliz, chorava encostada ao peitoril de uma janela.

Logo que meu pai resolveu comprar a quinta de Benfeita e sem embargo de permanecermos ainda na hospedaria, participamos á administração geral do correio que toda a nossa correspondencia devia ser entregue na quinta, onde eu mandei colocar uma caixa de recepção, cuja chave tinha em meu poder.

Assim não seria facil haver qualquer extravio ou troca de cartas, o que frequentemente sucede nas casas de hóspedes.

Enviado ao Saraiva o nosso *adresse*, não tardou muitos dias a terceira carta de Noémi, que se mostrava corajosa para lutar com a saudade, segredo que era a sua consolação unica «naquele abominavel deserto que Paris lhe parecia, desde que eu tinha partido».

Dizia que pensava constantemente em mim, ansiosa de que em breve pudessemos estabelecer serenamente, numa doce confidencia, a comunicação dos nossos espiritos ou, como eu dizia, e ela gostava mais, o dialogo das nossas almas.

Avisava-me de que a destinataria das minhas cartas e a sua morada eram as mesmas.

Respondi de modo a mitigar-lhe quanto possivel a saudade, que tambem me devorava no silencio doloroso dos corações atormentados pela ausencia.

E prevenia Noémi de que poucas horas depois partiriamos para o Minho, a provincia onde meu pai nasceu, e que a demora não iria alem de um mês. Seria prudente interrompermos a nossa correspondencia até que eu regressasse a Lisboa, porque nos correios de aldeia não podia haver confiança e porque eu levaria comigo a chave da caixa em que na quinta de Benfeita ficariam arrecadadas as cartas que entretanto chegassem.

Muitas horas em cada dia o meu pensamento voava furtivamente do Minho a París, como terna ave invisivel, para ir poisar no seio casto de Noémi abendiçoando-o ternamente.

Mas, talvez duas semanas depois, comecei a estranhar uma inexplicavel inquietação que me sacudia sempre que eu pensava na encantadora irmã de Euclides.

Procurei subjugar-me, afastar de mim essa misteriosa preocupação torturante. Todos os esforços foram baldados, porque uma vaga sensação de medo, de terror, como de um grande perigo que se aproximasse, me entristecia e intimidava cada vez mais.

Gastamos vinte e oito dias, meu pai e eu, na visita ao Minho.

Logo que entrei na Benfeita, corri, sob a opressão de um pressentimento, a ler a correspondencia.

Feriu-me a vista o sobrescrito de um telegrama, que li com a maior ansiedade e que dizia:

«Juca Tagilde, Quinta de Bemfeita, Lisboa.
Falleceu hoje de febre typhoide Noemi Saraiva. Consternadissimos. Euclides escreve amanhã.

Illydio.»

Se me tivessem despenhado do zimborio da Estrela eu não sofreria maior abalo. Fiquei tonto de dôr, numa desorientação de louco, sem poder chorar, nem falar, nem refletir na desgraça que me ferira. Eu era naquela hora tremenda um homem irremediavelmente condenado ao suplicio de um ingente infortunio, posto que não tivesse ainda perfeita consciencia da minha ruina moral. Nos dias seguintes a razão foi-se-me aclarando lentamente e só então é que pude medir a profundidade do abismo em que o destino me afundara.

A carta de Euclides comunicava-nos em nome de seus pais que Noémi, atacada de uma violenta febre tifoide, sofrera muito durante vinte e dois dias, sempre com a maior resignação e serenidade, e que só nas ultimas quarenta e oito horas entrara em delirio, querendo por vezes pronunciar um nome, que parecera ser o meu.

Toda a familia se retirava para o Maranhão, acompanhando a urna funeraria, e Ilídio tambem seguiria viagem, porque ia ser interessado na Casa Saraiva & Filho.

Amigos, resta-me dizer-lhes que em seguida á morte de Noémi eu fiquei por muito tempo numa apatia moral, de que só lentamente me fui restabelecendo, porque a natureza humana tem misteriosos remedios para as grandes dores, e não poucas vezes os propina a quem lhes não solicita.

XVII

Filosofia da condessa

Eram duas horas e meia da noite.

Juca Tagilde guiou-nos á casa de jantar, onde encontramos servida uma ceia de carnes frias, doce de compota, bôlos, vinhos do Porto e Madeira.

Pediu-nos licença para dispensar o criado de mesa.

— Ficaremos assim mais á vontade, disse-nos ele.

Durante alguns minutos o estomago impôs-nos uma ditadura silenciosa. Estavamos debilitados. A fisionomia de Juca denunciava cansaço. Ele havia falado cêrca de três horas, quase sempre com emoção. Julio Cesar e eu tinhamo-lo escutado com a maior atenção e interesse. Creia o leitor que a atenção, quando insistente e firme, não deixa o ouvinte menos enfraquecido que o orador. O romance nota o facto; a sciencia que o explique. Mas eu peço licença aos sabios para lançar ao mundo, interinamente, este novo aforismo: falar e ouvir valem tanto como digerir.

A pouco e pouco a fisionomia de Juca asserenou-se, restabeleceu-se e ele começou a iniciar a conversação, procedendo com maior cortesia do que os seus

dois hóspedes, que não tinhamos sido tão sóbrios como o hospedeiro.

E, repôsto de saude, Juca, entre um gole de Madeira e uma fumaça de charuto, procurou aligeirar com algum humorismo a ultima conclusão da sua teoria anti-conjugal:

— Cada uma das quatro damas, cujos retratos os meus amigos acabam de ver, ou todas elas ao mesmo tempo constituem para mim, solteirão irredutivel, o melhor casamento, o mais doce, o mais sereno, o mais harmonioso, excepcional casamento que desdenha a idade, que zomba da doença e não admite a saciedade nem o tedio.

Nenhuma das quatro me vê e por isso vou esperando tranquilo a velhice sem receio de que venham a reparar algum dia na minha falta de dentes, nas minhas rugas, na minha calva, ou de que me achem ridiculo se eu tiver que pintar o bigode ou usar chinó.

E eu vejo-as a dentro destas paredes, sempre na plenitude da sua beleza, da sua graça, da sua mocidade, porque elas não envelhecem nunca.

Inebrio-me contemplando a frescura mimosa das suas faces e dos seus labios, o relêvo dos seus braços, o recorte das suas mãos; o seu cabelo preto ou loiro, jámais embranquecido; a luz brilhante dos seus olhos que não atraiçoam qualquer que seja a sua côr e expressão, que nunca se apagam nem cerram.

Aquelas quatro gentilissimas senhoras, minhas noivas platónicas, não falam de mais nem de menos, extremos que muitas vezes prejudicam as mulheres; nem falam sempre, defeito que torna outras insuportaveis; e não o fazem pela simples razão de que não falam nunca.

Não se constipam, não tossem, nem espirram. Não enlanguescem nem toscanejam, porque não teem necessidade de dormir.

Não se deformam pela gravidez nem se deixam sondar pela parteira ou pelo cirurgião; não sofrem os antojos, os deliquios, a irritabilidade nervosa que antecedem o parto.

E, supremo beneficio, não percorrem cada mês um periodo catamenial, que cerceia em cada ano dos casados, para o efeito do prazer e da higiene, nada menos que três meses, numeros redondos.

Elas são quatro rivais e não bulham por ciume, não altercam umas com outras, não se agatanham raivosas, não tanto por terem confiança em mim, como, principalmente, por só existirem em efigie.

São outras tantas sacerdotísas de Vesta alimentando o fogo sagrado do meu sonho e, sem que tivessem feito voto de castidade, não desejam ir ao mundo, concorrer aos bailes e teatros, porque são inamoviveis como as divinas mulheres que revestem as salas do Louvre.

Todas as considero minhas esposas fieis, vivem juntas no meu domicilio, e contudo eu passo incólume através do Código Penal, graças a nenhuma delas erguer a voz para me denunciar polígamo. Vejam, caros amigos, se não será este o melhor casamento.

Para concluir:

A minha fórmula reduz-se a poucas palavras: «O amor é a mais [illegible] de todas as ilusões e creio que o casamento será uma realidade sem intervalos de ilusão como toda a vida em comum, todos os aspectos quotidianos da intimidade domestica e todas as obrigações repetidas pela força de um contrato a longo prazo.»

Ainda noutros termos: A entrevista, o encontro amoroso poderá talvez definir-se um galante dialogo fugitivo. No casamento começou-se por dizer tudo com *entrain* e o resto, no melhor caso, será uma diluída convivencia de amizade.

Amigos, tenho muitos companheiros na maneira de pensar. Lembrem-se de todos os solteirões seus conhecidos e hão de ver que a minha suposta excentricidade está muito generalizada. Simplesmente, não sou um caçador profissional de mulheres como tantos outros celibatarios. Professo apenas um independente culto de artista por todas aquelas que possuem o encanto da beleza ou da gracilidade.»

Assim perorou Juca, sorrindo.

Despedimo-nos alegres.

O seu copé veio trazer-nos a Lisboa e, durante os primeiros dez minutos de caminho, Julio Cesar e eu não dissemos palavra um ao outro.

Fumavamos recordando certamente — eu pelo menos — o que se tinha passado no palacio da Benfeita.

Vinhamos ambos do longínquo País Azul, onde permanecemos algumas horas, e a quimera altívola é um forte perfume, que leva seu tempo a esvaír-se.

Juca Tagilde, alto espirito, havia-nos levado nas asas da imaginação através de estranhos mundos aonde a realidade não chega. Natural era que trouxéssemos em nós mesmos alguma coisa de etéreo e fantasioso.

Esboçavam-se vagamente os primeiros alvores do dia e todo o movimento saloio não recomeçara ainda. Só quando entramos na rua oriental do Campo Grande vi duas tabernas meio abertas, esperando as primeiras carroças que viessem com legumes e hortaliças para a Praça da Figueira.

Mais adiante estacionava uma patrulha de cavalaria da guarda municipal, em atitude espectante, talvez para vigiar as tabernas e os carroceiros.

Os predios da população urbana pareciam lutuosos ou vasios, porque todos os seus habitantes estavam áquela hora amodorrados no sopôr matinal; a Lisboa de escada acima acorda geralmente tarde.

Julio Cesar, atirando fóra a ponta do charuto, filosofou espreguiçando a voz:

— Tem-se dito muita vez que a vida é sonho. Que mentira! Não custaria tanto viver se neste mundo houvesse mais sonho e menos realidade.

— E, para levar a vida sonhando, respondi eu, é preciso ter cinco mil contos como o nosso amigo Juca. Se ele fosse pobre...

— Já se teria suicidado.

— Ou enlouquecido. Mas, ó Julio, quão interessante foi esta viagem aérea em que tantas surpresas colhemos.

— Eu sempre esperei uma confidencia, bem sabes, mas digo-te que excedeu tudo quanto supunha compativel com o talento artistico e o feitio excentrico do Juca.

— E' verdade.

E, acautelando a voz, num daqueles seus faiscantes impulsos de vivacidade, Julio Cesar segredou-me:

— Tu não tens a impressão de que, se Noémi vivesse mais quatro ou cinco anos, a teoria celibatária de Juca iria pela agua abaixo?

— Talvez não fosse, porque hoje, aquilo a que eu chamava «possuir o pleno dominio de si mesmo», me parece um fenómeno psiquiátrico. Suponho que a sua fobia do casamento seja uma tara neurasténica. E, se fôr, nem com Noémi casaria, ainda que ela o exigisse, o que aliás numa das cartas repele categoricamente.

— O natural, insistiu Julio Cesar, é amar e querer casar, como nós fizemos, como fazem dois terços da humanidade, pelo menos.

— Contudo, os conventos encheram-se de freiras professas e nunca tem deixado de haver homens que evitaram casar-se por qualquer motivo; em alguns deles bem poderia ser tambem uma repugnancia

mórbida, uma tara. Juca não é, pois, um exemplar unico, excepcional e inverosimil. Nisso tem razão. O que nele há de singular é somente a modalidade romanesca da sua fobia, o que significa apenas que Juca Tagilde é mais talentoso, mais espiritual, mais artista do que os outros solteirões.

Chegamos á Calçada do Salitre, onde Julio se apeou, dizendo:

— Temos muito que discutir.

Eu ainda pude resmungar do fundo do copé:

— Temos que aceitar os factos.

Os nossos jantares bi-mensais na Benfeita tomaram desde essa noite um caracter de maior intimidade, como se fossem de familia. Abordavamos questões da mais requintada psicologia e nunca surpreendemos em Juca uma expressão, uma palavra, que denunciasse qualquer alteração na sua maneira de pensar a respeito de casamento e celibato.

Entretanto ele aceitara o cargo de tesoureiro da Sociedade Protectora das Creches Lisbonenses, para que fôra eleito em assembleia composta de considerados capitalistas, de altos politicos e de senhoras da aristocracia.

— Eu nunca me eximo a fazer bem, disse-nos ele, mas de mais a mais distribuiram-me um cargo que dá pouco trabalho e que só impõe alguma responsabilidade com que eu posso bem.

A condessa de Angra fôra eleita inspectora e sua filha Natividade secretária.

Poderia ter sido um mero acaso, mas bem poderia ser que a condessa houvesse dirigido a eleição com segundas vistas.

Juca propôs, e foi resolvido, que todos os meses se mandasse aos jornais um boletim do estado da caixa e do numero de crianças admitidas, para que o público pudesse conhecer a administração da Socie-

dade e se habituasse a pensar nesta instituição com simpatia.

Causou boa impressão saber-se que as creches de Lisboa estavam sendo zelosamente geridas.

Tempo depois começou-se a dizer na grande roda que a condessa de Angra obtivera um emprestimo para desempenhar as suas propriedades, que ela mesma ia administrar por haver sido sentenciada a interdição do conde.

E o que é certo é que muita gente louvava a sagacidade e audacia da condessa, a qual devia estar farta e bem farta de fidalguia e pobreza, porque os vicios do marido, especialmente o do jogo, eram um calamitoso sorvedouro de dinheiro.

Passados meses, a condessa vendeu o seu velho landó, a que alguem chamara o veterano das carruagens particulares, vendera a parelha que já tinha direito á reforma e os respectivos arreios que pareciam coevos do canapé satirizado por Bocage.

Algumas senhoras sustentavam que só quem não conhecesse a condessa poderia acreditar que ela, depois de ter obtido um emprestimo, se resignasse a ficar definitivamente apeada.

Estas senhoras pensavam bem.

Não tardou que as Angras saissem num landó moderno, com bons cavalos aparelhados de arreios novos.

— Agora sim, dizia ela ás filhas, agora é que podemos dizer: a nossa equipagem. Enquanto vosso pai administrou tivemos um carrão e duas pilecas.

Veio a temporada de S. Carlos e a condessa mandou pôr no seu camarote um espelho oval com moldura doirada.

— Vocês, meninas, precisais compôr a vossa *toilette* quando entrardes e nos intervalos. O espelho não é para mim, que sou mais velha que a Carta Constitucional.

Não sei o que o espelho oval diria a Maria da Gloria em S. Carlos. mas presumo saber o que ele segredava a Natividade: «Estás outra vez córada e alegre, os teus olhos tornaram a brilhar, pareces mais bonita. Olha bem para o espelho: és uns 30 anos apetitosos.»

E a mãe ficava contentissima de perceber o que as mulheres mais invejosas diriam nos camarotes e os homens mais apreciadores cogitariam na plateia, quando Natividade, durante um ou outro intervalo, de pé, junto ao parapeito, punha o binóculo e todo o seu busto se desenhava estatuáriamente erecto.

— Ralai-vos, dizia por entre dentes a condessa medindo com o olhar a filha, ralai-vos, mas agora é outro tempo, a nossa mesa melhorou tanto como a nossa carruagem e o nosso cozinheiro é um discipulo do Mata. Vêde, gentes finas de S. Carlos, a minha linda Natividade como rejuvenesce, bem tratada, que não há aí outra que mais valha.

Depois do baile na legação brasileira, Natividade ficara desgostosa e ás vezes recusava-se a ir a S. Carlos. Era preciso que a mãe a obrigasse animando-a com os seus raciocinios de mulher forte e discutindo com ela:

— O' filha! pois o que te disse o Juca no baile não te convenceu de que nunca foste esquecida por ele?

— Isso disse. Mas já lá vão quinze anos desde que nos encontramos no Buçaco.

— Tanto melhor, porque nem o tempo conseguiu fazer que te esquecesse. E' claro que lhe causaste uma funda impressão.

— Porque não procurou encontrar-me, se assim foi?

— E tu pensaste mais nele?

— Palavra que pensei.

— Mas não lho fizeste saber e ele talvez supusesse, despeitado, que o havias esquecido.

— E depois do baile, em que se mostrou tão frio, continua indiferente!

— Indiferente? um homem que te disse ter estimado aquela ocasião para explicar os motivos por que abandonou o Buçaco e depois se ausentou de Portugal, ao mesmo passo que afirmava não se haver esquecido de ti e estar solteiro! Indiferente? um homem que mais ou menos disfarçadamente nunca em S. Carlos deixa de atirar uma olhadela para o nosso camarote? Ora adeus, menina, não abandones a demanda e vai arranjar-te para irmos ao *Rigoleto.*

Outras vezes a condessa combatia o desánimo da filha insinuando-lhe ter o pressentimento de que a toda a familia Angra viriam melhores dias com o auxilio poderoso de Juca Tagilde.

Mas a condessa não era mulher que se contentasse com os seus pressentimentos, se os tinha, e assim como planeara toda a manobra do baile na legação brasileira, teve a ideia engenhosa de na lista da direcção das Creches incluir o seu nome, o de Natividade e o de Juca.

O resultado da eleição contribuiu eficazmente para que os projectos da condessa pudessem realizar-se.

Certa estava a solerte dama de captar as boas graças de Juca, tanto mais que ele poucas aproximações tinha tido com a classe nobre e seguramente não encontrara ainda outra condessa de Angra, porque em Lisboa não havia quem a pudesse igualar em esperteza e expedientes subtis.

De facto, Juca achou muito interessante esta fidalga perspicaz, energica e arruinada, que se queixava amargamente das dissipações do marido e temia ver bater-lhe á porta a fome, o que mais lastimava pelas

suas duas filhas do que por ela mesma, que tinha coragem para arrostar com todos os extremos.

Fosse que Juca se impressionasse ouvindo a eloquencia sugestiva da condessa ou que imperasse no seu animo a lembrança daquela bonita rapariga estouvada, que ocupava o terceiro lugar na galeria amorosa da Benfeita, e ele quisesse evitar lhe maiores desgostos ou vexames, o certo é que lamentando-se a condessa da falta de um auxilio pecuniario para desempenhar as suas propriedades, foi o proprio Juca Tagilde que, generosamente, cavalheirescamente, lhe ofereceu o auxilio que ela julgava indispensavel.

Natividade acompanhou a mãe, que foi á Benfeita agradecer o relevante serviço que lhe tinha sido prestado de um modo gentilissimo.

Juca recebeu-as com primorosa cortesia e cativante lhaneza. Conversaram muito, sem constrangimentos de etiqueta. Ele mostrou-lhes o palacio, com exclusão do *salon rose*, que era o dos retratos. Depois desceram ao jardim e á quinta.

Habilmente a condessa atrasava o passo e parava a observar com o seu *lorgnon* a brilhante colecção de rosas, que era uma das preciosidades do jardim.

De modo que Natividade teve largo ensejo para falar do Buçaco, do baile da legação brasileira e da afirmação que Juca fizera de não a ter esquecido.

Ele insistia nesta afirmação e ela contrapunha que ficaria contente se pudesse aasegurar-se de que em verdade assim era.

— Pois bem, disse Juca, dar-lhe hei um testemunho indubitavel.

— Quando? Hoje mesmo? perguntou Natividade com alvoroço.

— Não desejaria revelá-lo na presença da senhora condessa, porque é esse um dos mais intimos segredos da minha alma.

— Mas confiá-lo há a mim propria ?

— Certamente.

— Aonde ?

— Não pode deixar de ser na Benfeita, o que da minha parte talvez pareça pouco amavel, mas v. ex.ª terá ocasião de verificar a lealdade do meu procedimento.

— Confio plenamente no sr. Juca. E quando poderá ser ?

— A'manhã, depois de ámanhã, quando v. ex.ª quiser.

— Então ámanhã. A que horas ?

Não a incomodando, das quatro ás seis.

Natividade estendeu-lhe a mão, dizendo :

— Está pactuado.

E ambos se aproximaram da condessa, que nessa ocasião, com uma previdencia magistral, se voltava dizendo :

— Ah! sr. Juca, pode ufanar-se de possuir a mais bela colecção de rosas de toda Lisboa, porque excede a do Fronteira [1], que é uma das melhores.

Com a sua penetrante sagacidade a condessa conheceu, num relance de olhos, que Natividade tinha adiantado caminho.

E, no regresso a casa, depois que a filha lhe contou o que pactuara com Juca, certamente a condessa se convenceu de que a partida estava ganha.

A alegria é um rejuvenescimento nas mulheres de trinta anos e assim foi que, em vinte e quatro horas, Natividade recuou não certamente até ao Buçaco, mas talvez metade da distancia a que o Buçaco já ficava.

---

[1] Marquês de Fronteira, em S. Domingos de Benfica.

Está explicada a razão por que em S. Carlos a estranharam e admiraram, poucas semanas depois as mulheres mais invejosas e os espectadores mais atiradiços.

Mulher de hábitos elegantes, que adquirira pela educação e que a decadencia financeira não pudera sufocar, Natividade voltou ao palacio da Benfeita em *toilette* de passeio tão singela e cantante como só as senhoras de boa sociedade sabem vestir, fazendo o desespêro das burguesas ricas.

Juca veio esperá-la ao patamar e, dando-lhe o braço, conduziu-a ceremoniosamente para o *salon rose*, cuja porta abriu.

Logo aos primeiros passos, ela, vendo os retratos e reconhecendo se num, disse exultante de surpresa e felicidade:

— Aquela sou eu!

Juca, observando-a com interesse, interveio explicando:

— Sim, é; fiz esse retrato pelo *croquis* que dei á sr.ª D. Maria da Natividade no Buçaco, auxiliando-me um pouco das minhas recordações. Está parecido?

— Muito. E as outras? as outras quem são?

— A primeira é uma inglesa, filha do conde de Hertford, vizinha do colegio onde fui educado, perto de Londres.

— Morreu?

— Talvez. Nunca mais a vi, disseram-me que tinha casado e que estava desfiguradissima.

— Quem é a segunda?

— Uma rapariga de Coimbra, que já morreu.

— E a quarta?

— Uma brasileira que faleceu de febre tifoide em Paris.

— Resto, pois, só eu. E porque nunca, sr. Juca, me

fez saber que pintara o meu retrato e que todas as outras já eram mortas ?

— Porque eu não sei viver sem intercalar o sonho na realidade e o casamento é a realidade sem a ilusão. Porque eu tenho pela mulher um culto de artista que a admira, e o casamento amesquinha-a pela vida em comum, pela constante facilidade e permanente intimidade da posse e da convivencia, que certamente darão ao homem o desejo de se aproximar de outra mulher diferente daquela que vê sempre ao adormecer e vê sempre ao acordar. Eis aqui está porque eu detesto o casamento. Mas, perdão! sentemo-nos um pouco; a sr.ª D. Maria da Natividade deve estar fatigada.

— Sim, de comoção.

Sentaram-se ambos no banco almofadado, em frente dos retratos.

— Creio, disse Juca, não ter faltado á verdade quando prometi uma prova irrecusavel da minha afirmação.

— Inteiramente irrecusavel, não há duvida, confirmou Natividade, muito enternecida.

— E eu ainda não tenho uma prova de que o coração que se me afeiçoou no Buçaco esteja animado dos mesmos sentimentos que lá deixou perceber.

Então, Natividade, apaixonadamente pousou a cabeça no ombro de Juca e nesse movimento evolou-se do seu colo uma suavissima exalação de ylang-ylang, perfume caro e distinto.

Juca passou-lhe um braço á roda da cintura e beijou-a na face.

Natividade estremeceu e murmurou numa terna deliquiescencia :

— Sou de maior idade... solteira... portanto senhora das minhas acções...

Depois que a ilustre família Angra pôde restaurar

as suas finanças, era curioso observar a pronta renovação do respeito e estima com que, anos antes, eram tratados estes condes, a quem el-rei D. Fernando dava o tratamento de primos.

Ao seu camarote em S. Carlos voltaram todos os diletantes aristocratas qne habitualmente perlustram, de visita em visita, o zodiaco da alta elegancia e da cavaqueira não menos alta.

Até os capitalistas de maior importancia na praça, que tinham andado fugidios do conde, porque os importunava a miude, voltaram tambem, desde que a condessa administrava a casa e o seu banqueiro era Juca Tagilde.

Todas as senhoras do *high-life* cumprimentavam para o camarote das Angras com os seus melhores sorrisos, não permitindo a luz do gaz discriminar os que eram amarelos por inveja.

A má lingua das classes superiores, que tambem é superior, afiou-se quando desconfiou que Natividade era amante de Juca, mas nem assim diminuiram as demonstrações de respeito pela familia Angra e até algumas senhoras da grande roda, procurando acautelar a fragilidade dos telhados de vidro, defendiam Natividade quando ouviam falar das suas idas á quinta da Benfeita sózinha.

— Isso não admira nada, contestava uma, porque a Natividade é secretaria e o Juca é tesoureiro das Creches que não dão pouco que fazer.

— Credo! balbuciava outra, vocês nem parecem gente fina. Só os burgueses é que envenenam a facilidade com que nós nos aproximamos dum homem sem lhe consentir nenhum intuito imoral.

Entre os rapazes que frequentavam o camarote das Angras, um era ainda seu parente, segundo oficial do ministerio dos negocios estrangeiros, que não conseguia ser promovido e usava monóculo fixo, não para

vêr melhor as questões ou... as minutas diplomaticas, mas para descobrir um casamento que valesse uma promoção.

Pois esse, depois que a casa Angra retomou o antigo pé e sem se importar com a má lingua, que, dizia ele, mordia sempre as mulheres em evidencia, começou a fazer uma côrte desabalada a Natividade, chegando a propôr-lhe casamento.

— Não, primo Julião, respondeu ela rindo, eu já não estou em idade de casar, nem penso nisso.

Natividade falava sinceramente, «não pensava nisso» porque se julgava muito feliz, como sua mãe nunca fôra, nem outras senhoras da sua familia, as quais ainda conhecêra casadas.

Uma antiga dama do Paço, sempre disposta a fazer reparos, estranhou um dia á condessa de Angra que Juca Tagilde, estimando tanto Natividade, como ouvia dizer, não a tivesse ainda desposado.

— Olha, menina, respondeu a condessa, para garantir a harmonia dos sexos, as mulheres devem desculpar aos homens todas aquelas caturrices que não escravizem nem arruinem a familia. O caso é que eles sejam melhores do que o teu marido e o meu. Vai com isto que te digo, minha joia.

Quando parou á porta das Angras um lindo copé, muito leve e lustroso, tendo atrelada uma fina parelha de cavalos andaluzes, suspeitou a vizinhança que ele houvesse trazido Juca, e pôs-se á coca.

Não era bem isso. Juca não viera, mas Natividade saíra.

Logo constou que fôra aquele um presente de Juca e os alfacinhas, que são felizes em pôr alcunhas, começaram a chamar-lhe *o copé galante*.

Fizeram-se ditos. Ferveram comentarios.

Uma frase de senhoras vizinhas, estilo vestido de chita:

— Se o Juca não fosse tão rico, as Angras eram capazes de deixá-lo a tinir.

Uma frase com punhos de renda, estilo Luiz XIV:

— O Juca escolheu o mais leve e ligeiro copé que pôde encontrar-se em Paris, porque deseja que a Natividade chegue depressa á quinta da Benfeita.

Esta *blague* não andaria longe da verdade, porque uma vez lhe ouvimos a ele dizer, muito tempo antes:

— A mulher que se espera é a que mais estimula; e as relações conjugais têmo-las tanto á mão como o nosso espelho ou a escôva do fato.

Julio Cesar Machado e eu sabiamos o que se contava em Lisboa, mas entrincheiravamo-nos numa ostensiva indiferença, como se nada soubessemos, ou sequer suspeitassemos.

Nos jantares bi-mensais tinhamos o maior cuidado em evitar qualquer palavra, que pudesse parecer uma vaga alusão a certo antagonismo entre confissões outrora feitas por Juca e os factos recentes.

Ele não demolira nem renegara a sua teoria principal, mas havia ido arrancar ao firmamento a unica sobrevivente das suas quatro bem amadas espirituais, fazendo que a estrela descesse para ser mulher.

A este respeito teve Julio Cesar uma frase sentenciosa:

— Mas olha, meu caro, que os trinta anos femininos legalizam se a si proprios.

De modo que mentalmente, ou falando um com o outro, nós reconheciamos em Juca circunstancias atenuantes, como se diz na Boa Hora.

E, á mesa, procuravamos assuntos anodinos, supondo-nos a jantar com uma senhora ou uma criança.

Notamos, porém, que Juca, mais animado e verboso, supria com vantagem a nossa escassa e dificil eloquencia.

— Vês tu, disse-me Julio Cesar, a falta que fazia

na vida de Juca o contacto com uma senhora de sociedade, bem educada, espirituosa na conversação, podendo entretê-lo a contar os misterios e porventura os escandalos da alta roda, que é a sua; a falar-lhe de romances, pintura e ópera; do veraneio em Sintra e Cascais; e do Senhor dos Passos da Graça, aonde todas as fidalgas vão á sexta-feira com perfumes e camândulas? Natividade é filha de condes, frequenta o Paço, vem de raça fina; e isso, meu amigo, é um prémio grande que se apanha uma vez na vida e que sobe á cabeça, ainda que um homem tenha comunicado com dezenas de mulheres das mais cotadas na mercenária legião de Venus. Evidentemente, Natividade é outra coisa, é a amante aristocratica, bem nascida e além disso está na idade equatorial preconizada por aquele maganão de Balzac, que era entendido na materia. O nosso Juca, apesar de ser um homem discreto e calado, ressumbra alegria, não consegue disfarçar, quando janta comnosco, que pelos tapetes da Benfeita passam agora uns pés de mulher nobre, que tem pergaminhos autenticos e encantos inéditos.

— Encantos inéditos, dizes bem; deve ser assim. A Natividade é uma bela mulher. Sou da mesma opinião do grande Boucinha... pela primeira e última vez. Em vista do que, o nosso amigo Juca está embeiçado.

— Sabes? Tem-se falado muito do esplendor com que a Natividade foi ao baile *costumé* do Club do Carmo.

— Li isso em qualquer jornal; *Rainha de Sabá*, não era?

— Mas uma D. Adelina Serras, afilhada da condessa de Angra e professora de canto — aquela Adelina que Juca viu no Buçaco — disse em casa das Podestás que o vestido era de seda oriental, bordado

a oiro e estrelado de esmeraldas, topázios e rubins; que, segundo confessou Madame Aline, custou cerca de dez contos de réis, porque todas as joias eram verdadeiras; e que a tiara de brilhantes que a Natividade levava na cabeça não seria inferior, afirmavam as senhoras de idade, á que a rainha D. Maria II ofereceu em 1845 á condessa de Tomar. Amigos, D. Adelina concluiu dizendo: O *costume* era deslumbrante; mas a mulher não o era menos.

— Pois eu tambem ouvi a um *brasileiro* na Casa Havanesa, a respeito do vestido, que o Juca saía ao bisavô Nestor na bizarria com que encadernava ricamente as mulheres, como saía á mãe no horror pelo casamento, porque ela não amara o marido e viveu sempre contrariada.

A condessa de Angra observou que Natividade mandava pôr o copé cada semana em dia certo.

— O' filha, os teus passeios são como as récitas ordinarias em S. Carlos. Acho isso monótonamente regulamentar. Se fosse eu, lembraria alguma vez uma récita extraordinaria.

— Credo! mamã. Era lá possivel! O Juca é um homem de costumes especiais, um intelectual como o papá nunca foi.

— O teu pai! Esse não passou nunca de um fanfarrão.

FIM

INDICE

I — Retratos de familia 7
II — Bafejos da sorte 21
III — O Negreiro 37
IV — Misterio de uma luva branca 51
V — Revelações sinceras da Pretinha 65
VI — Crise de tédio 81
VII — Face negra e alma limpida 97
VIII — O pai e o filho 111
IX — Resolução tomada de comum acôrdo 125
X — Regresso a Portugal 141
XI — Precalços da celebridade 155
XII — A maré da confidência 169
XIII — Mary 183
XIV — Raquel 195
XV — Natividade 211
XVI — Noémi 225
XVII — Filosofia da condessa 237

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.ª

68 — RUA DO MUNDO — 70

OBRAS DE ALBERTO PIMENTEL

Viagem á roda das «Viagens» (garreteano) ..... 6$
Do porta! á clarabóia, romance, 1 vol. ..... 1$
A côrte de D. Pedro IV. 1 vol. ..... 2$
Notas sobre o «Amor de perdição», 1 vol. il. ..... 1$
A primeira mulher de Camillo, 1 vol. il. ..... 1$
O arco de Vandoma, romance, 1 vol. ..... 2$
A porta do paraiso, romance, 1 vol. in 4.º, il. ..... 3$
Terra prometida, romance, 1 vol. ..... 1$
O anel misterioso, romance, 1 vol. il. ..... 1$
A princesa de Bolvão, romance, edição definitiva, 1 vol. ..... 1$
O melhor casamento, romance, 1 vol. ..... 2$

BONS LIVROS

Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende, 5 vol. ..... 15$00
Cronica do Principe D. João, por Damião de Goes. ..... 2$50
Cronica da tomada de Ceuta por El-Rei D. João I, 1 vol. ..... 5$00
Cronica de D. João III, por Francisco d'Andrade, 4 vol. ..... 20$00
Cronica da ordem dos frades menores, por José Joaquim Nunes 2 vol ..... 8$00
Cantos populares portuguêses por Thomaz Pires. 4 vol ..... 12$00
D. Francisco Manuel de Mello, (Esboço biografico) por Edgar Prestage. 1 vol. ..... 5$00
Memorias historico-genealogicas dos duques portuguêses no seculo XIX. 1 vol. ..... 10$00
Medalhas portuguêsas e estrangeiras referentes a Portugal, por Antonio Lamas 1 vol. in 4.º de 570 pag. de texto e 107 de gravuras ..... 6$00

Os Lusiadas, de Camões, segundo o texto da 1.ª ed., dirigida pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. ..... 5$
Livro de Montaria de D. João I, 1 vol. ..... 6$
Decada 13.ª da Historia da India, por Antonio Bocarro, 2 v. 10$
Vida e obras de Luiz de Camões. Versão do original alemão e anotada por Carolina Michaelis de Vasconcellos. 1 vol. de 750 pag. ..... 10$
As Sabichonas, de Moliére. Versão de Castilho. ..... 4$
O Misantropo, de Moliére. Versão de Castilho. ..... 3$
O Medico á força, de Moliére. Versão de Castilho. ..... 2$
O Eterno feminino (realismos e evocações) por Fernandes Costa, 1 vol. em papel de linho, de 550 paginas, edição propria para brindes ..... 4$

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Sem pés nem cabeça, 3.ª edição, de André Brun. ..... 2$
Sem cura possivel, 2.ª » » » » ..... 2$
A Cidade, de D. João da Camara — 2.ª ed., papel de linho ..... 1$
Coisas minhas, contos humoristicos, 2.ª ed., de Chagas Roquette. 2$
A Catedral, romance de Manuel Ribeiro ..... 2$
Os que se divertem (A Comedia da Vida) por Luzia 1 vol. ..... 2$

PQ
9261
P46M4

Pimentel, Alberto
O melhor casamento

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 09 013 7